

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAELA MASCARENHAS ROCHA

CURITIBA POLONESA?: UM ESTUDO SOBRE
LOGRADOUROS PÚBLICOS DEDICADOS A
IMIGRANTES E DESCENDENTES DE
POLONESES (1951-2008).

CURITIBA

2016

RAFAELA MASCARENHAS ROCHA

CURITIBA POLONESA?: UM ESTUDO SOBRE
LOGRADOUROS PÚBLICOS DEDICADOS A
IMIGRANTES E DESCENDENTES DE
POLONESES (1951-2008).

Pesquisa de Dissertação de
Mestrado, dentro da Linha de
Pesquisa Cidadania e Estado e do
eixo Temático de Sociologia das
Imigrações, no Programada Pós
Graduação em Sociologia, sob a
orientação do Prof. Dr. Márcio S. B.
de Oliveira.

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Rocha, Rafaela Mascarenhas

Curitiba polonesa?: um estudo sobre logradouros públicos
dedicados a imigrantes e descendentes de poloneses (1951-2008) /
Rafaela Mascarenhas Rocha – Curitiba, 2016.
146 f.

Orientador: Prof. Dr. Márcio S. B. de Oliveira
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências
Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Poloneses – Paraná - História. 2. Ruas – Curitiba (PR) –
História. 3. Folclore – Curitiba (PR) - Poloneses. I. Título.

CDD 981.62

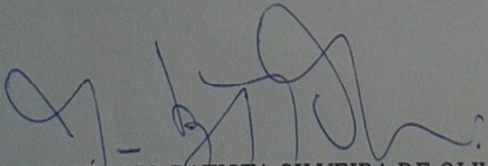


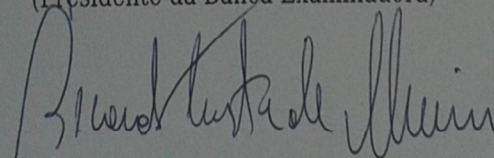
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em SOCIOLOGIA
Código CAPES: 40001016032P2

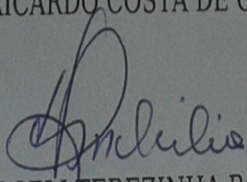
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAFAELA MASCARENHAS ROCHA**, intitulada: "**CURITIBA POLONESA?: UM ESTUDO SOBRE LOGRADOUROS PÚBLICOS DEDICADOS A IMIGRANTES POLONESES (1951-2008)**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação.

Curitiba, 30 de Março de 2016.


Prof MÁRCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA (UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


Prof RICARDO COSTA DE OLIVEIRA (UFPR)


Prof ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os orixás que iluminam os meus caminhos e aos guias espirituais que me acompanham aonde eu for. Agradeço aos meus familiares, Debbie - minha mãe, Paulo - meu pai, Camila e Vinícius - meus irmãos que estão sempre prontos a apoiar as minhas escolhas, compreender pacientemente minha forma de trabalho e estão lado a lado comigo. Ao Pedro, pelo companheirismo, paciência e amor, por dividir comigo a vida e as inquietações científicas cotidianas. Aos meus amigos pela paciência, diversão e compreensão, aos colegas pelas informações e energias positivas e aos meus animais de estimação, pelo carinho revigorante.

Agradeço ao meu orientador, prof. Márcio que acreditou e acolheu a mim e ao meu trabalho, ao CNPq que financiou esta pesquisa com a bolsa de mestrado e à UFPR, que amplia cada vez mais suas descobertas científicas em humanidades, possibilitando a melhoria do entendimento, do respeito e da aproximação acolhedora entre os povos e os indivíduos.

Agradeço ainda aos órgãos que tornaram essa pesquisa possível: à Representação da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil - Braspol, ao Grupo Folclórico Polonês Wisla, à senhora Danuta Lisicki de Abreu pelas prestimosas informações; ao IPPUC, ao Colégio Estadual Santa Cândida, ao Museu Paranaense, à Câmara de Vereadores de Curitiba, à Casa da Memória de Curitiba, à Sociedade Polono-brasileira Tadeusz Kosciuszko pelos importantes dados utilizados aqui e ao Consulado da Polônia no Brasil pelo respeito e apoio neste período.

“Pelos caminhos que ando
Um dia vai ser
Só não sei quando”

Paulo Leminski (1944-1989) – poeta curitibano de origem polonesa

RESUMO

A cidade de Curitiba teve a sua história e ocupação bastante marcada pela presença dos imigrantes poloneses. Diferentemente da presença do grupo italiano, por exemplo, que se concentra no bairro de Santa Felicidade, que promove a culinária e o folclore dos imigrantes e descendentes de italianos, a presença polonesa não possui a mesma visibilidade. O objeto desta pesquisa é adentrar aos aspectos históricos da imigração polonesa em Curitiba, ocorrida a partir da década de 1870, conhecer a vida nas colônias rurais nos arredores da cidade; as expressões intelectuais, culturais e religiosas dos imigrantes; e a forma de vida adotada por eles em meio à composição urbana da capital paranaense. O grupo composto por imigrantes e descendentes de poloneses traz algumas marcas de sua presença na cidade de Curitiba até os dias atuais, e uma dessas marcas são visíveis em alguns endereços da capital. Centenas de nomes de ruas, avenidas e praças homenageiam imigrantes ou descendentes de poloneses em quase todos os bairros da cidade. Essas homenagens são analisadas aqui para que se compreenda quem são os atores políticos que as prestam; como é o processo de oficialização dos nomes, quando essas denominações aconteceram e como foram as trajetórias de vida dos homenageados. Esse objetivo é realizado através do mapeamento bairro a bairro dos endereços com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses em Curitiba, verificando-se os bairros com maior e menor ocorrência de homenagens desta natureza e traçando comparativos entre eles.

Palavras Chave: Imigrantes, Poloneses, Logradouros, Curitiba.

ABSTRACT

The city of Curitiba had its history and occupation quite marked by the presence of Polish Immigrants. Unlike the Italian group presence, for example, that focuses on the Santa Felicidade neighborhood, promoting culinary and folklore of Italian descendants, the Polish presence doesn't have the same visibility. The object of this research is entering the historical aspects of Polish immigration in Curitiba, which took place from the 1870s, to know about the life in rural settlements outside the city; the intellectual, cultural and religious immigrant's expressions; and the lifestyle adopted by them among the urban composition of Paraná's capital. The group of immigrants and Polish descents has some traces of his presence in Curitiba up to the present. And one of these traces is visible in some streets of Curitiba. Hundreds of street names, avenues and square names give tributes to Polish immigrants or descendants in almost all Curitiba neighborhoods. These tributes are analyzed here in order to understand who gives them; how is the process of formalizing, when it happens and what's the trajectory of these people? This understanding is accomplished by mapping all neighborhoods and their addresses with Polish immigrant and descents names in Curitiba, checking the neighborhoods with the highest and lowest occurrence of Polish's names on the streets and make comparisons with these information and tributes.

Keywords: Immigrants, Polish, Addresses, Curitiba.

SUMÁRIO

Introdução	11
Cap. I: Sociologia das Imigrações e estudos sobre Homenagens	17
1.1 – estudos de Imigração na Sociologia Clássica	18
1.2 - A escola de Chicago	20
1.2.1 – As Pesquisas desenvolvidas pela Escola de Chicago.....	21
1.3 – A Sociologia das Imigrações no Brasil	24
1.3.1 – Poloneses no Paraná	24
1.4 – Entendendo o reconhecimento	27
Cap. II: A Imigração Polonesa na região Metropolitana de Curitiba	29
2.1 – O contexto paranaense antes da imigração	33
2.1.1 – A Economia Pecuária	33
2.1.2 – A Economia da Erva Mate	34
2.1.3 – Os desafios econômicos para o Paraná após a Emancipação ..	36
2.2 – A chegada dos imigrantes poloneses ao Paraná	38
2.3 – Alguns hábitos da comunidade polonesa em Curitiba e região	44
2.3.1 – Os jornais poloneses	46
2.3.2 – As escolas dos imigrantes poloneses	46
2.3.3 – As associações recreativas	47
2.4 – As colônias polonesas na cidade de Curitiba	49
Cap. III: A Comunidade Polonesa Homenageada em Logradouros Públicos...	65

3.1 – Algumas marcas da presença polonesa em Curitiba	68
3.1.1 – Na Região Central de Curitiba	69
3.1.2 – No bairro Orleans	74
3.1.3 – No Bairro do Abranches	78
3.2 – O conceito de homenagem e a comunidade polonesa em Curitiba	79
3.3 – Os logradouros	83
3.3.1 - Os logradouros poloneses por bairros de Curitiba: comparações.....	85
3.3.2 - O mapeamento dos logradouros pelos bairros de Curitiba	92
3.4 – As tramitações dos nomes de logradouros públicos na Câmara Municipal de Curitiba	97
3.4.1 – A Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Curitiba	98
3.4.2 – Propostas de denominação feitas por iniciativas individuais	99
3.4.3 – Dados sobre as tramitações dos projetos	99
3.5 – Dados sobre os proponentes das denominações	101
3.5.1 – O Vereador José Gorski	102
3.5.2 – O Vereador Tito Zeglin	103
Cap. IV: Os Resultados das Homenagens aos Poloneses em Logradouros ..	104
4.1 – Cinco bairros curitibanos.....	105
4.2 – Os logradouros com homenagens a imigrantes ou descendentes de poloneses	114
4.2.1 – A Rua Edmundo Saporski.....	114

4.2.2 – Rua Adviga Lipinski	117
4.2.3 – Rua Afonso Lipinski	118
4.2.4 – Rua Pe. Francisco Chylaszek	119
4.2.5 – Rua Jerônimo Durski	120
4.2.6 – Rua Pe. João Wislinski	121
4.2.7 – Rua José Domakoski	122
4.2.8 – Largo Júlio Szymanski	124
4.2.9 – Jardim Dep. Ladislau Lachowski	125
4.2.10 - Rua Madame Curie (Maria Slodowska)	126
4.2.11 – Rua Paulo Gorski	128
4.2.12 – Rua Pedro Racoski	129
4.2.13 – Rua Profa. Rosa Saporski	130
4.2.14 – Rua Theodoro Makiolka	131
Considerações Finais	135
Referências Bibliográficas	139

LISTA DE FIGURAS

2.1 - Primeiras famílias de imigrantes polonesas que chegaram ao Brasil	41
2.2 – Fachada da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciusko	48
2.3 - Paróquia de Sant'ana do Abranches.....	56
2.4 - Mapa das antigas colônias Orleans e Santo Inácio	57
2.5 - Igreja de Santo Antônio do Orleans.....	59

2.6 - Casarão onde funcionou o Colégio Santa Cândida.....	63
3.1 - Fachada da Igreja de Santo Estanislau	70
3.2 - Casas Típicas dos colonos poloneses dentro do Bosque do Papa	71
3.3 – Portal Polonês	72
3.4 - Placa em mármore na lateral do Portal Polonês	73
3.5 - Totem localizado na Praça da Sagrada família, bairro Orleans	75
3.6 - Portal de entrada da Paróquia Santo Antônio do Orleans	76
3.7 - Estádio José Drulla Sobrinho, sede do Clube União Nova Orleans	77
3.8 - Sede da Sociedade Recreativa Abranches	78
3.9 - Celebração de Nossa Senhora de Chestochowa	80
3.10 – Placa em homenagem a Saporski.....	81
3.11 – Bustos de cientistas e artistas poloneses	82
4.1 – Vista da Rua Edmundo Saporski	115
4.2 – Comércio na Rua Edmundo Saporski	116
4.3 – Rua Adviga Lipinski	117
4.4 - Rua Afonso Lipinski	118
4.5 – Rua Pe. Francisco Chylaszek	119
4.6 – Rua Jerônimo Durski	121
4.7 – Rua Pe. João Wislinski	122
4.8 – Rua José Domakoski.....	123
4.9 – Largo Júlio Szymanski	125
4.10 - Jardim dep. Ladislau Lachowski	126
4.11 - Rua Madame Curie (Maria Sklodowska)	127

4.12 – Rua Paulo Gorski	128
4.13 – Rua Pedro Racoski	129
4.14 – Rua Profa. Rosa Saporski	131
4.15 – Rua Theodoro Makiolka	132

LISTA DE MAPAS

2.1 - Municípios que compõem a Região Metropolitana de Curitiba	32
2.2 - Polônia ocupada pelo Império Austro-húngaro, Rússia e Prússia	40
2.3 - Bairros curitibanos que compunham as antigas colônias polonesas	53
2.4 - Cidade de Curitiba entre os anos de 1947 – 1953	54
3.1 - Curitiba com divisão por bairros	67
3.2 - Antigas colônias de imigrantes poloneses em Curitiba	94
3.3 - Bairros mais populosos de Curitiba	95
4.1 – Destaque das ruas com nomes poloneses no bairro Abranches	107
4.2 – Destaque das ruas com nomes poloneses no bairro Campina do Siqueira	108
4.3 – Destaque das ruas com nomes poloneses no bairro Orleans	109
4.4 – Destaque das ruas com nomes poloneses no bairro Santa Cândida	111
4.5 – Destaque das ruas com nomes poloneses no bairro Santo Inácio	113

LISTA DE TABELAS

3.1 - Bairros curitibanos onde se encontram o maior número de logradouros com nomes de poloneses.....	86
3.2 - Comparação entre o tamanho dos bairros e a quantidade de logradouros com nomes poloneses.....	87
3.3 - Bairros que foram colônias de outras nacionalidades e a ocorrência de logradouros poloneses até 2008	90
3.4 – Parlamentares Proponentes na Câmara Municipal de Curitiba, dos projetos de lei para denominação de logradouros.....	100
3.5 – Vereadores de Curitiba, desde 1947, que possuem origem polonesa ..	101

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XIX, milhares de trabalhadores de origens europeia e asiática imigraram ao Brasil em busca de melhores condições de trabalho, e as encontraram no Brasil, principalmente no meio rural. Dos estados brasileiros que mais receberam imigrantes, o Paraná contou com grande variedade de comunidades estrangeiras durante este período, e contou também com a maior parcela de imigrantes de origem polonesa no Brasil, segundo dados de pesquisadores do tema. A vinda dos imigrantes europeus foi fundamental para que o Paraná desenvolvesse sua economia e expandisse a ocupação territorial em diversas regiões do estado, conforme aponta Nadalin (2001) e entre essas populações de imigrantes, encontra-se a parcela polonesa, que ocupou principalmente áreas da região leste do Paraná, compreendendo o município de Curitiba, alguns municípios da atual região metropolitana como Campo Largo e Araucária e outros mais ao sul do estado, como Rio Negro e São Mateus do Sul.

Com isso, a presente dissertação tem como quadro maior de referência a imigração polonesa no Paraná, de modo a retratar parte da história da chegada e instalação destes imigrantes ao estado, que compreende o período das décadas de 1870 a 1940, aproximadamente, pois marca o período da II Guerra Mundial e da política de Nacionalização exercida pela ditadura Vargas que fazia proibições aos estrangeiros no país. A história dos imigrantes poloneses será mostrada através de um levantamento que conta sobre a chegada dos imigrantes poloneses ao Paraná, a instalação destes em colônias rurais para cultivo de hortaliças e criação de pequenos animais; retratando também a influência no âmbito cultural e educacional que alguns membros da comunidade polonesa tiveram na cidade de Curitiba, principalmente. Os dados históricos sobre a chegada da imigração polonesa ao Paraná são trazidos a este trabalho com base na leitura de obras de Wachowicz (1976; 1982; 2000); Oliveira (2010), Goulart (2000), Boschilia (2004), Santos (2001) e Nadalin (2001). O recorte histórico selecionado para contar a história da instalação dos imigrantes poloneses em Curitiba - que compreende as décadas de 1870 a 1940 - retrata um avanço estrutural e um impulso no processo de

urbanização da cidade de Curitiba, incentivados pela economia da erva mate que movimentava a região, (SANTOS, 2001), pois houve iniciativas da Câmara Municipal que visavam destinar áreas da cidade para ocupação colonial.

Há que se destacar também, a importância da criação de escolas dentro das colônias polonesas em Curitiba. As instituições escolares que lecionavam em polonês tiveram grande relevância nas primeiras décadas do século XX não só na capital como em todo o Paraná, conforme retrata Oliveira (2010), pois foi uma maneira de integração e desenvolvimento intelectual e cultural da comunidade polonesa. Isso representa um importante elemento histórico do desenvolvimento das colônias da região. A explanação capaz de contar sobre a história de algumas colônias polonesas em Curitiba é composta por documentos históricos que tratam desde a chegada e a instalação dos imigrantes poloneses nas colônias; a vivência destes indivíduos que tinham como maior local de socialização as Igrejas; as inovações tecnológicas implantadas por eles no trabalho agrícola, entre outros pontos. O uso de imagens também é um ponto muito forte do trabalho porque se configura em uma linguagem auxiliar na compreensão da comunidade estudada, por parte do leitor.

Os imigrantes poloneses que vieram ao Paraná¹ a partir da segunda metade do século XIX apresentaram-se como uma solução para um problema de abastecimento de alimentos, percebido pelas autoridades locais e pelos setores dominantes da economia paranaense, que à época tinha como pilar de sustentação o cultivo, industrialização e exportação da erva mate. A crise de abastecimento que acometia o Paraná preocupava as autoridades locais, porque a província convivia com a falta de cultivo de gêneros alimentícios, principalmente o plantio de hortaliças e a criação de pequenos animais, para a venda nas cidades e esses produtos precisavam ser comprados de outras províncias ou até mesmo de outros países (NADALIN, 2001). Como a produção agrícola em pequenas propriedades já era algo familiar aos imigrantes, isso facilitou o início da instalação desta comunidade na terra de adoção. Pois segundo Boschilia (2004) e Wachowicz (1976), a maioria dos imigrantes poloneses que se instalou em colônias no estado

¹ Os imigrantes poloneses que vieram ao Paraná no século XIX eram provenientes de regiões distintas da Polônia, que estava ocupada e dividida por diversos reinos. Os locais específicos de origem desses imigrantes e o mapa que ilustra o contexto polonês à época da emigração serão apresentados em capítulo a seguir.

do Paraná era de origem camponesa na Polônia. O trabalho dos imigrantes poloneses também era empregado em atividades urbanas e domésticas, como o trabalho nas construções de estradas, nos serviços domésticos - em sua maioria, destinados às mulheres - e a ocupação de garoto de recados.

Após ser contada parte da história da imigração polonesa ao Paraná, o trabalho se direciona a observação de elementos em meio à cidade, que são capazes de proporcionar destaque e visibilidade para o grupo de imigrantes e descendentes de poloneses. As iniciativas para tal visibilidade, analisadas neste trabalho se referem a medidas vindas principalmente do poder público, na figura da Câmara Municipal de Curitiba, que foram estabelecidas por volta dos últimos 40 anos. Iniciativas estas voltadas a homenagear indivíduos da comunidade polonesa por meio de nomeação de logradouros públicos; nomeação de espaços públicos; condecorações como o título de “Cidadão Honorário” a membros do grupo polonês; projeto de Lei para celebração do Dia do Imigrante Polonês na data de dois de maio de todos os anos; entre outros projetos de lei que citam o grupo de imigrantes poloneses e elevam o prestígio destes indivíduos junto ao legislativo municipal. Há também a publicação de jornais da comunidade polonesa, alguns deles escritos em polonês. Muitos desses jornais circulavam em Curitiba na primeira metade do século XX e eram projetos tocados por imigrantes poloneses ligados ao trabalho intelectual e que serviam de meio de integração e informação das colônias.

É fato que a imigração polonesa é o grupo que contou com maior número de membros em todo o estado do Paraná, em especial na cidade de Curitiba, de acordo com Oliveira (2010), e a presença desses imigrantes se torna visível em alguns lugares da cidade: como Igrejas, parques, praças, espaços culturais e endereços, são esses espaços que se apresentam neste trabalho. Ainda assim, a existência dessas áreas não é capaz de resolver o paradoxo que há entre a existência de locais que trazem a marca da presença polonesa e a baixa visibilidade e o pequeno destaque obtido por esta imigração. Uma possível explicação para tal é o forte estigma colocado sobre o imigrante polonês como aponta Ianni (1966), mostrando que esta população era colocada em inferioridade em relação a outros grupos de imigrantes por parte da população local, sob a forma de preconceito.

A intenção desta pesquisa é entender um paradoxo que aparentemente circunda a comunidade polonesa em Curitiba, que se trata da alta população desta origem e uma relativamente pequena visibilidade deste grupo nos espaços públicos da cidade. Os endereços com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses entra nesta pesquisa como objeto empírico para observar tal visibilidade.

Para que se compreender o que é o destaque ao grupo de imigrantes e descendentes poloneses, a pesquisa se volta para a análise dos já citados projetos de Lei na Câmara Municipal de Curitiba para condecorações e datas comemorativas, como também a nomeação de logradouros públicos. É fundamental entender que as denominações de endereços correspondem à homenagens feitas por parlamentares ligados à comunidade polonesa, ou não, e que de alguma forma identificam que o homenageado teve reconhecimento na sociedade do bairro em que vivia, da cidade, do país ou em nível mundial.

Dados como estes são importantes para mensurar a visibilidade da comunidade polonesa na casa municipal de leis, mostrando assim, que não há somente a importância histórica da presença polonesa, como também há influência nos tempos atuais. Esta pesquisa apresenta um levantamento de dados que catalogou as ruas, avenidas, praças e jardins com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses em Curitiba. A pesquisa traz a quantidade de logradouros em toda a cidade, a localização destes dentro de cada bairro, uma breve biografia do homenageado em cada endereço e quem, por parte do poder público, possibilitou a prestação destas homenagens. Esses dados foram escolhidos porque mostram a visibilidade da imigração polonesa de uma forma mais ampla e numerosa, do que se fossem apresentados estabelecimentos comerciais, por exemplo, que existem em número inferior ao de endereços; e também porque se apresentam de uma forma descentralizada, apresentando ruas que levam nomes de pessoas de diferentes categorias sociais e profissionais, como professores, cientistas, caminhoneiros, donas de casa, por exemplo, e não se limita aos grandes líderes e pioneiros da imigração.

A cidade de Curitiba conta atualmente com 463 logradouros públicos com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses (de um total de 8034 logradouros na cidade) de acordo com dados do IPPUC (2008), em vários dos 75

bairros da capital paranaense, entre outros diversos espaços públicos que homenageiam membros da comunidade e isso se caracteriza como uma curiosidade particular de representação da comunidade polonesa. A partir dos dados referentes aos logradouros, que foram levantados e estão presentes nesta pesquisa, se torna necessário entender essas homenagens aos descendentes e imigrantes. Compreender em que medida esses logradouros públicos refletem a importância da imigração polonesa na cidade. Verificar em que regiões da cidade estes logradouros estão localizados, através de um mapa que possibilite a visualização desses logradouros. Conhecer os vereadores que propuseram leis para a denominação de endereços que homenageiam os imigrantes ou descendentes. De modo a verificar se alguns desses vereadores, ou se todos eles possuem alguma ligação com a comunidade polonesa, ou se não possuem. Entender de que forma esses dados levam à compreensão do destaque dado e da forte presença polonesa na cidade de Curitiba.

Juntamente com os logradouros e espaços públicos, foram catalogados projetos de lei que tramitaram na Câmara Municipal de Curitiba durante a segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI, e que tem ligação com a comunidade polonesa de alguma maneira, como já foi citado acima. A pesquisa também localizou e apresenta aqui os vereadores de origem polonesa que participaram de legislaturas da Câmara Municipal, durante este período. Todos esses dados estão dispostos nesta pesquisa a fim de levar o leitor ao entendimento sobre a questão da real relevância que a comunidade polonesa em Curitiba tem no contexto geral da cidade. O levantamento dos dados referentes a homenagens a imigrantes e descendentes por meio de nomeação de logradouros é importante para aumentar ainda mais o arcabouço de informações que elevem o destaque da comunidade polonesa na cidade.

Pensando sobre as homenagens prestadas em logradouros públicos, apresenta-se uma comparação, em que se vê um número muito maior de logradouros com nomes de italianos (982 endereços), portanto isso significaria uma maior visibilidade à imigração italiana em Curitiba? Compara-se também os bairros que tem maior ou menor incidência de logradouros com nomes de poloneses, questionando se a ação parlamentar foi mais forte para a denominação de

logradouros em um bairro do que em outro? Nos bairros com poucas ruas de nomes poloneses, quais são os nomes dos endereços presentes lá? Sobre os homenageados com os seus nomes nos endereços localizados por toda a cidade: essas pessoas tiveram destaque para a cidade? Para os imigrantes poloneses, ou eram pessoas somente conhecidas na sua vizinhança? Todos estes questionamentos são respondidos neste trabalho, através de dados e parte das trajetórias dos homenageados.

O capítulo que abre esta pesquisa apresenta uma revisão teórica sobre os estudos voltados para o tema das imigrações dentro da Sociologia, contando como se iniciaram as pesquisas no tema, em que fase do desenvolvimento da ciência encontrou-se o questionamento acerca das populações estrangeiras, e como estas pesquisas se desenvolvem no Brasil. Há também a reflexão sobre conceitos como honra e representação, para se chegar à noção de homenagem – homenagear e ser homenageado.

O segundo capítulo, por sua vez, traz um levantamento da história da imigração polonesa para a região de Curitiba. Contando como era a situação política, econômica e social do Paraná à época da imigração deste grupo, e os motivos que impulsionaram o governo da Província do Paraná a incentivar a vinda de imigrantes, a divisão de terras para a instalação destes e o incentivo na produção de alimentos. O capítulo mostra como foi o início das instalações dos imigrantes nas colônias; o caminho percorrido por eles para fixarem-se em terras paranaenses; uma abordagem especialmente focada nas colônias que se localizavam nos arredores de Curitiba (o chamado Rocio da Capital), mostrando também como os colonos conviviam e trabalhavam.

Em um terceiro capítulo estão apresentadas as marcas da imigração polonesa em Curitiba na atualidade, desde monumentos no centro da cidade, passando pelo Memorial Polonês até os bairros curitibanos que foram colônias polonesas no passado, diversas imagens apresentam parte da presença polonesa na cidade. Também são dispostos os dados referentes às denominações de endereços da capital que levam nomes de poloneses ou descendentes. Destes dados, extrai-se também a localização por bairros; a maior incidência deles em uns bairros e menor em outros; a tramitações legislativas pelas quais passaram os

logradouros estudados até a sua oficialização, contendo informações como o ano de aprovação da lei e o parlamentar autor da proposição de lei para denominação do endereço. Observando como a Câmara Municipal de Curitiba trabalha a tramitação de projetos de lei para denominação de endereços, há a diferenciação de projetos que são de autorias individuais, daqueles apresentados dentro de comissões especiais de trabalho ou ainda endereços que foram oficializados por meio de decretos do poder executivo municipal.

O quarto (e último) capítulo apresenta os resultados da pesquisa através da exposição de mapas dos cinco bairros que receberam maior número de imigrantes poloneses, no tempo das colônias, cada bairro destacando a quantidade de ruas com nomes de poloneses em seu interior. São expostas ainda, as ruas em que se obteve o maior número de informações, dispostas assim: uma breve biográfica do homenageado, o processo de oficialização da denominação com a data e a localização de cada uma. Essas informações levam, por fim, a uma reflexão sobre a homenagem propriamente dita: quem pode ser homenageado? Quem pode homenagear? E a partir de que época Curitiba começa a prestar referências desta natureza a imigrantes poloneses?

Nas considerações finais são retomadas algumas reflexões acerca da história da imigração do grupo polonês em Curitiba, das homenagens que se prestam a indivíduos por meio de endereços, observando como é de grande valia a atitude de se prestar reconhecimento aos membros da comunidade em questão, a fim de situar a importância desta parcela da população no espaço urbano.

I – SOCIOLOGIA DAS IMIGRAÇÕES E ESTUDOS SOBRE HOMENAGENS

O capítulo a seguir trata sobre como se desenvolveram os estudos referentes às imigrações na sociologia, em âmbito nacional e mundial, ao longo do século XX, e início do século XXI. Ao passar pelos trabalhos a respeito das populações imigrantes, voltando-se mais especificamente para as imigrações no Brasil e a parcela polonesa destes, é necessário compreender a noção de

reconhecimento entre os indivíduos, para que se chegue a uma reflexão sobre as homenagens entre estes. Os homenageados e prestadores de homenagens devem estabelecer uma relação que perpassa pelo reconhecimento do prestígio social e da honra, e esta reflexão é feita ao final deste capítulo. Para que ao longo da pesquisa seja possível responder às questões de como acontece o ato de homenagear alguém; quem pode ser homenageado; quem pode prestar a homenagem; e como esse processo acontece dentro de uma comunidade de imigrantes.

1.1 – Estudos de Imigração na Sociologia Clássica

A temática das populações imigrantes e/ou emigrantes dentro da sociologia aborda a situação de indivíduos que vivem como estrangeiros; os fatores que cercam a saída destes indivíduos de sua terra de origem; a chegada, instalação e integração destes à terra de adoção; e o indivíduo imigrante sendo observado como um ator social. A temática da imigração não se mostrava central nas obras dos precursores da sociologia, como Karl Marx e Émile Durkheim, por exemplo. No entanto, conforme mostra Oliveira (2014), o tema não foi ignorado completamente entre os autores clássicos da sociologia, tendo sido abordado posteriormente por autores que receberam influências diretas destes. É o caso de Friederich Engels, quando escreve *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, mostrando que o crescimento urbano favorecido pela industrialização na Inglaterra, acarretava no deslocamento de trabalhadores, vindos principalmente da Irlanda:

“O rápido desenvolvimento da indústria britânica não teria sido possível se a Inglaterra não dispusesse de uma reserva – a numerosa e pobre população da Irlanda. Os irlandeses, em sua terra, nada tinham a perder e, na Inglaterra, muito a ganhar; (...).” (ENGELS, F. 2008, p.131)

O que o autor aponta quando trata a respeito da entrada de trabalhadores irlandeses na Inglaterra, é que a miséria, o alcoolismo e a ignorância eram fatores inerentes aos irlandeses desde a sua infância, como se fossem fatores impregnados em sua cultura, e que isso estaria influenciando negativamente o proletariado inglês, o que o impediria de se organizar politicamente.

Contudo, se para os autores de tendência marxista do início do século XX, o processo migratório estava vinculado à acumulação de capital, à transferência deste acúmulo de uma região para outra e as consequências acarretadas pelo inchaço populacional nos meios urbanos, como traz o mesmo texto de Oliveira (2014); esses autores não se aprofundaram sobre as questões que envolvem a figura do imigrante em suas particularidades: “a tradição marxista de fins do século XIX e início do século XX, pouco destaque deu à origem e/ou à diversidade dos grupos de imigrantes.” (OLIVEIRA, 2014. P.76). Quer dizer que, não se tem, nestes autores, o imigrante como ator social central de suas investigações científicas.

Georg Simmel também se dedicou brevemente à temática da imigração, quando discutiu a noção de espaço na sociedade. Ele passa pela ideia de uso comum do espaço entre indivíduos e povos. Em *Sociologia* (1927), Simmel trata ainda sobre o estrangeiro, afirmando que aquele indivíduo não-nômade, que chega à nova terra e se instala, pode constituir uma noção positiva entre proximidade e distanciamento. O autor observa que este estrangeiro tem maiores objetividades de interesse, visto que não se encontra preso a nenhum tipo de amarra, como o espaço, por exemplo.

"Como el extranjero no se encuentra unido radicalmente con las partes del grupo o con sus tendencias particulares, tiene frente a todas estas manifestaciones la actitud peculiar del 'objetivo', que no es meramente desvío e falta de interés, si no que constituye una mezcla sui generis de lejanía e proximidad, de diferencia e interés." (SIMMEL, 1927. p. 302).

A abordagem feita tanto por Engels quanto por Simmel mostra que no decorrer do desenvolvimento da sociologia, a temática envolvendo populações imigrantes não tinha um peso central, pois aparecia com pouco destaque e eram meramente participantes do meio estudado, não eram observados como objeto

final de estudos. A fase em que os estudos sobre imigração passaram a figurar com peso maior entre os temas debatidos na sociologia foi durante as três primeiras décadas do século XX, já do outro lado do Oceano Atlântico, a partir dos trabalhos desenvolvidos na Universidade de Chicago (EUA), com a chamada Escola de Chicago.

1.2 A Escola de Chicago

O que se convencionou chamar de Escola Sociológica de Chicago teve início a partir da implantação de um departamento de Sociologia e Antropologia na Universidade de Chicago. Esse departamento foi inovador no âmbito das ciências humanas nos Estados Unidos, como também representou um grande marco na produção sociológica do início do século XX, devido à sua forma de aplicar conceitos e fazer verificações científicas através de pesquisa de campo – algo que era muito mais utilizado na antropologia até então, e encarado como novidade na sociologia - mas acima de tudo, considerar o objeto empírico como ponto fundamental do estudo, ocupando menos tempo sobre a discussão metodológica das abordagens. Os trabalhos desenvolvidos na área, durante os anos 1915 a 1940, em Chicago e os cientistas que lá trabalhavam estão entre o grupo de sociólogos conhecidos como a Escola de Chicago.

A Universidade de Chicago foi fundada em 1892, com recursos privados disponibilizados pelo empresário John D. Rockefeller. A cidade estava em franco desenvolvimento econômico e intelectual àquela época, e viria a se tornar uma referência em crescimento econômico e de modernização para o país. Na apresentação à edição brasileira de *Sociedade de Esquina*, o antropólogo Gilberto Velho observa o destaque que Chicago teve na história do estudo de sociologia, e a presença de grandes nomes da ciência nesta universidade. E que grande parte

da inspiração dos sociólogos citados acima por Velho (2005), veio da influência do sociólogo alemão Georg Simmel.

“Convém lembrar que de 1892 a 1929 havia em Chicago um Departamento de Sociologia e Antropologia – que mais tarde se dividiu – onde atuaram profissionais como Albion Small, William Tomas e Robert Park.” (VELHO *in*: WHYTE, 2005, P. 11).

Como mostra Coulon (1995), ao final do ano de 1935 aconteceu o encontro anual da American Sociological Society. Durante essa reunião, havia um grupo que se opunha à grande maioria dos pesquisadores, que era vinda de Chicago. Essa oposição se organizou de tal forma que houve uma ruptura entre os veículos de publicação sociológica, ou seja, que além do já publicado *American Journal of Sociology*, estava sendo fundado um segundo periódico com o mesmo tema – a *American Sociological Review*. Essa ruptura, de certa maneira determinou o início da derrocada da chamada Escola de Chicago, pois marcou uma redefinição de toda a sociologia estadunidense, que caminhou para novas conceituações, voltada a um caráter mais teórico e metodológico, aproximando-se da sociologia europeia; tornando, assim, a se preocupar com métodos de pesquisa e orientações teóricas, abandonando sobremaneira o olhar para o objeto empírico. Coulon (1995) aponta ainda, que alianças posteriores entre sociólogos dos dois lados do Atlântico e que trabalhavam tanto com observação empírica como com desenvolvimento metodológico, apontavam para estudos que conciliavam conceituação teórica e pesquisa quantitativa, visando assim um “equilíbrio” capaz de utilizar ambas as metodologias.

1.2.1 As pesquisas desenvolvidas pela Escola de Chicago

A Escola de Chicago desenvolveu pesquisas de peso para a sociologia, e que são reconhecidas até os tempos atuais. Foi a partir dos estudos feitos nesta

universidade, que tiveram início as pesquisas na área de sociologia urbana, em que se levantavam questões referentes a problemas sociais verificados no espaço urbano como a criminalidade e a delinquência juvenil, e se apresentavam propostas de soluções a estas questões, em favor do desenvolvimento dos meios urbanos que estavam em pleno crescimento populacional, econômico e tecnológico.

Diante de um cenário que viabilizava a pesquisa no ambiente urbano, muitos nomes que se destacaram no campo da sociologia estavam entre os pesquisadores de Chicago. E entre esses nomes, apresentados na obra de Coulon (1995), figuram alguns dos pesquisadores que se aprofundaram – de forma pioneira - nos estudos referentes à questão das populações imigrantes e do indivíduo estrangeiro como objeto de observação sociológica. Entre eles estão: Thomas & Znanieck que em *The Polish Peasant in Europe and America* (1918)², apresentaram problemas sobre a desorganização social vivida pelos imigrantes poloneses nos EUA. Os dados encontrados pelos autores davam conta de que aproximadamente dois milhões de imigrantes poloneses viviam nos EUA entre os anos de 1880 e 1910. Esse imenso contingente foi analisado segundo os aspectos sociais, econômicos e culturais, foi abordado também como estes imigrantes se reorganizavam socialmente na terra de adoção, a partir de uma série de problemas sociais que são abordados na obra. Tais análises foram feitas através da transcrição de correspondências trocadas entre os imigrantes e seus parentes na Polônia. Eufrásio (2008) aponta para o destaque inovador que esta obra teve para o desenvolvimento de pesquisas em sociologia:

“The Polish Peasant destacou-se por ter sido a primeira obra a combinar a construção teórica com a pesquisa empírica de maneira integrada e harmônica, sendo saudada como a obra que marcou o amadurecimento da sociologia americana num patamar que a sociologia europeia já havia atingido.” (EUFRÁSIO, 2008. P. 238).

² The Polish Peasant é uma obra clássica que, segundo a resenha de Eufrásio (2008) não tem tradução para o português. Há uma tradução incompleta para o espanhol, apenas com seleção de trechos. Tradução completa desta obra existe em idioma italiano e também em polonês. The Polish Peasant encontra-se esgotada e fora do mercado de livros.

O tema da desorganização social e da delinquência de jovens de origem imigrante também teve espaço na obra de William Foote Whyte, *Sociedade de Esquina*, (1943). Neste trabalho, o autor verifica como uma comunidade de descendentes de italianos que vivia em um subúrbio na cidade de Boston (EUA) promove a sua cultura; estabelece suas posições sociais e suas relações de *status* e poder próprios; e assim verificou que a comunidade que ele havia pesquisado possuía suas instituições próprias, suas próprias normas de convívio e uma organização social paralela àquela vista em outras regiões da cidade.

Robert Park também foi um pesquisador que se dedicou a trabalhar com imigrantes, em *Introduction to the Science of Sociology*, que escreveu juntamente com Burgess em 1921, Park elaborou quatro etapas do convívio social, por onde sociedades que estudou passaram o que representava uma espécie de progresso social, sendo elas: a rivalidade, o conflito, a adaptação e a assimilação. O tema da assimilação, aliás, foi bastante desenvolvido em outras pesquisas futuras de outros autores, esses trabalhos se desenvolveram em torno de análises acerca da assimilação cultural de populações imigrantes, como soma de culturas e reconhecimento da identidade imigrante entre gerações e sociedades “hifenizadas”; preconceito e tensões raciais; e marginalidade, por exemplo.

No entanto, verifica-se que dentro do enfoque de populações imigrantes, os pesquisadores de Chicago elencaram alguns temas específicos, que lhes requeriam atenção, pois eram tema que visavam compreender o crescimento urbano – por vezes desordenado – em uma conjuntura cercada por criminalidade, delinquência e desorganização social, este era o desafio dos sociólogos, principalmente em Chicago no contexto da primeira metade do século XX. Ninguém dos pesquisadores apontados acima trabalhou a noção de homenagem dentro de comunidades imigrantes, tampouco o tema das representações e prestações de reconhecimento a membros ou grupos de imigrantes. Isso se deve porque, talvez, a esta época, ainda não havia vínculos suficientemente fortes entre imigrantes, descendentes e a terra de adoção, para que se estabelecessem tais referências.

1.3 – A Sociologia das Imigrações no Brasil

As diversas populações estrangeiras que migraram para o Brasil são temas de inúmeros trabalhos na sociologia produzida no país. Muitos autores se dedicam a registrar historicamente a entrada e instalação de populações imigrantes; outros trabalham com a identidade étnica através de festividades, organizações culturais, esportivas e educacionais; outros ainda tratam de comparar duas populações que tenham chegado ao mesmo tempo no país para verificar as diferenças de integração social e cultural das populações ao modo de vida no Brasil. As pesquisas referentes a este tema abordam desde as imigrações de europeus a partir de meados do século XIX, até as populações de refugiados políticos, que procuram recomeçar a vida no Brasil, nos tempos atuais. Como um dos exemplos de trabalhos relevantes na área, está o texto de Seyferth (1999), que trata sobre a Lei de Nacionalização imposta pelo governo Getúlio Vargas - proibindo, entre outras coisas, o uso de língua estrangeira em espaços públicos de todo o país - e que veio acarretar em transformações drásticas nas vidas dos estrangeiros no Brasil. Há que se citar ainda, de uma maneira mais ampla, trabalhos que relatam a perspectiva histórica das imigrações, tratando inclusive da imigração forçada de africanos para serem escravos no Novo Mundo. Processo este que no Brasil perdurou por 400 anos, sendo a venda de escravos a principal base da economia brasileira e a forma de trabalho dominante no país entre os séculos XVI e XIX (SANTOS, 2001).

Muito embora a diversidade temática e de abordagem esteja presente nas pesquisas sociológicas e históricas sobre imigração no Brasil, é importante focalizar aqueles que se referem à parcela polonesa de imigrantes, verificando como e sob quais aspectos este grupo foi estudado.

1.3.1 – Poloneses no Paraná

O grupo de imigrantes poloneses é, segundo Oliveira (2010) o mais numeroso a se instalar no estado do Paraná, sendo cerca de 41.600 imigrantes que viviam no estado entre os anos de 1870 e 1914. E talvez esse seja um dos motivos que levam muitos estudiosos a se debruçar sobre temas envolvendo este conjunto da população. Dentre os diversos trabalhos que tratam sobre a imigração polonesa no Paraná, há que se citar o de Oliveira (2010) que observa as organizações culturais deste grupo e a importância que é dada à educação por parte dos colonos poloneses em Curitiba; e a tese de Kanashiro (2006) mostrando a forma como as colônias polonesas foram instaladas no território curitibano, ainda que distantes da área urbana, as colônias ficavam próximas a estradas, a fim de facilitar o deslocamento da produção agrícola. Porém estes exemplos retratam muito do que se vivia nas colônias, tendo como marco temporal o início do século XX, no máximo, não são, portanto, trabalhos que abordam a realidade presente de descendentes e imigrantes.

Também se tratando sobre poloneses no Paraná, é importante citar o artigo “*Do Polonês ao Polaco*”, de Octavio Ianni (1966), este por sua vez, relatava um contexto da imigração polonesa em seu tempo presente. Quando trabalhando em Curitiba na década de 1960, o sociólogo se deparou com um grande estigma negativo e preconceito bastante presente, que a comunidade curitibana nutria pelos poloneses que aqui viviam. Esta população de imigrantes era tratada como indesejável para relações afetivas, dispensáveis para trabalhos que exigissem mais intelecto do que força braçal, pois eram taxados como analfabetos, alcoolistas, que teriam eles predileção pelos trabalhos domésticos, que tinham dificuldade em aprender a língua portuguesa e eram apegados em demasia à religião e às orientações dos padres. E assim, o autor viu que uma comparação entre poloneses e negros era inevitável por parte da comunidade local: “Constitui-se ali toda uma doutrina de inferioridade moral e intelectual do polonês, como se formara com a escravidão a doutrina da inferioridade inata do africano ou seu descendente.” (IANNI, 1966, p. 56).

Ianni (1966) recolheu dados do censo do IBGE, de 1940 e 1950 para constatar as informações sobre a quantidade de poloneses no Paraná e a situação do aprendizado do idioma português entre estrangeiros no Brasil, e viu que além de

serem, de fato, muito numerosos: eram 11.900 indivíduos poloneses em todo o estado em 1940; a incapacidade de aprender português, apontada pelos entrevistados de Ianni, não procedia. Os poloneses tinham (segundo os dados do senso de 1950) mais facilidade em aprender o português que indivíduos originários do Japão ou da Rússia, por exemplo. Discutiu a segregação dos poloneses e a suposta influência da Igreja sobre esse fator, com pesquisadores locais como Nestor Victor e Sebastião Paraná, além de Bethlem, para saber tal influência e a manutenção da “polonidade³” e de valores culturais poloneses poderiam ser fruto da ação dos padres e das mulheres da comunidade, o que a tornaria um grupo fechado.

Este mesmo autor no trabalho de 1966, ainda pode verificar a intolerância e rejeição aos poloneses por parte de outros grupos de imigrantes e também por brasileiros. Ele relata, na mesma obra, que o termo “polaco” para se referir aos poloneses, era compreendido como pejorativo e utilizado pelos membros da comunidade curitibana para taxar os poloneses com as qualidades negativas supracitadas. Percebeu também, que os estereótipos sobre os poloneses iam se reforçando ao longo das entrevistas que fazia para a pesquisa que realizava, observando que acontecia uma relevante associação entre os negros e os poloneses, colocando os dois grupos em uma escala semelhante de padrões e posições sociais, logo, estavam negros e poloneses ambos abaixo dos padrões da sociedade local. O autor aponta entre os relatos de seus entrevistados:

“E assim repetem-se as opiniões, exprimindo sempre, além da rejeição sistemática do polonês, uma contínua associação deste ao negro. (...) No seio da ideologia racial dominante na comunidade, o negro e o polonês surgem com os mesmos atributos negativos no que tange a certas formas de comportamento social. (...) Eles acabam identificados como iguais socialmente, ao nível da ideologia racial.” (IANNI, 1966, p.136).

O que possivelmente pode explicar essa situação de complexa rejeição aos poloneses encontrada por Ianni (1966) e que o fez publicar o artigo a respeito, é a situação encontrada por esses imigrantes, que chegaram a Curitiba em uma fase

³ Polonidade: Termo usado por Octávio Ianni (1966) para elencar tudo o que se referia à identidade polonesa dos imigrantes e descendentes que conheceu em Curitiba.

de saturação do contingente de imigrantes na região, e como eram em número superior aos demais grupos, poderiam ter ficado ociosos, desempregados por muito tempo ou limitados a trabalhar em atividades de baixa valorização profissional. No entanto, essas possibilidades não foram analisadas por Ianni, que apenas delimitou um projeto de pesquisa sobre o tema, mas que não deu sequência.

Porém o que há de mais relevante neste artigo de Ianni, para a pesquisa que se apresenta, é observar que essa desvalorização e estigma preconceituosos que se encontrou nas entrevistas, pode ser um fator indicativo da baixa visibilidade que a comunidade polonesa em Curitiba possui nos tempos atuais. Conforme se verifica no capítulo 3 deste estudo, ainda que existam centenas de endereços que levam nomes de poloneses (imigrantes ou descendentes) a visibilidade desta comunidade não consegue se concretizar como principal e mais numerosa na cidade. Pois, se o leitor verificar a possível comparação através do mesmo objeto de análise, verificar-se-á que existem mais endereços com nomes de imigrantes e descendentes de italianos, por exemplo, do que a quantia polonesa nesta contagem. A questão envolvendo os imigrantes e descendentes de poloneses em Curitiba, atualmente, perpassa pelo grau de reconhecimento e representação que este grupo de imigrantes possui perante outros grupos, e com relação à comunidade curitibana como um todo.

1.4 – Entendendo os conceitos de honra e reconhecimento

Para que seja feita uma compreensão satisfatória acerca das homenagens prestadas aos e pelos imigrantes poloneses em Curitiba, é necessário compreender brevemente os conceitos de honra e reconhecimento. A sociedade curitibana, à época do estabelecimento dos imigrantes poloneses (no final do século XIX e início do século XX) passava por uma fase de extinção do trabalho escravo e início da industrialização, e essa transição dá a possibilidade de pensar que além da transformação da sociedade estamental para a sociedade de classes,

também houve uma transformação na ideia de *status* social, passando da ideia de honra para prestígio social.

Tratando-se da sociedade estamental, ou aristocrática, como a que existia em Curitiba o período acima apontado, Weber (1991) afirma que a honra e o prestígio podem ser a base do poder político ou econômico de uma sociedade, estando no centro das condições para o poder. Essa definição pode mostrar que as grandes e tradicionais famílias estabelecidas há séculos no Paraná, envolvidas com a economia do mate ou do comércio de gado possuíam grande estima social, e de acordo com Weber (1991), mais poder que os trabalhadores imigrantes europeus recém-chegados à cidade, que se encontravam em uma situação de pequena honra social dentro da escala estabelecida pela ordem social estamental. Com a ascensão da sociedade de classes isso muda gradativamente, pois a ordem social, ou a ordem de distribuição de honrarias sociais, nas palavras de Weber (1991), já não se estabelece da mesma forma, porque as ideias de reputação e de prestígio passam a ser consideradas de acordo com as trajetórias individuais.

Sobre representação, Honneth (2009) lança mão pela filosofia social, pela teoria psicossocial e também pelo direito para traçar uma compreensão. O autor aponta que esta é uma noção intersubjetiva e que exige reciprocidade, ou seja, o reconhecimento está posto subjetivamente entre os indivíduos, contanto que eles se reconheçam mutuamente de acordo com três conceitos considerados centrais para o autor: amor, direito e solidariedade. Por amor, Honneth (2009) entende o aspecto amplo do termo, que envolve apego afetivo entre indivíduos, levando em consideração suas particularidades e individualidades, chegando à ideia de reconhecimento da independência do outro. Com a noção de direito acontece algo semelhante, pois o autor coloca que é preciso haver um reconhecimento jurídico mútuo, em que os indivíduos reconhecem os direitos e obrigações que todos possuem dentro da ordem social estabelecida.

Para se entender o último conceito que Honneth (2009) aponta em seu trabalho – a solidariedade - é necessário ampliar o entendimento sobre como funciona o valor de estima social na sociedade moderna, ou sociedade de classes. Pois quando das sociedades estamentais, os valores dos indivíduos eram medidos de acordo com a determinação do grupo social ao qual ele pertencia e com os

aspectos culturais que lhes eram tipificados. Na sociedade moderna isso muda, quando a burguesia decide romper com a ordem aristocrática estabelecida, que era extremamente hierárquica, passando a levar em conta as capacidades e valores individuais, independentemente do grupo ao qual pertence, para que desta forma a estima social se transforme em prestígio social. As realizações do indivíduo irão determinar o seu valor social, e quando o reconhecimento destes valores se estabelece mutuamente entre os sujeitos, há a solidariedade social para o reconhecimento do prestígio entre os indivíduos. Honneth (2009) afirma:

"Por isso, sob as condições das sociedades modernas, a solidariedade está ligada ao pressuposto de relações sociais de estima simétrica entre sujeitos individualizados (e autônomos)." (HONNETH, 2009, p.210).

Com essa explicação, é possível compreender que para se chegar ao conceito de homenagem é necessário perpassar pelo reconhecimento que os indivíduos prestadores de homenagem possuem em relação aos homenageados, reconhecimento este, ligado ao prestígio social que cada homenageado adquiriu ao longo de suas trajetórias, com solidariedade e respeito afetivo à memória do homenageado, que o eleva a um grau de relevância social suficientemente grande, a ponto de ter seu nome lembrado. E também denotar atenção à ideia de honra, que faz com que cada trajetória seja individualmente lembrada, destacada em meio ao poder político local, como é o caso da Câmara de Vereadores, de uma forma tamanha quanto a um nome em um endereço na cidade.

II – A IMIGRAÇÃO POLONESA NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

O presente capítulo traz, de forma resumida, a história da imigração polonesa ao Paraná e o contexto social, político e econômico em que o estado se encontrava à época da chegada desta população de imigrantes. A segunda metade do século XIX marcou o início da imigração polonesa ao estado do Paraná, essa população começou a chegar ao estado a partir de 1871 e se instalou em pequenas colônias rurais nas proximidades das cidades da região leste paranaense, principalmente nos arredores da capital – Curitiba.

A iniciativa da imigração no Paraná teve seu começo em 1829, com a vinda de imigrantes alemães para a colônia Rio Negro (NADALIN, 2001), na região sul do estado, localizada aproximadamente 110 km de distância da capital. Assim como a experiência de Rio Negro, as colônias polonesas no Paraná também se concentraram em municípios da Região Metropolitana de Curitiba (Mapa 2.1). Um exemplo de colônia instalada em municípios da RMC é a Colônia Tomás Coelho, fundada na década de 1870 e localizada em uma área entre os municípios de Campo Largo e Araucária, às margens do Rio Passaúna, seus habitantes - a maioria de origem polonesa - cultivavam hortaliças para vender em feiras de Curitiba (ORBZUT, 2006). Outro exemplo é a Gleba Orle, uma colônia mista, mas com predominância de população polonesa, localizada no município de Rolândia, no norte do Paraná. Esta colônia foi fundada nos anos 1930 e contou com fraca influência do idioma polonês no convívio dos colonos, que optaram por intensificar o convívio com a população brasileira (MARTINS, 2001).

Entretanto, esta pesquisa se concentra em abordar as colônias polonesas em território curitibano, pois é na capital paranaense que se encontra grande quantidade de locais e endereços que prestam homenagem aos imigrantes e descendentes de poloneses, o que pode apontar para uma igualmente grande visibilidade deste grupo, se comparado ao mesmo grupo em outras localidades, como aponta Paleczny (2000):

“Uma situação diferente apresenta-se propriamente apenas em Curitiba, onde o número e a atividade da coletividade étnica polonesa não encontra comparação com nenhuma outra cidade brasileira.” (PALECZNY, 2000. P.19).

Brevemente, é apresentada a conjuntura paranaense durante o século XIX e as razões pelas quais motivaram a chegada dos imigrantes ao estado. Para que se exponha também um pouco sobre a forma de vida dessas pessoas em território paranaense, alguns hábitos e formas de organização social destes imigrantes e de seus descendentes.

Em um segundo momento, há uma descrição das antigas colônias polonesas, situadas na região de Curitiba – espaços destinados à instalação desses imigrantes para construção de suas casas, para o cultivo das hortaliças e a criação dos animais que seriam comercializados na cidade - contando sobre a localização destas no mapa da cidade, a data de fundação e o contexto da construção delas, como também um pouco sobre o convívio que os imigrantes e seus descendentes tinham nessas colônias.



MAPA 2.1: MUNICÍPIOS QUE COMPÕEM A REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA.

FONTE: COMEC.

2.1 O contexto paranaense antes da imigração

A economia paranaense desenvolvida ao longo dos séculos XVIII e XIX promoveu atividades como a mineração; a pecuária; a agricultura de subsistência; o comércio de gado e muares através de tropas itinerantes, desde as pastagens gaúchas até à grande feira de Sorocaba – eram os chamados tropeiros - atividades de exploração madeireira; e a produção e exportação de erva mate. Esses setores da economia proporcionaram pequeno crescimento econômico das cidades da região leste paranaense, desde a região litorânea com as cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes, passando pelo planalto de Curitiba até chegar à região dos municípios de Ponta Grossa e Castro, os chamados Campos Gerais.

2.1.1 A Economia Pecuária

A região onde predominou a economia pecuária no Paraná durante os séculos XVIII e XIX compreende uma área de planalto e vegetação campestre, a oeste da capital – Curitiba – e que se localizava ao longo do caminho de Viamão, que seguia do Rio Grande do Sul em direção ao sudeste do Brasil. Segundo Santos (2001), as fazendas de criação de gado e as fazendas alugadas para pastagem e engorda do gado – as chamadas invernadas – ocupavam a maior parte das atividades da região dos Campos Gerais, essas atividades se utilizavam de mão-de-obra escrava e seus empreendedores detinham o mando político da Província, na primeira parte do século XIX. Da mesma maneira, Nadalin (2001) mostra a importância que a economia pecuária teve para o Paraná nesta fase. Mostrando que essa atividade causou a expansão territorial para a região sul paranaense, indo até a divisa com Santa Catarina. O autor afirma, também, que Curitiba se emancipava do litoral paranaense no contexto da economia pecuária, porque lucrava mais que qualquer outra vila ou cidade, pois dominava essa

atividade, apesar da concorrência com os gaúchos: “A fundação de Curitiba como vila (1693) assinalou o início da definição de uma identidade regional, fundada na pecuária.” (NADALIN, 2001. p.44).

Santos (2001) afirma que a Guerra do Paraguai, ocorrida na segunda metade do século XIX, causou desestabilidade econômica em todas as províncias do sul brasileiro, inclusive o setor pecuário. E com isso, ocorreram algumas mudanças como: o transporte de gado por via férrea diminuía o tropeirismo⁴; a valorização das terras se tornava maior que a valorização do gado; a proibição do tráfico de escravos – decretada através da Lei Eusébio de Queirós em 1850 - deixava de movimentar um comércio valioso de trabalhadores, e todos esses fatores acabaram por incentivar a mobilidade de algumas famílias, que saíam das fazendas em direção às áreas urbanas. Para Santos (2001), esse processo de desagregação da economia pecuária, tornou a economia do mate a principal fonte de riquezas para o Paraná, no final do século XIX.

2.1.2 A Economia da Erva Mate

Concomitantemente com a produção pecuária e com o comércio de gado e muares na região dos Campos Gerais, a economia da erva mate também ajudava a movimentar o desenvolvimento paranaense. No entanto, há diferenças entre a primeira e a segunda, e uma delas é que a economia da erva mate se perpetuava entre Curitiba e a região litorânea do Paraná, utilizando o antigo Caminho do Peabiru – caminho indígena que ligava a região do Mato Grosso e o Paraguai até a saída para o Oceano Atlântico, na região do litoral paranaense – para o transporte e escoamento da produção.

⁴ Tropeirismo: Comércio de gado de corte e muares, levado em tropas desde o Rio Grande do Sul, onde era criado, até as feiras de Sorocaba-SP. No Paraná, a passagem das tropas, fomentou o comércio e o desenvolvimento de municípios como a Lapa, Rio Negro, Ponta Grossa, Castro e Jaguariaíva, no sul do estado e nos Campos Gerais. A atividade tropeira começa a se desenvolver na primeira metade do século XVIII e segue até meados do século XIX. (SANTOS, 2001).

A atividade econômica que, de fato, começou a possibilitar mais independência econômica ao Paraná, foi a produção de erva mate. A planta nativa das florestas paranaenses - erva mate, ou *Ilex Paraguaiensis* - teve atenção especial de Ouvidor Pardinho em sua visita ao Paraná entre os anos de 1720 e 1721 - conforme retrata Ianni (1988) – que na oportunidade pode mostrar a Portugal o quanto esse produto poderia ser interessante e favorecer instalação definitiva da metrópole na região sul, e uma possível solução para a miséria do local, o mate foi visto como uma grande oportunidade. Santos (2001) aponta que a exploração da erva mate permite ao Paraná a entrada em uma fase de economia comercial, momento este em que as exportações começava a substituir a economia de subsistência: “Nesse novo contexto histórico econômico, a produção do mate, para exportação, monopolizou todas as atividades do litoral e primeiro planalto do Paraná.” (SANTOS, 2001. P.39).

A produção de erva mate se dava em estruturas conhecidas como engenhos e as etapas da produção eram assim estabelecidas: coletar a erva nas matas; prepará-la, ou seja, secar e moer o mate; embalar; transportar dos engenhos até o porto e embarcar para o destino final. E toda essa cadeia produtiva, até meados do século XIX teve como força motriz a mão-de-obra escrava ou semiescrava, conforme apontam Ianni (1988) e Santos (2001). Este último autor, explica que não se tem documentos exatos que possam comprovar em que fases do processo da erva mate os escravos trabalhavam.

O avanço da economia do mate fez movimentar os setores extrativista, fabril e comercial. Foi uma economia que colocou o Paraná no mapa das exportações, pois comercializava mate entre outras províncias brasileiras e também com outros países do continente, e que a partir da década de 1840, segundo Santos (2001), incentivou os políticos locais na busca pela emancipação política do Paraná para ampliar ainda mais as suas exportações, que veio a acontecer no final de 1853. Entretanto a economia paranaense não se posicionou como protagonista no cenário nacional e sempre esteve dependente de exportar seu produto para mercados oscilantes, como Uruguai, Argentina e Paraguai:

“A economia paranaense não era autônoma [ao final do século XIX], e, dessa maneira, sua fragilidade a tornou dependente dos sistemas mais amplos e vigorosos. Durante todo o século XIX, as finanças paranaenses estiveram abaladas, e as suas economias comprometidas por constantes oscilações dos mercados externos, dos quais dependiam direta e indiretamente.” (SANTOS, 2001. p. 67)

2.1.3 Os Desafios Econômicos para o Paraná após a Emancipação

Com a emancipação política do Paraná, os governantes locais começaram a voltar as suas preocupações para a visível escassez na produção alimentícia e na criação de víveres. Os setores políticos e as elites locais colocavam como necessária a ampliação da economia local para a via agrícola, e se buscava uma suficiência no abastecimento de alimentos para a província. Havia entre a população brasileira em geral, uma má significação do trabalho na agricultura e um padrão geral de uso da terra voltado à lógica dos latifúndios, como mostra Nadalin (2001), era necessária uma nova valorização que resgatasse as virtudes do trabalho. Para especificar essa situação, o autor utiliza-se do termo “transformação cultural do trabalho”, ou seja, era preciso que acontecesse algo como “renovar o trabalho, manchado pela escravidão” (2001, P. 67). E essa transformação toda caberia então, de acordo com a solução apontada pelos membros da elite local da época, à implantação de colônias agrícolas formadas por trabalhadores imigrantes europeus.

A ideia de atrair famílias europeias para o Paraná e a sua instalação em colônias rurais tinha a intensão de atender à demanda do abastecimento de alimentos nas cidades, pois com a economia da erva mate, quase não se produzia alimentos na região, e isso gerou uma escassez de alimentos nas cidades paranaenses; como também a imigração visava resolver uma questão populacional. Toda a região sul do Brasil contava com grandes áreas de terras devolutas durante toda a fase do Império, não havendo população livre e economicamente ativa para ocupar essas áreas, logo, a vinda de imigrantes

européus resolveria essa demanda. No caso paranaense, a maioria das terras devolutas se encontrava em áreas de florestas e com relevo acidentado, essas florestas não eram interessantes aos criadores de gado, que ocuparam as regiões de campo, e como a meta dos governantes envolvia o desenvolvimento da agricultura familiar para a implantação de um cinturão verde, em torno da capital, capaz de produzir hortaliças, verduras e frutas para a população, essas áreas de florestas foram destinadas à instalação dos imigrantes recém-chegados. Pois assim, se possibilitaria criar a pequena propriedade rural familiar, tendo também o intuito de aproximar os imigrantes e incluí-los da estrutura urbana, por meio de estruturas conectoras (vias e estradas).

Nadalin (2001) enfatiza ainda a importante diferença que havia entre a iniciativa da vinda de imigrantes para a região sul do país, em destaque para a Província do Paraná; daquela implantada pelo estado de São Paulo. Pois, o estado vizinho utilizou da mão de obra dos imigrantes (na maioria eram italianos e japoneses, tendo estes últimos, chegado a partir da primeira década do século XX) para substituir a mão de obra escrava nas lavouras latifundiárias de café, em um sistema que inicialmente foi chamado de “parceria”. Enquanto que no Paraná, a iniciativa estava voltada ao desenvolvimento da agricultura familiar, em que os imigrantes eram instalados em lotes dos quais se tornaram proprietários futuramente, e essa agricultura estava dedicada a gerar uma nova economia de alimentos ao redor de Curitiba e assim possibilitar o crescimento de uma classe média local.

No ano inicial da emancipação paranaense – 1854 - o governo local, na pessoa do seu primeiro presidente - Zacarias Góes de Vasconcellos⁵ - lançou um decreto autorizando a vinda de colonos imigrantes para o povoamento das áreas delimitadas à produção agrícola no interior do território paranaense. Kanashiro (2006) apresenta este decreto em sua tese, mostrando que havia a intensão governamental de recepcionar trabalhadores estrangeiros em território paranaense:

⁵ Zacarias Góes de Vasconcellos (1815-1877) nasceu em Valença (BA) e faleceu na capital do Império, Rio de Janeiro. Estudou Direito na Academia de Olinda entre 1833 e 1837. Ocupou entre diversos cargos públicos, a Presidência das Províncias do Piauí, do Sergipe e posteriormente, também a do Paraná. (PINTO e MIZUTA, 2011).

“No Paraná, com o agravamento das condições de abastecimento das províncias, o decreto n. 1318 de 30 de janeiro de 1854 concedia estímulos à posse de terras, possibilitando o acesso a ela, independente da nacionalidade do imigrante, concedia também auxílio para facilitar a colonização.” (KANASHIRO, 2006. P.154).

Entretanto, o incentivo à imigração de trabalhadores livres europeus, se tornou uma política pública para o Paraná somente a partir do governo do Presidente Provincial Adolpho Lamenha Lins, entre os anos de 1875 e 1877⁶. Conforme informações contidas em um dos Boletins Informativos da Casa Romário Martins⁷ (1975), a gestão de Lamenha Lins teve como meta principal a solução para o problema de abastecimento de alimentos no Paraná e que, para isso, contou com a iniciativa pioneira de financiar a abertura de colônias de imigrantes, principalmente de origem polonesa, em áreas rurais localizadas nos arredores de Curitiba, o chamado rocio da capital.

2.2 A chegada dos imigrantes poloneses ao Paraná

Durante os séculos XVIII e XIX, a Polônia passava por uma fase de dominação territorial de seus vizinhos Áustria, Prússia e Rússia, conforme aponta Wachowicz (1981). Essa dominação territorial colocava a população polonesa sob o jugo dessas três nações - ainda que contassem com um governo central polonês – porém tal situação lhe impunha guerras, explorações, ausência de democracia interna e situações de fome e miséria. O autor retrata que a parte russa, que ficou conhecida como Reino da Polônia, era predominantemente camponesa no início do século XIX, com a população vivendo em pequenas propriedades que se dedicavam majoritariamente à agricultura de subsistência. A população polonesa

⁶ Lamenha Lins nasceu no Recife (PE) em 1845, e faleceu na mesma cidade pernambucana no ano de 1881. Antes de assumir a Presidência da Província do Paraná, Lamenha Lins foi presidente da Província do Piauí, em 1874. (CARNEIRO JÚNIOR, R.A. 2014. P.25).

⁷ O Boletim Informativo Casa Romário Martins nº 16, publicado em dezembro de 1975 tratou sobre o centenário de fundação da Colônia de Santa Cândida e a política de incentivo à imigração feita durante a gestão de Lamenha Lins na Presidência da Província do Paraná.

vivia a impossibilidade de mobilidade social, tanto no campo – onde as condições de vida e de trabalho eram semelhantes à de servidão - como nas cidades, pois a camada do proletariado era ainda embrionária, assim como o desenvolvimento industrial do território.

Ainda de acordo com Wachowicz (1981), entre as décadas de 1840 e 1850, a região da Silésia – de dominação prussiana – passou por ainda mais períodos de dificuldade econômica, fruto de efeitos climáticos desastrosos que prejudicaram as colheitas, e do destino de boa parte da produção de cereais para a alimentação do exército russo que estava em guerra, elevando o custo de vida e empobrecendo a população camponesa. Esse empobrecimento fez baixar a qualidade da alimentação do povo, o que causou epidemias de tifo e cólera na região. A situação de grande opressão vivida no campo impulsionou e muito a emigração das famílias polonesas de regiões rurais.

Segundo o artigo de Goulart (2000), a região da Silésia foi a parte da Polônia que mais enviou imigrantes ao Brasil durante o século XIX, e reforça a situação de fome e miséria que esta região passava durante a década de 1850 e a busca que a população polonesa teve por uma situação mais confortável de vida em outras terras, principalmente nos EUA e no Brasil. Ao mesmo tempo em que no Brasil, o Império iniciava a campanha de incentivo à vinda de imigrantes europeus para as províncias do sul e para São Paulo e a divisão de terras para a criação de Colônias Oficiais.



MAPA 2.2: POLÔNIA OCUPADA PELO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO, RÚSSIA E PRÚSSIA AO LONGO DO SÉCULO XVIII. FONTE: <http://www.rymaszewski.iinet.net.au/3maps.html>

Conforme aponta a autora, a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil se dedicou ao trabalho agrícola. Conta ela também, que a comunicação mantida entre os silesianos e os religiosos que estavam no Brasil, foi a responsável por levar notícias positivas sobre as condições econômicas e de vida dos imigrantes em terras brasileiras, sobre a fertilidade das terras e a prosperidade que começava a se alcançar na nova terra, e isso foi, sem dúvida, incentivando a vinda de mais

imigrantes. A grande onda emigratória de poloneses ao Brasil aconteceu entre as décadas de 1880 e 1890, e foi tão intensa que ficou sendo chamada pelos órgãos de imprensa poloneses da época de “Febre Brasileira”.

O primeiro grupo de imigrantes poloneses havia chegado ao Brasil em 1869, conforme aponta Goulart (1984), o grupo era composto por: “(...) de 16 famílias Polacas, 78 pessoas (...) em agosto de 1869 com o navio Vitória, comandante ‘Redlich’.” (GOULART, 1984.p.35). Instalaram-se inicialmente nas Colônias Príncipe D. Pedro e Itajahy, no vale do Rio Itajaí na Província de Santa Catarina. Este primeiro grupo de imigrantes teve o nome de cada chefe das 16 famílias dispostos em uma carta de entrada, cuja reprodução está disponível na Figura 2.1:

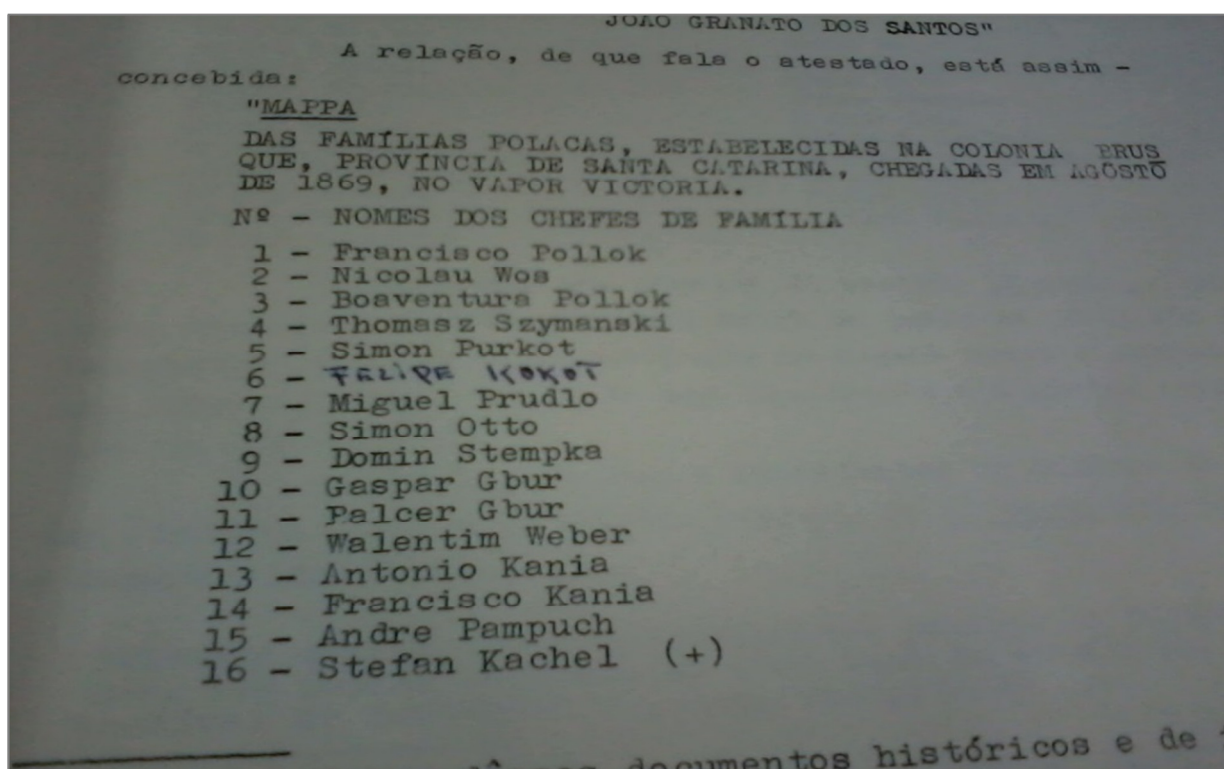


FIGURA 2.1 – LISTA COM AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS DE IMIGRANTES POLONESES A CHEGAR AO BRASIL, EM 1869. FONTE: COMITÊ EXECUTIVO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O Paraná, 1971. BIBLIOTECA ROMÁRIO MARTINS – MUSEU PARANAENSE. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2014.

Há, que se dedicar um espaço nessa descrição para se falar dos pioneiros da imigração polonesa ao Paraná: Padre Antônio Zielinski e Sebastião Edmundo Wós Saporski. Padre Antônio Zielinski era vigário na cidade de Gaspar próximo às colônias Brusque e Blumenau, em Santa Catarina, quando se encontrou com Sebastião Saporski. O padre era natural de Lwów e havia participado de uma revolução na Polônia em 1863, contrabandeando armas para o exército da Prússia, conforme aponta o artigo de Wachowicz (2000)⁸. Fugiu, então para Liverpool, onde embarcou em um navio para o Texas e posteriormente chegando ao Brasil em 1869. Sebastião Wós nasceu em janeiro de 1844, e vivia com sua família na aldeia de Siolkowice na região da Silésia - parte prussiana da Polônia – sendo ele o segundo filho não herdou terras, mas teve oportunidade de estudar em uma escola secundária, como aponta Wachowicz (2000). Saporski desertou do alistamento ao exército prussiano e embarcou em um navio rumo a América do Sul. Em um entreposto na Inglaterra ele consegue documentos com um novo nome: Sebastian Edmund Wós Saporski.

Ao chegar ao Brasil, passando anteriormente por Montevideo, Saporski chegava à colônia Blumenau, onde se encontra com Pe. Zielinski, e ao saberem da iniciativa do Império Brasileiro em dividir terras para a criação de mais Colônias Oficiais, ambos se animam para liderar uma empreitada capaz de promover a vinda de colonos poloneses ao Brasil.

“Interessado que estava em conseguir junto ao Governo Imperial uma concessão de terras para a colocação de imigrantes de sua Polônia, Saporski estudou com Padre Zielinski a possibilidade de realizarem tal empreitada.” (GOULART, 1984. P. 27).

Este interesse posteriormente se voltou para a promissora Província do Paraná, cujo Vice-Presidente Provincial, mantinha uma relação boa com Saporski e se mostrava disposto a ajuda-lo na ideia da imigração, aproveitando, assim, para

⁸ Este artigo foi baseado no registro das memórias do imigrante polonês Sebastião Saporski, que foram publicadas em idioma polonês no final dos anos 1930, logo após o seu falecimento. A publicação deste artigo encontra-se em uma das edições da Revista Projeções - uma publicação organizada, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, por inúmeros intelectuais poloneses e/ou descendentes de poloneses que vivem e produzem conhecimento em Curitiba.

chamar imigrantes para que ocupassem as terras delimitadas para a imigração no Paraná. De acordo com Wachowicz (2000), Saporski teria recorrido ao Vice-Presidente da Província do Paraná, Agostinho Ermelino de Leão, para tratar sobre a transmigração de seus compatriotas. A resposta inicial dada pelo Presidente da Província, Venâncio Lisboa, fora positiva desde que os imigrantes se instalassem na colônia Assunguy, promissora região ao norte do município de Curitiba, onde atualmente é a cidade de Cerro Azul. Posteriormente e atendendo a interesses dos dirigentes das colônias catarinenses, Agostinho Ermelino de Leão indefere o pedido de transmigração dos poloneses.

O êxodo dos primeiros imigrantes poloneses para o Paraná, liderados por Saporski, se deu de maneira ilegal, com a saída de alguns homens casados indo em direção a Curitiba a pé, para que na sequência suas esposas e filhos fossem juntar-se a eles. Goulart (1984) conta como se deu a saída dos primeiros imigrantes da Colônia Itajahy, rumo a Curitiba:

“1870 se encerrou com Saporski não tendo conseguido obter pelos meios legais a transmigração dos colonos. Sabia ele que o diretor da Colônia impediria isso por todos os modos e meios. Estabeleceu então uma distribuição dos poloneses que deveriam sair da colônia para Curitiba com o propósito de reunir, posteriormente, cada família ao seu chefe; conseguiu convencer alguns elementos, em número de 13, a irem para aquele lugar, numa leva na maioria constituída por homens.” (GOULART, 1984. P.36).

As primeiras famílias a chegarem à região de Curitiba, se instaram na Colônia Assungui, mas como o terreno era muito acidentado e difícil para a agricultura, Saporski fez novas solicitações de terras para destinar os colonos. Foi então que, de acordo com Wachowicz (2000), a Câmara Municipal de Curitiba ofereceu terrenos às margens do Rio Barigui, e as delimitações das terras para colônias foram se ampliando para a região das Mercês e do Pilarzinho.

Sobre a entrada dos imigrantes poloneses no Paraná, o texto de Oliveira (2010), aponta que desde a chegada das primeiras famílias, a partir de 1870 até a última leva de imigrantes, por volta de 1914, tem-se o dado de que mais de 100 mil imigrantes poloneses chegaram ao Brasil, sendo que mais de 40 mil destes se

instalaram no Paraná. O maior fluxo migratório de poloneses foi na década de 1890, época da chamada “febre brasileira” e que registrou somente entre os anos de 1890 e 1894 a entrada de mais de 64 mil imigrantes poloneses em território nacional. De acordo com a visão dos dirigentes brasileiros à época, conforme é apontado no texto de Oliveira (2010), o imigrante europeu estava sendo visto como um “agente de defesa do território nacional e instrumento de ocupação de terras e de colonização agrícola” (OLIVEIRA, 2010, p. 85), e o interesse das autoridades paranaenses em atrair imigrantes com objetivo na ocupação das terras que pudessem ser agricultáveis e formar o chamado cinturão verde agrícola em torno de Curitiba, era grande.

2.3 Alguns hábitos da comunidade polonesa em Curitiba e região

Segundo Oliveira (2010), os primeiros membros da comunidade de imigrantes poloneses a chegar ao Paraná eram predominantemente pessoas camponesas, sem posses e com pouco estudo. Conforme relata o autor:

“Nessa década de 1890, a absoluta maioria (95%) dos poloneses que aportaram no Brasil provinha de zonas rurais. Eram iletrados e, em muitos casos, foram atraídos por uma propaganda enganosa e repleta de histórias fantásticas.” (OLIVEIRA, 2010. P.84).

Ainda sobre o perfil camponês dos primeiros imigrantes poloneses a se instalarem no Paraná, é importante trazer o apontamento feito pelo sociólogo polonês Tadeusz Paleczny,

“Os imigrantes poloneses que vinham ao Brasil no final do século XIX e no início do século XX eram moradores de aldeia, camponeses, pessoas apegadas a suas tradições populares. O ponto de referência básico para a sua orientação social era o modelo do laço grupal comunitário paroquiano-aldeão.” (PALECZNY, 2000, p.21).

Ou seja, os primeiros poloneses a chegar ao território paranaense eram pessoas de origem camponesa e pobre, que tinham como maior ponto de integração social a família, a igreja católica, o padre e a paróquia. Bosquilia (2004) ressalta que a relação dos imigrantes com o trabalho (a maioria exercia trabalho rural) era algo que condicionava a vida, a relação com o tempo, com o clima e as relações sociais dos colonos (BOSCHILIA, 2004, p.63-64). Santos (2001) atenta para as inovações tecnológicas trazidas pelos imigrantes poloneses, no setor de plantio de alimentos.

"Os estudos efetuados sobre a produção camponesa no âmbito das antigas e novas colônias, (...) permitiam constatar a formação do sistema de produção agoralimentar, cujos parâmetros podem ser assim elencados: diversificação da produção; estabelecimento de núcleos agrícolas com mão-de-obra imigrante; novas técnicas de cultivo, em substituição à agricultura-vampira (queimadas), que permitiam maior produtividade; novos equipamentos, como o arado; novos cultivos; pequenas indústrias para beneficiamento da produção; nova malha viária, com estradas gerais e vicinais; novos meios de transporte como os carroções escravos que substituíam os carros de boi e os muares; novas rotas de abastecimento; elaboração de políticas de abastecimento; organização do mercado; novos hábitos alimentares, entre outros." (SANTOS, 2001. p. 83-84).

Apesar desse predomínio, Oliveira (2010) faz questão de ressaltar que assim como veio uma maioria de imigrantes poloneses de origem camponesa para a cidade de Curitiba, que trabalhavam com a lavoura e que se instalaram em colônias agrícolas nos arredores da cidade, houve também a vinda daquelas pessoas que se instalaram em áreas urbanas - como o centro da cidade – que tinham inclinação para trabalhos urbanos como o comércio, profissões liberais e atividades ligadas à área de serviços. Afirma o autor, que o perfil de imigrante camponês é parte de um estereótipo e também que os imigrantes instalados em espaços urbanos impulsionaram o progresso de Curitiba e contribuíram em muito na vida social, recreativa e intelectual da cidade. Abaixo, segue um conjunto de organizações criadas pelos imigrantes e descendentes de poloneses em Curitiba, entre o final do século XIX e a metade do século XX.

2.3.1 Os jornais poloneses

Com a necessidade de organizar a vida social dos colonos aqui estabelecidos, vários grupos de imigrantes poloneses compostos por intelectuais, professores, empresários ou ativistas políticos exerciam a escrita em seu idioma, por meio da criação e manutenção de publicações periódicas. Eram confeccionados jornais das mais diversas vertentes: alguns culturais, outros de caráter político, e vários jornais eram humorísticos.

Um desses grupos de intelectuais imigrantes poloneses – e que também contava com a participação de Sebastião Saporski - organizou e foi um dos fundadores da *Gazeta Polska w Brazylii* (*Gazeta Polonesa no Brasil*), jornal escrito em idioma polonês e “que circulou sem interrupção entre 1892 e 1941” (OLIVEIRA, 2010. P.83). Este jornal encerrou suas atividades em 1941, quando a ditadura Vargas passou a proibir a circulação de veículos de imprensa escrita em idioma estrangeiro, no Brasil.

Neste mesmo período, Oliveira (2010) aponta que foram editados mais de 60 periódicos em idioma polonês no estado do Paraná. Entre eles, o autor menciona o jornal *Polak w Brazylii* (*O Polonês no Brasil*), que funcionou entre os anos de 1905 e 1920. Este periódico foi se tornando o mais importante a circular entre a comunidade polonesa em Curitiba, ultrapassando a importância da *Gazeta Polska* e chegando à marca de 1500 exemplares, quando que teve à frente de sua redação, Antônio Hempel.

2.3.2 As escolas dos imigrantes poloneses

A vida social e cultural dos imigrantes poloneses no Paraná também passava pela construção de escolas. Ainda de acordo com o artigo de Oliveira (2010), a primeira escola construída pelos imigrantes no estado, foi fundada na Colônia Orleans em 1876 e tinha como mestre-escola o polono-brasileiro Jerônimo Durski. O grande movimento de construção de escolas polonesas acontece na

segunda metade da década de 1890. Ao todo, os números até meados dos anos 1920 são surpreendentes do ponto de vista da quantidade de escolas e de estudantes poloneses no Paraná:

“Em 1924, já são 145 escolas de nível elementar no Brasil, totalizando 5988 alunos. O Paraná abrigava 79 dessas escolas e 3623 alunos, (...) uma vez que o estado detinha mais de 54% de todos os alunos e mais de 60% de todas as escolas do país, (...)” (OLIVEIRA, 2010, P. 87).

Entretanto, como essas escolas lecionavam em idioma polonês, isso passou a se tornar um risco para a unidade da educação no estado, do ponto de vista das autoridades públicas que geriam o setor educacional na época, tanto que com o crescimento acelerado da construção de escolas estrangeiras (especialmente polonesas), em 1917 as autoridades paranaenses criaram o “Código de Ensino”, obrigando que as escolas estrangeiras passassem a lecionar também o idioma Português e a História do Brasil.

2.3.3 As associações recreativas

Além dos jornais e das escolas, a comunidade polonesa na região de Curitiba também se organizava em sociedades recreativas, culturais, esportivas e intelectuais – os clubes. Essas sociedades atuaram mais fortemente na cidade de Curitiba durante as primeiras décadas do século XX. Eram espaços voltados para a prática esportiva, havia a promoção de bailes, aulas e ensaios com grupos teatrais e musicais e a manutenção de escolas da comunidade polonesa.

Entre as mais conhecidas está a Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciusko, que foi fundada em junho de 1890 e segue em funcionamento até os dias de hoje. A Sociedade Polono-Brasileira fica localizada no Centro Histórico da capital paranaense no final da Rua Ébano Pereira e sua fundação serviu para

reunir a comunidade polonesa e proporcionar celebrações culturais, intelectuais e artísticas, como o curso de teatro, por exemplo. (Figura 2.2).



FIGURA 2.2: FACHADA DA SOCIEDADE POLONO-BRASILEIRA TADEUSZ KOSCIUSKO, NO CENTRO DE CURITIBA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2014.

Outra sociedade recreativa bastante conhecida em Curitiba e que foi fundada pela comunidade polonesa é o antigo clube Junak, ou Sociedade de Educação Física Juventude, que conforme conta Oliveira (2010), obteve o auge de suas atividades no ano de 1937, quando contava com 60 filiais no estado do Paraná. Durante o período da ditadura Vargas, o clube precisou manter as portas fechadas, tornando a funcionar a partir de 1958, sob o nome de Sociedade Juventus, que segue em funcionamento até a atualidade oferecendo atividades esportivas e recreativas para a comunidade em geral.

Ainda sobre sociedades recreativas de Curitiba nas primeiras décadas do século XX, é possível perceber a influência de membros da família Saporski na construção da Sociedade Beneficente e Recreativa das Mercês. Segundo o

informativo da Casa Romário Martins (1985), publicação que fala sobre o bairro Mercês, a Sociedade foi fundada em janeiro de 1919 e teria contado com apoio de Edmundo Saporski, conforme conta o relato de um morador do bairro, o senhor Segnibaldo Manzochi: “O pai do senhor Edmundo Saporski, cujo nome era Sebastião [Edmundo Wós] Saporski, doou o terreno para construir a Sociedade das Mercês, que na época funcionava na escola [pública do bairro].” (1985, p.32)⁹. Sendo Edmundo Saporski o primeiro presidente desta Sociedade.

Um elemento importante no que se refere aos hábitos da comunidade polonesa no Paraná é a forte religiosidade presente entre seus membros. A prática do rito católico é uma marca relevante dessa população tanto entre relatos dos antigos colonos quanto nos dias atuais. E dentro da Igreja católica, muitos imigrantes e descendentes de poloneses montavam sociedades de apoio aos necessitados, estudos religiosos entre outras coisas, conforme traz Oliveira (2010):

“Em 1906, foi criada a Sociedade de Santo Estanislau (*Towarystwo Swietego Stanislawy*), de caráter religioso, cujo objetivo era construir uma igreja e criar um fundo de auxílio mútuo, destinado aos casos de doenças e à manutenção da futura igreja e da escola a serem criadas. Dentre as suas atividades, contribuiu para o “fundo nacional polonês” e para as festividades de recepção do primeiro cônsul polonês nomeado para o recém-criado Consulado em Curitiba.” (2010, P. 90-91).

2.4 As colônias polonesas na cidade de Curitiba

Os imigrantes poloneses que chegaram a Curitiba a partir da década de 1870 foram alocados em áreas pré-divididas e destinadas à produção agrícola, eram as chamadas colônias. Essas colônias foram destinadas para receber famílias de imigrantes que se dedicariam o trabalho rural e que também morariam nessas terras; cultivariam os gêneros alimentícios que se encontravam em escassez na região e favoreceriam o povoamento das terras devolutas do estado,

⁹ O depoimento do senhor Segnibaldo Manzochi foi concedido aos pesquisadores responsáveis pelo informativo da Casa Romário Martins, na cidade de Curitiba no mês de fevereiro de 1983.

como estimavam os chefes do governo local. Conforme Kanashiro (2006), a maioria das colônias destinadas aos imigrantes havia sido delimitada pelo governo provincial, por meio da política de imigração e ocupação territorial proporcionada pelos presidentes da Província, como Zacarias Góes de Vasconcelos, o primeiro presidente e quem criou a legislação autorizando a entrada de imigrantes no Paraná. Algumas colônias polonesas dentro do município de Curitiba também surgiram por iniciativas de políticas da Câmara Municipal de Curitiba, como apontam Wachowicz (2000) e Kanashiro (2006).

Esta fase do capítulo trabalha com as colônias polonesas em Curitiba, a história de suas fundações, a vida social dos imigrantes dentro delas, o trabalho exercido pelos imigrantes. Visa retratar um pouco como algumas dessas colônias se configuraram em bairros da cidade, na atualidade. Para isso, um dos textos que se toma como base para o acesso a dados sobre o espaço das colônias e da fundação destas, é a tese Kanashiro (2006). Nesta tese, a autora busca entender por meio da formação histórica da imigração estrangeira ao Paraná – independente das nacionalidades - e da construção das colônias de imigrantes nos arredores da capital paranaense, a definição para espaços marcadamente étnicos na cidade, utilizando-se do aspecto cultural de cada comunidade ocupante das colônias, levando em consideração também o ponto de vista da arquitetura para realizar tal análise.

A autora revela um número consideravelmente alto de colônias demarcadas apenas dentro do território da cidade de Curitiba: “No caso de Curitiba, foram quase 40 assentamentos projetados para imigrantes e adaptados por eles, principalmente europeus” (KANASHIRO, 2006. P. 145). Na tese de Kanashiro, foram levantadas todas as colônias imigrantes do estado do Paraná, de todas as etnias que chegaram ao estado; mas nesta pesquisa se apresentam apenas dados sobre as colônias polonesas de Curitiba.

As colônias de imigrantes em Curitiba e região foram fundadas, majoritariamente, através de iniciativas planejadas por meio de políticas públicas voltadas para a imigração, sejam elas de âmbito municipal, provincial ou por parte do governo Imperial.

Segundo Kanashiro (2006), 90% dos assentamentos para colônias de imigrantes na Região Metropolitana de Curitiba foram planejados por alguma instância governamental. As colônias imigrantes fundadas pela iniciativa municipal tinham como característica a localização relativamente próxima ao centro da cidade - como são os casos das Colônias Pilarzinho e Abranches, que ficam respectivamente a 4 km e a 6 km do centro de Curitiba e que atualmente são bairros da capital. A autora afirma que essa proximidade de algumas colônias em relação ao centro de Curitiba, teve reflexo direto na anexação destas para a composição da malha urbana da cidade, o que a torna única:

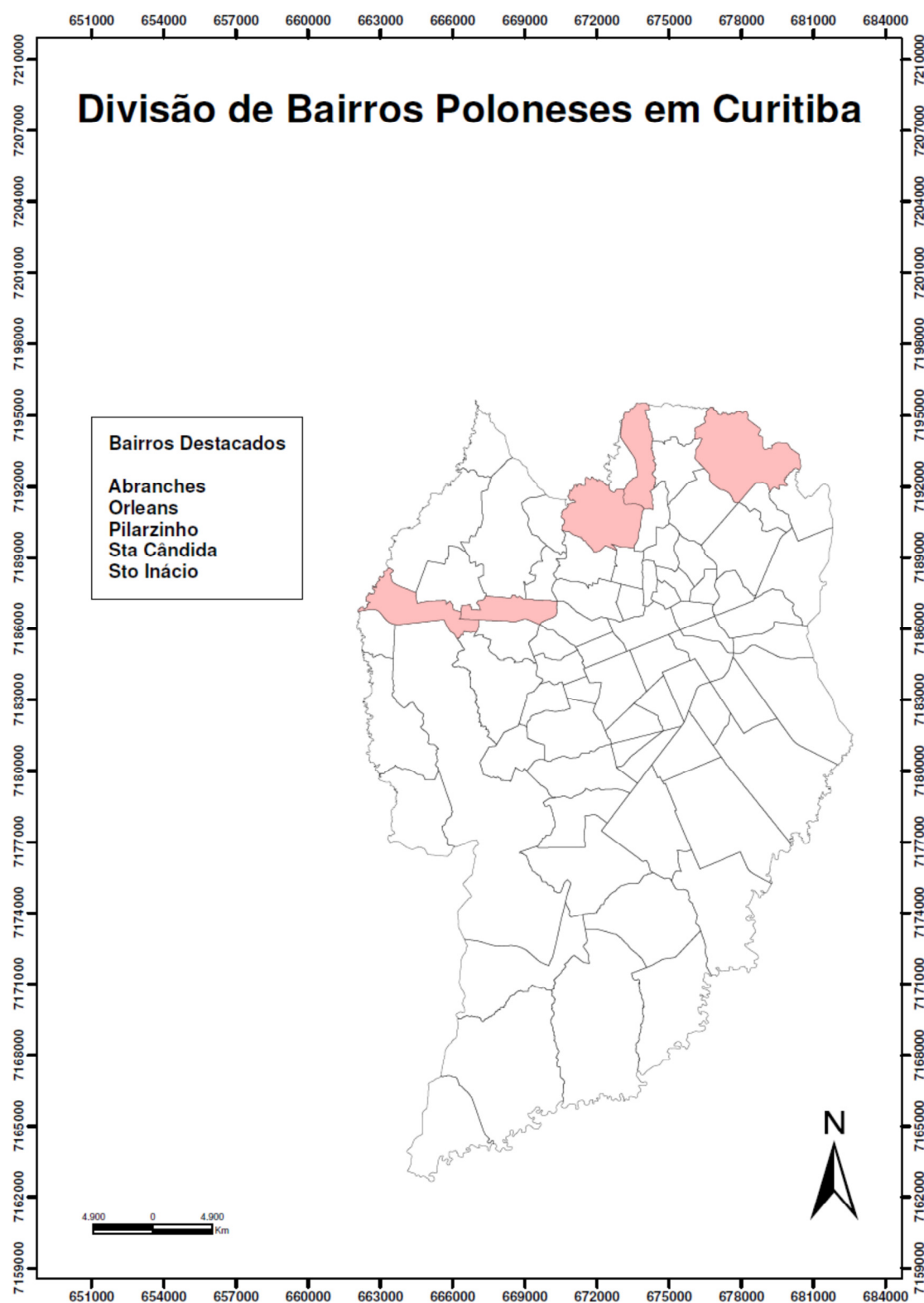
“Desta forma, pode-se observar (...) e afirmar que Curitiba é a única metrópole brasileira que incorporou como seus bairros, no processo de urbanização e expansão, antigas colônias de imigrantes”. (KANASHIRO, 2006. P. 223).

As colônias fundadas por iniciativa provincial se localizavam nos arredores da capital (no *rocio* de Curitiba), sendo a maior parte designada pela política de imigração efetuada por Laménha Lins – o chamado *linismo*. Havia também as colônias de iniciativa do governo geral do Império Brasileiro, estas ficavam mais distantes dos núcleos urbanos.

O Mapa 2.3 apresenta um retrato da localização das antigas colônias polonesas em Curitiba, relacionando-as com os atuais bairros da cidade. Visto que nenhuma das colônias polonesas mudou seu nome depois que se tornou bairro, houve também uma fidelidade quanto à territorialidade dessas colônias no mapa dos bairros da cidade. Destaque para o bairro do Pilarzinho, que inicialmente foi uma colônia destinada a soldados que retornavam da Guerra do Paraguai, futuramente recebeu imigrantes alemães e poloneses e teve também presença polonesa em grande número, tendo sido a primeira colônia a recebê-los na cidade de Curitiba.

Algo de grande importância que o trabalho vem mostrando, é a percepção de que as antigas colônias polonesas em Curitiba continuaram ocupando o mesmo

espaço físico no mapa da cidade depois que vieram a se tornar bairros, e isso segue até os tempos atuais. Não aumentaram, não diminuíram, tampouco deixaram de existir. Para que este paralelo seja visualizado pelo leitor, apresentam-se abaixo dois mapas: no mapa 2.3 há a divisão atual dos bairros de Curitiba e a localização das ex-colônias, e no mapa 2.4 há a localização das antigas colônias polonesas em um mapa de Curitiba, da primeira metade do século XX.



MAPA 2.3: BAIRROS CURITIBANOS QUE COMPUNHAM AS ANTIGAS COLÔNIAS DE IMIGRANTES POLONESES. MAPA FEITO POR: CAMARGO, P.L.T. 2015.



MAPA 2.4: A CIDADE DE CURITIBA ENTRE OS ANOS DE 1947 – 1953. DESTAQUE PARA AS COLÔNIAS ABRANCHES E SANTA CÂNDIDA, AONORTE DA CIDADE, E PARA AS COLÔNIAS ORLEANS E SANTO INÁCIO, PRÓXIMAS AO CAMPO COMPRIDO. FONTE: www.museuparanaense.pr.gov.br

A primeira colônia de imigrantes a ser construída em Curitiba por meio de iniciativa do município foi a colônia mista do Pilarzinho, no ano de 1870. A colônia do Pilarzinho se localizava ao norte da capital e recebeu populações alemãs e, posteriormente, algumas famílias polonesas que vieram transmigradas de colônias em Santa Catarina (WACHOWICZ, 2000) e recebeu este nome em homenagem religiosa a Nossa Senhora do Pilar. Durante a década de 1870, a província do Paraná e a cidade de Curitiba construíram outras importantes colônias para a população de imigrantes poloneses que chegavam à cidade, tais como:

a) A Colônia do Abranches:

A primeira colônia fundada por iniciativa do município de Curitiba e que foi destinada exclusivamente aos imigrantes poloneses foi a Colônia do Abranches, criada em 1873. O território da colônia fica localizado na região noroeste de Curitiba, conforme traz o texto de Wachowicz (1976a), a Câmara Municipal de Curitiba destinou aos imigrantes poloneses um “lajeado que deságua no Rio Barigui pela margem esquerda”. (1976a, p. 14), distante a 6 km do centro da cidade. E recebeu este nome em homenagem ao então Presidente da Província do Paraná, o Sr. Francisco José Cardoso de Araújo Abranches. Dados da Província do Paraná de 1893, e trazidos no texto de Wachowicz (1976a), apontam que a colônia de Abranches tinha 82 lotes, habitados por 320 famílias. E que de acordo com os cálculos do recenseamento feito neste ano, a população da colônia correspondia a 10% do total de 27 mil habitantes de toda a cidade de Curitiba.

Grande parte dos imigrantes que chegaram à colônia de Abranches vinha da região da Prússia Ocidental, mas tendo em vista os números de indivíduos divididos por aldeias de origem, Wachowicz (1976a) aponta que a maioria dos imigrantes era proveniente de uma aldeia chamada Siolkowice, que fica na região da Silésia. Tanto a Prússia quanto a Silésia eram territórios de dominação alemã à época da imigração – entre as décadas de 1870 e 1890.

Os imigrantes residentes na antiga colônia do Abranches eram de maioria católica, e nos primeiros anos do assentamento a necessidade de professar a sua fé era colocada para as autoridades paranaenses, por parte dos colonos. Isso

também incluía a disponibilidade de um sacerdote polonês para rezar as missas para a comunidade, em idioma polonês. Essa reivindicação foi atendida entre o final da década de 1870 e início dos anos 1880; foi quando a comunidade se uniu para construir a Paróquia de Sant'Ana de Abranches (figura 2.3) e o primeiro padre da Paróquia foi Pe. Ladislau Grabowski¹⁰, que atuou entre os anos de 1878 e 1881.

Nos primeiros anos da colônia a Igreja serviu como principal ponto de encontro dos colonos para que estes se comunicassem; trocassem informações sobre como andava o cultivo da terra e também para os imigrantes saberem sobre as novidades da colônia, como conta Wachowicz (1976a). Isso porque a distância entre as casas dos colonos era de 300 a 500 metros umas das outras, uma distância na qual os poloneses não estavam acostumados a conviver.



FIGURA 2.3: PARÓQUIA DE SANT'ANA DO ABRANCHES. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

¹⁰ Segundo informação disponível na página eletrônica da Paróquia de Sant'Ana de Abranches, no endereço: <http://www.santanadeabranches.com.br/a-paroquia>

b) A Colônia Orleans:

A Colônia Orleans foi fundada em dezembro de 1875, por iniciativa da Província do Paraná, conforme traz o texto de Wachowicz (1976b). A Colônia ficava situada a 10 km do centro de Curitiba, às margens da antiga Estrada do Mato Grosso (atual BR 277), e recebeu esse nome em homenagem ao esposo da Princesa Isabel - o Conde Luiz Felipe de Orleans - conhecido como Conde D'Eu, (figura 2.4).



FIGURA 2.4: MAPA DAS ANTIGAS COLÔNIAS ORLEANS E SANTO INÁCIO. REPRODUZIDO DE WACHOWICZ (1976b, ILUSTRAÇÕES ANEXAS).

A divisão inicial da colônia foi uma demarcação de 66 lotes, que no início de 1876 recebeu 63 famílias, totalizando 249 habitantes cuja maior parte era

originária da Polônia Prussiana. Viviam na colônia alguns imigrantes de outras nacionalidades, que eram remigrados de outras colônias. Com o tempo, esses imigrantes não poloneses acabaram transferindo seus lotes aos poloneses vizinhos e mudando-se de Orleans.

Com o crescimento das colônias polonesas na região oeste de Curitiba e o acompanhamento direto da produção agrícola sendo feito pelo governo da Província, a prefeitura da capital opta por criar um distrito administrativo. Em agosto de 1892, a Câmara Municipal de Curitiba assina um decreto criando o Distrito Administrativo de Nova Polônia. Este distrito funcionou por 46 anos - de 1892 até 1938 – quando o Decreto-Lei estadual 7.573 de 20 de outubro de 1938, revogou o decreto anterior, que o criara. Este distrito reunia as colônias polonesas próximas à antiga estrada do Mato Grosso, na parte oeste da capital (Orleans, S. Inácio, Riviére, D. Pedro, D. Augusto e Tomás Coelho – todas fundadas durante o período de Lamenha Lins). O registro acerca da criação de tal distrito se faz presente nos textos de Wachowicz (1976b) e de Colodel (1983) em que este último autor trata sobre a colônia D. Augusto. O atual bairro curitibano Augusta próximo à Orleans na região oeste; e também aparece na tese de Kanashiro (2006).

Sobre a vida cultural e religiosa da comunidade imigrante em Orleans há duas instituições principais: a Igreja e a Escola. A Igreja da colônia foi construída em 1880 e atendia tanto à Orleans como ao Santo Inácio. Quando o Imperador do Brasil D. Pedro II esteve de passagem pela região, prometeu e mandou entregar presentes aos colonos: dois sinos para a igreja ainda em construção e uma imagem de Santo Antônio, segundo Wachowicz (1976b). No ano de 1906, a capela de Orleans foi elevada ao *status* de Paróquia de Santo Antônio do Orleans.

Orleans foi a primeira colônia de imigrantes em Curitiba a contar com uma escola, inaugurada em outubro de 1876, como indica Oliveira (2010), teve como incentivador e primeiro mestre-escola o polonês naturalizado brasileiro Jerônimo Durski, que lecionava para uma maioria de estudantes poloneses e em idioma polonês. E que segundo Wachowicz (1976b) tinha métodos de ensino bastante rígidos, além de sofrer perseguições do padre Ludovico Przytarski, que via em Durski uma ameaça a sua liderança e representatividade dentro da comunidade. O Padre Ludovico chegou a criar uma segunda escola para as crianças de Orleans

no final dos anos 1870 a fim de afastar Durski dessas atividades, tal escola durou apenas dois anos. Durski então foi lecionar em outras colônias e municípios, retornando a Orleans em outros períodos até a sua aposentadoria, em 1894, como mostra Wachowicz (1976b):

“Em 19.09. 1892, Jerônimo Durski foi removido do Batel onde lecionava, novamente para os núcleos D. Pedro e Orleans, mas com a escola sediada em Campo Comprido. Neste cargo, permaneceu até 1894, quando, por incapacidade auditiva, foi obrigado a solicitar a aposentadoria, a qual foi conseguida, recebendo entretanto o referido mestre escola apenas 753\$600 rs anuais.” (WACHOWICZ, 1976b. p. 47).



FIGURA 2.5: IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DO ORLEANS, ENTRE OS BAIRROS ORLEANS E SANTO INÁCIO. ESTA IGREJA FOI COMPARTILHADA PELOS FIÉIS DAS DUAS COLÔNIAS. FOTO FEITA POR ROCHA, M.R. 2015.

c) A Colônia de Santo Inácio:

A Colônia do Santo Inácio foi instalada no ano de 1876, por iniciativa da política de incentivo à imigração da província do Paraná, que tinha à sua frente o Presidente Lamenza Lins. De acordo com Boschilia (2004) no ano de 1876, das doze colônias de imigrantes no território de Curitiba, nove eram de poloneses. O Santo Inácio se localizava a 3 km do centro de Curitiba, nas proximidades do Rio Barigui e da antiga Estrada do Mato Grosso. Inicialmente, ainda com base nos dados fornecidos pela autora, instalaram-se em S. Inácio 514 imigrantes provenientes da região da Silésia.

A maioria destes imigrantes se dedicou a trabalhar com agricultura, como na maioria das experiências coloniais da região, porém havia um diferencial em S. Inácio, que era o comércio de lenha das matas locais, e posteriormente a instalação de olarias, o que fez com que muitos colonos experimentassem diferentes formas de gerar capital, como o comércio de tijolos e serviços de doméstica na cidade, por exemplo. Boschilia (2004) retrata de que maneira a rotina de trabalho na colônia influenciava na vida daquelas pessoas: "A realidade do trabalho, (...) perpassa o tempo de vida do colono e estará presente, (...) em todas as manifestações do universo colonial." (2004, P. 63). Segundo a autora, a proximidade do S. Inácio com o centro da cidade, auxiliou na inserção dos jovens da colônia no mundo do trabalho no centro urbano: em fábricas, lojas ou casas de família, a partir dos anos 1930.

As manifestações religiosas dos colonos do S. Inácio, que eram na maioria católicos, eram professadas na capela de Santo Antônio do Orleans (Figura 2.5). As condições da estrada que ligava a colônia até a capela eram muito ruins, de acordo com os relatos na obra de Boschilia (2004), entretanto os colonos faziam questão de frequentar o rito católico em idioma polonês na capela da colônia vizinha, porque para os colonos este era o principal meio de convívio social e de interação entre os vizinhos, durante muitos anos, e também para conferir identidade polonesa ao imigrante, deslocado de sua terra natal.

"Ou seja, era por meio da "originalidade" de ritos e celebrações habituais que a religião católica, para o polonês, promovia padrões de

comportamento que impunham, previamente, sanções de ordem moral quanto a possíveis desvios de conduta, que fossem externos ao grupo e que pudessem aproximar-se da “fé brasileira”, sem acarretar determinações contundentes de ordem política.” (BOSCHILIA, 2004, p. 87).

As festas coloniais também tinham caráter religioso, como a festa que celebrava Santo Antônio, que reunia os jovens das colônias e se mostrava como uma oportunidade para que estes iniciassem relacionamentos. Os casamentos dos colonos eram festas grandiosas e com muita fartura. Boschilia (2004) apresenta em sua obra, relatos que comprovam o dito popular de que “*festa de casamento de polaco dura três dias*”, pois eram festas que envolvia toda a comunidade, que se unia para organizar os preparativos: cada colono trazia peças de carne ou frangos para assar, ingredientes para fazer bolos (os chamados *kukes*). Contam os depoentes que as noivas iam para a igreja de carroça, que os cavalos eram enfeitados com lacinho no pescoço e fitinhas de papel; e que depois da cerimônia que acontecia em geral na tarde de sábado, o baile no paiol da casa da noiva avançava pela noite de sábado até a manhã de domingo, quando era interrompido pela missa e pelo almoço farto; e depois disso o baile retornava, seguindo até a manhã da segunda feira. Segundo a autora, o casamento típico polonês foi se mantendo com festas extensas e fartas até os anos 1930, quando os jovens começam a entrar no mundo do trabalho urbano, tendo que cumprir rotinas e horários diferentes daqueles do trabalho autônomo nas roças da colônia.

d) A Colônia de Santa Cândida

A colônia de Santa Cândida foi fundada por iniciativa da Província do Paraná, que no ano de 1875, comprou de um proprietário brasileiro a área localizada à margem esquerda da Estrada da Graciosa, distante 8 km do centro de Curitiba. No Boletim da Casa Romário Martins (1975) é dito que alguns colonos tanto do Abranches quanto do Pilarzinho informaram alguns parentes e conhecidos sobre a disponibilidade de terras naquela região, atraindo parte dos colonos que vieram a ocupar Santa Cândida. Chegaram, então, imigrantes das regiões da Silésia e da Prússia Ocidental, compondo um primeiro grupo de 168 imigrantes

(1975, p.8). A colônia recebeu este nome em homenagem à segunda esposa do Presidente Lamenha Lins, a senhora Cândida de Oliveira.

O terreno que abrigou a colônia foi dividido em 40 lotes para as famílias de poloneses, que no ano seguinte de sua fundação organizaram-se para construir a primeira capela da colônia, inaugurada em 6 de janeiro (dia de Reis) de 1877. A capela se tornou Paróquia no ano de 1936, por incentivo de Dom Ático Eusébio da Rocha, conforme aponta o Boletim Informativo (1975). A mudança de capela para Paróquia implicava no aumento das instalações da igreja, foi quando no mesmo ano de 1936, a Paróquia de Santa Cândida foi construída e inaugurada pelo Padre Wislinski.

Um dado importante registrado por Wachowicz (1975) no documento foi a visita do Imperador D. Pedro II à colônia de Santa Cândida em maio de 1880. Assim como fez também na colônia Orleans, D. Pedro II visitou os colonos de Santa Cândida, há o registro de que o Imperador foi recebido com saudações pelos colonos; assistiu a uma missa na capela da colônia; tomou café na casa de um imigrante e conheceu a produção agrícola local.

Além da Igreja, a comunidade de Santa Cândida tem na sua escola um motivo de orgulho. Como a educação das crianças era uma preocupação dos colonos de Santa Cândida, a comunidade, no início do século XX começa a se organizar, por meio de solicitações, em torno da construção da Casa Escolar. Em 1912, duas irmãs da Congregação da Sagrada Família de Maria – Ir. Ludvica Babula e Ir. Ana Kornowski - vieram da Polônia para auxiliar o Padre Leon Niebieszczanski em tarefas da igreja e com o trabalho educativo, conforme mostra Mika (2012).

Assim, as irmãs organizaram a primeira escola da comunidade, instalada em uma construção de madeira muito pequena e improvisada, que oferecia ensino de português e polonês formal tanto às crianças de Santa Candia, como de outras localidades - tais como: Roça Grande, Bairro Alto, Ressaca (atual bairro da cidade de Colombo, São Gabriel). O ensino de do polonês formal é enfatizado no texto de Mika (2012), pois este que era falado pelos padres e irmãs era diferente daquele falado na região da Silésia, que era considerado um polonês mais interiorano. A

região da Silésia é de onde provinha a maioria dos colonos que mantinham o costume de falar esse polonês típico em suas casas. A autora conta sobre como era o ensino na Escola Santa Cândida, nas primeiras décadas do século XX:

“Os materiais dos alunos eram um penal para canetas e penas descartáveis e lápis de pedra. Era utilizado o livro de catecismo 'História Sagrada'. (...) Normalmente a merenda [trazida de casa] era uma fatia de broa de centeio ou pão com salsicha e uma garrafinha de café com leite” (MIKA, 2012. p.50).



FIGURA 2.6: CASARÃO ONDE FUNCIONOU O COLÉGIO SANTA CÂNDIDA ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1970, SITUADO NA RUA THEODORO MAKIOLKA, NO BAIRRO SANTA CÂNDIDA. ATUALMENTE O CASARÃO CONTINUA SENDO ADMINISTRADO PELAS IRMÃS, E LÁ SÃO OFERECIDOS CURSOS PROFISSIONALIZANTES E ARTÍSTICOS PARA TODA A COMUNIDADE. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

A primeira instalação da Escola Santa Cândida era uma pequena casa de madeira que funcionou por dez anos, sendo substituída por um casarão feito em alvenaria, capaz de ampliar a oferta de vagas e melhorar a qualidade do ensino oferecido pelas Irmãs. O casarão também servia de residência das religiosas e foi restaurado em 1998 com verba da Congregação e conforme os apontamentos de restauro do IPPUC, passou a ser um espaço mantido pelas irmãs e dedicado a oferecer atividades culturais, artísticas e profissionais, como: música, pintura, cursos de informática e idiomas, oferecidos para estudantes do Colégio e a comunidade. (MIKA, 2012, p.57). A figura 2.6 mostra a fachada do casarão das Irmãs da Congregação, no bairro Santa Cândida.

Com o aumento do número de estudantes, que chegava a mil nos anos 1970, surge a demanda por mais salas de aula e maior estrutura física do Colégio. Foi durante esta década que o estabelecimento passa a funcionar em uma estrutura própria, construída ao lado do casarão das Irmãs. O colégio foi estadualizado em 1975, como conta a autora, passando a seguir as regras administrativas e pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação (SEED). Porém, conforme um acordo feito entre a Igreja Católica e a SEED, a direção do Colégio Santa Cândida é um posto sempre ocupado por uma das Irmãs da Congregação, não passando por eleições diretas envolvendo a comunidade escolar, como as demais escolas estaduais. A partir do ano de 1996, a diretoria do Colégio é ocupada pela Irmã Olivia Nallon, de 72 anos. Nascida em Bituruna (PR), a Irmã Olivia tem origem italiana, ingressou na vida religiosa aos 19 anos de idade, atuou em outras escolas religiosas da Congregação da Sagrada Família, tanto públicas como particulares.

III – A COMUNIDADE POLONESA HOMENAGEADA EM LOGRADOUROS PÚBLICOS

Um logradouro, de acordo com o Dicionário Michaelis¹¹, é definido como algo que pode ser logrado ou usufruído. Um espaço de uso comum e de livre acesso a todas as pessoas, ou seja, ruas, praças ou jardins. Curitiba possui 8034 desses espaços públicos, localizados em 75 bairros (mapa 3.1). E a maioria dos nomes dos logradouros públicos em Curitiba, se constitui em homenagens a pessoas, que muitas vezes foram personagens históricos importantes no plano nacional, ou estadual. Há, entretanto, logradouros em Curitiba, que homenageiam também pessoas de destaque no âmbito local. Pessoas de importância comunitária e destaque nos seus bairros, muitos destes nomes são de imigrantes ou descendentes de imigrantes, que ganharam espaço e relevância na história da cidade de Curitiba, por motivos que talvez poucos conheçam. E é sobre os logradouros da cidade de Curitiba que trazem em seus nomes homenagens a pessoas de origem polonesa, que esta pesquisa se concentra.

Ao perceber a grande quantidade de ruas e avenidas importantes na cidade que trazem nos nomes imigrantes e descendentes de poloneses, foi possível notar que este elemento é um ponto que marca de forma definitiva a chegada e trajetória dos imigrantes poloneses por Curitiba. Com base no documento fornecido pelo IPPUC¹² (2008), esta fase da pesquisa traz o levantamento referente aos logradouros públicos oficiais da cidade, que possuem nome de imigrantes e/ou descendentes de poloneses. Juntamente ao levantamento, a análise proposta para o capítulo traz a quantidade total de logradouros com nomes poloneses e o número desses logradouros de acordo com os bairros da cidade, mostrando que os dados coletados apontam para a existência de mais ruas com nomes poloneses em alguns bairros e menos em outros. E que a presença polonesa nos bairros que já foram colônias, ficou marcada entre outras formas, pelo recurso dos nomes das ruas.

¹¹ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=logradouro> Acesso em 30/12/2015.

¹² IPPUC: Instituto de Patrimônio e Planejamento Urbano de Curitiba. *Curitiba Mapa e Índice de ruas e loteamentos*. 2008.

Após apresentados os dados sobre os logradouros públicos estudados nesta pesquisa, passa-se ao entendimento sobre como se deram essas homenagens. A pesquisa se encaminha para a análise do processo de escolha dos nomes das ruas, praças e avenidas.

Para, desta forma, conhecer como foi o processo de votação destes nomes; quem foram os vereadores que tiveram as iniciativas de nomear os logradouros e como eram os trâmites de projetos de Lei dentro da Câmara Municipal de Curitiba. E assim, compreender como as discussões das propostas dos nomes de ruas se deram, como a passagem por comissões legislativas, por exemplo. E em um segundo momento conhecer mais sobre as pessoas dos vereadores proponentes dos nomes: descobrindo sobre a origem destes representantes legislativos; sabendo se eles possuem ligações com a comunidade polonesa, como a participação em eventos e festas da comunidade; ou se possuem ligações com bairros que já foram colônias polonesas.

Utilizando-se dos dados coletados, é importante traçar a seguinte reflexão: a comunidade polonesa encontrou neste recurso uma forma simbólica eficaz de homenagear seus membros de modo a serem sempre reconhecidos? Pois, é possível verificar neste capítulo que, por exemplo, nos bairros que foram antigas colônias se percebe a ocorrência de inúmeros monumentos que aludem à imigração.



MAPA 3.1: CURITIBA E SUA DIVISÃO POR BAIRROS. FONTE: <http://www.curitiba-parana.net/mapas/bairros.htm>

Assim como é importante também retratar nesta pesquisa a maneira como se apresenta a comunidade polonesa em Curitiba na atualidade, mostrando alguns elementos que possam gerar visibilidade à forma como esta comunidade vive na capital paranaense no início do século XXI. Como a existência de pontos turísticos, igrejas e o Bosque do Papa que conta com um memorial da comunidade polonesa, entre outros. Pensar esses pontos turísticos e/ou endereços como marcas da visibilidade dos imigrantes poloneses, também possibilita pensar sobre a noção de homenagem. Qual é a importância em se prestar uma homenagem à comunidade? De que maneira essa homenagem se consolida? A comunidade se reconhece nessas homenagens?

A seguir tem-se uma descrição acerca da presença da comunidade polonesa em Curitiba atualmente.

3.1 Algumas marcas da presença polonesa atualmente em Curitiba

Certos monumentos e espaços na cidade de Curitiba representam marcas da presença polonesa na cidade, são lugares que aludem à vida nas antigas colônias, ou espaços muito frequentados pela comunidade até os dias atuais - tanto para lazer como para a prática religiosa - e também monumentos e construções que se encarregam de contar partes da história dessa comunidade, seja na área central da cidade ou nos bairros que são ex-colônias. Alguns desses espaços são mostrados aqui desde a região central até os bairros curitibanos que compunham colônias no passado.

3.1.1 Na Região Central de Curitiba

Há atualmente em Curitiba, uma igreja católica localizada no centro da cidade que celebra missas em idioma polonês todos os domingos. A Igreja de Santo Estandislau, localizada na Rua Emiliano Perneta, foi construída em 1909 e se apresenta como um templo representativo da comunidade polonesa na capital. Em 1978, o Bispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto decretou que a igreja se tornaria Paróquia Pessoal dos Poloneses¹³ em Curitiba, ou seja, um templo dedicado exclusivamente a esta população. Tendo sido decretada Paróquia Territorial de Santo Estandislau, em 1993, significando que esta paróquia atenderia não somente os poloneses, como também todas as pessoas da comunidade católica que vivem na região central de Curitiba.

¹³ Outros exemplos de Paróquia Pessoal em Curitiba, na atualidade, são: a paróquia pessoal dedicada à pessoas com deficiência – Paróquia Nossa Senhora da Ternura – no centro da cidade, e a paróquia pessoal dedicada à pessoas com dependência química – Paróquia Cristo Redentor – localizada no bairro Mercês.



FIGURA 3.1: FACHADA DA IGREJA DE SANTO ESTANISLAU, NO CENTRO DE CURITIBA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Também na região central, encontra-se o maior ponto turístico que remete à imigração polonesa em Curitiba, o Bosque Papa João Paulo II (Figura 3.2). Localizado no bairro do Centro Cívico e margeado pelo Rio Belém, o Bosque abriga o Memorial Polonês, que conta um pouco da história da imigração, o trabalho rural, o artesanato típico e a religiosidade dos imigrantes poloneses.



FIGURA 3.2: CASAS TÍPICAS DOS COLONOS POLONESES DENTRO DO BOSQUE DO PAPA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Mesmo que o Bosque ajude a contar a história da comunidade, apresentando elementos típicos das colônias em seu memorial, as construções lá presentes foram transferidas de outro lugar e reconstruídas dentro do Bosque, pois a área não pertencia à colônia alguma, no passado. Talvez o mais próximo da presença de antepassados colonos poloneses na região do Centro Cívico seja a antiga Estrada do Assungui, atual Rua Mateus Leme. Nessa rua, que liga o centro da cidade ao bairro Abranches e que passa próxima à entrada do Bosque, existe um Portal construído em 1991, que homenageia aos colonos imigrantes que utilizavam aquele caminho para escoar sua produção agrícola, a ser vendida na cidade, o Portal Polonês está retratado na Figura 3.3.



FIGURA 3.3: PORTAL POLONÊS, LOCALIZADO NA RUA MATEUS LEME, BAIRRO CENTRO CÍVICO. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Na lateral direita do portal há uma placa em mármore, e sua inscrição conta que a Rua Mateus Leme fora o Caminho do Assunguy, que servia de via de acesso para os colonos da região norte – Pilarzinho, Abranches, Santa Cândida e Lamenha Grande - até o centro da cidade. Na placa também está escrito que a imigração polonesa trouxe ao Paraná, valores importantes para as artes, a cultura, a culinária e técnicas agrícolas. Ressalta ainda o forte apego religioso desta comunidade. Tal placa registra que a cidade de Curitiba homenageia os imigrantes poloneses, por terem sido parte do constructo de seu povo, na ocasião da comemoração dos 300 anos da cidade. Como também traz o agradecimento da comunidade polonesa pela homenagem prestada. A Figura 3.4 traz a imagem desta placa, ao lado do portal.

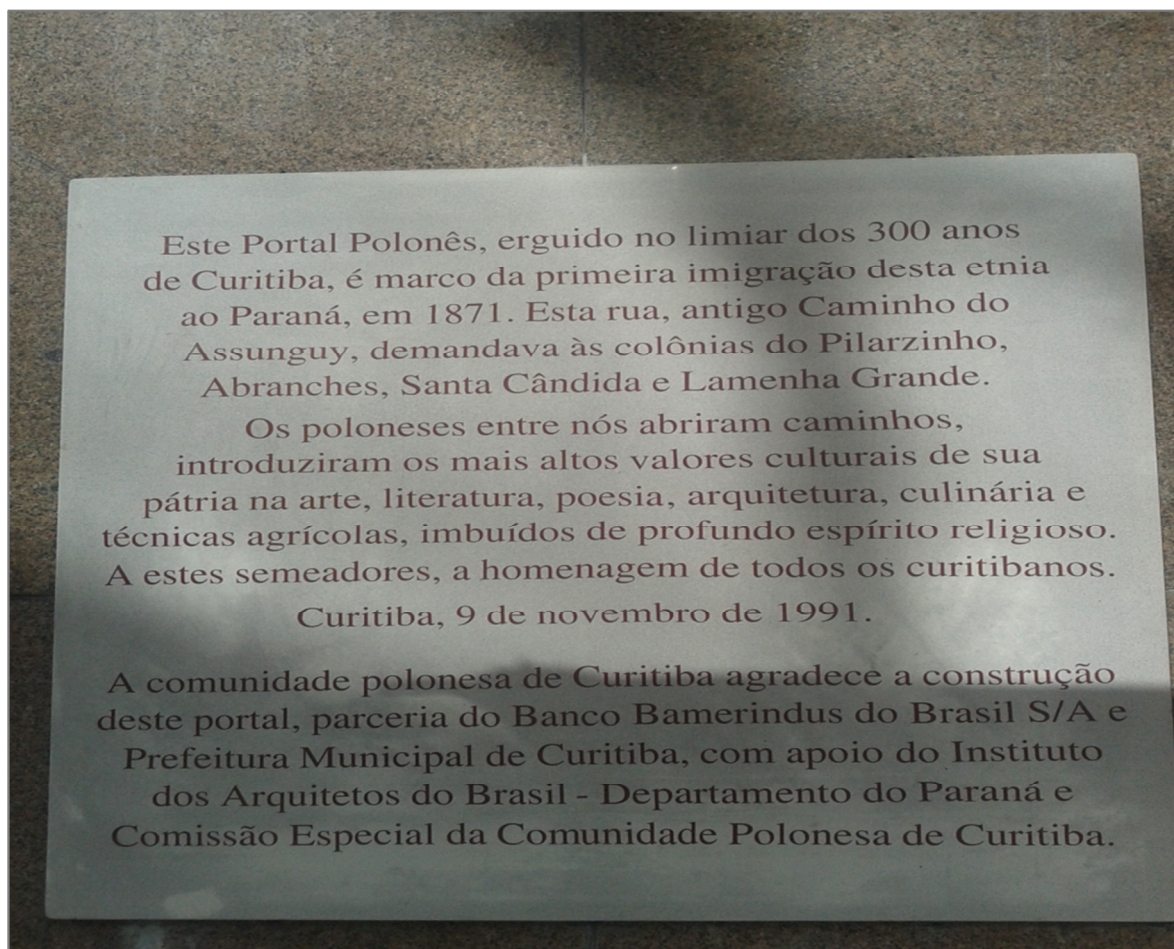


FIGURA 3.4: PLACA EM MÁRMORE NA LATERAL DO PORTAL POLONÊS, DATADA DE 9/11/1991. FOTO FEITA POR ROCHA, R. M. 2015.

O Bosque do Papa é um parque público estadual, com sua área verde gerida pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Curitiba, no entanto a coordenação do Memorial Polonês instalado no centro do Bosque é de caráter particular. A Representação da Comunidade brasileiro polonesa no Brasil – BRASPOL – mantém uma coordenadora geral para cuidar do memorial, é a senhora Danuta Lisicki de Abreu. Dona Danuta, como é conhecida, cuida de todos os eventos promovidos no Bosque, organiza e coordena o acervo e a capela, sua filha administra a lojinha de artesanatos que há no Bosque. Dentro da capela, Dona Danuta e o ex-Vereador José Gorski construíram juntos um altar em memória ao Papa João Paulo II, como demonstração de referência, respeito e fé. Os reparos estruturais no Bosque e também no Portal Polonês, na Rua Mateus Leme, são todos feitos pela iniciativa de Dona Danuta.

3.1.2 No bairro Orleans

A ex-colônia polonesa do Orleans, que atualmente é um bairro com mesmo nome e está localizado na região oeste da cidade de Curitiba, também teve forte influência da Igreja Católica em sua constituição. Isso é notável de acordo com uma homenagem gravada em um monumento que celebra o centenário da ação das Irmãs da Sagrada Família e que se localiza na praça em frente à paróquia Santo Antônio do Orleans. No ano de 1906 três religiosas polonesas: Sofia Ulatowska, Edwiges Dudek e Maria Grzegorzewiez, fundaram a Congregação da Sagrada Família que se constituía em um estabelecimento de ensino, que levava educação, saúde e evangelização à comunidade. A chegada dessas religiosas à colônia e a construção da irmandade dedicada a fins educacionais e de caridade são confirmados na obra de Wachowicz (1976 b) e se tornaram homenagem em uma praça, em frente à Paróquia do bairro. A imagem do referido monumento está aqui disposta na Figura 3.5, se refere à história da chegada destas religiosas ao Brasil e a ação educacional que elas promoveram desde o início do século XX:



FIGURA 3.5: TOTEM LOCALIZADO NA PRAÇA DA SAGRADA FAMÍLIA, EM FRENTE À PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO DE ORLEANS, EM CURITIBA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Esta homenagem, datada de agosto de 2006, foi prestada pelos ex-alunos da escola criada pelas Irmãs e que continua em atividade pelas mãos de suas sucessoras; além de fiéis ligados à Paróquia de Santo Antônio e pela comunidade geral de Orleans. O totem com a homenagem à ação educadora das Irmãs da Sagrada Família, está posto no centro da Praça da Sagrada Família, em frente à área cercada por muros, que comporta a Paróquia, a escola particular das Irmãs e outros espaços de uso das religiosas e da Paróquia, com a frente posicionada para a rodovia BR-277.



FIGURA 3.6 – PORTAL DE ENTRADA DA PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO DE ORLEANS, EM CURITIBA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

O bairro conta com uma população de pouco mais de oito mil habitantes, segundo levantamento do IPPUC¹⁴ (2007) e pode ser considerado pequeno quando comparado ao bairro vizinho, Santa Felicidade, que possui mais de 28 mil habitantes. Segundo o documento do IPPUC (2015)¹⁵ sobre as especificidades de cada bairro curitibano, o Orleans tem a medida de 5,12 km², o que corresponde a 1,18% do território de Curitiba. Há no bairro Orleans um estádio de futebol que sedia jogos do campeonato metropolitano de futebol amador, o chamado Torneio da Suburbana.

¹⁴ IPPUC. *Bairros de Curitiba 2007. Estimativas populacionais para os 75 bairros e as 9 administrações regionais do município de Curitiba*. Este documento é uma cartilha de dados fornecida gratuitamente na sede do IPPUC.

¹⁵ IPPUC. *Nosso Bairro*. São cartilhas publicadas individualmente para cada bairro da cidade, organizadas por Lucimara Wons e disponíveis em documento digital, para acesso livre no site do IPPUC.



FIGURA 3.7: ESTADIO JOSÉ DRULLA SOBRINHO, SEDE DO CLUBE UNIÃO NOVA ORLEANS NA RUA AFONSO LIPINSKI, NO BAIRRO ORLEANS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

O time de futebol do bairro é o União Nova Orleans (UNO) que foi fundado em janeiro de 1973. Em sua sede, na Rua Afonso Lipinski, existem dois campos de futebol e uma quadra de futsal, com atividades esportivas que são oferecidas à comunidade a semana toda. O time União Nova Orleans foi campeão da primeira divisão da liga amadora de futebol na categoria adulto, em 2014, liga esta disputada por equipes de diversos bairros de Curitiba e também da Região Metropolitana, como o Combate Barreirinha, Trieste de Santa Felicidade, Capão Raso F.C., Operário Pilarzinho, entre outros.

O troféu do título de 2014 está exposto na sede do clube, junto a outras conquistas e matérias jornalísticas que fazem menção aos feitos do UNO e de seus dirigentes. O atual presidente do clube, eleito em 2013, é Mario Luiz Lipinski, do mesmo sobrenome da rua que abriga o clube (Afonso Lipinski), informação que pode mostrar a influência do nome da família Lipinski no bairro, atualmente.

3.1.3 No Bairro do Abranches

Nos tempos atuais, o bairro do Abranches é predominantemente residencial, mas também conta com grande rede de comércios e alguns serviços ao longo da sua via principal, a Rua Mateus Leme que tem como continuação a Rodovia dos Minérios (PR-092) que liga Curitiba a Rio Branco do Sul. Segundo dados do IPPUC (2015), a população do bairro do Abranches é de pouco mais de 13 mil habitantes, a sua extensão é de 4,32 km², correspondendo a 1% do território total da cidade.



FIGURA 3.8: SEDE DA SOCIEDADE RECREATIVA ABRANCHES, NA RUA MATEUS LEME, BAIRRO ABRANCHES, CURITIBA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

O bairro conta com a Paróquia de Sant'Ana, onde na mesma praça, se localiza o busto do pioneiro da imigração polonesa no Paraná, Edmundo Saporski (Figura 3.11). Pontos turísticos da capital, como a Ópera de Arame e a Pedreira Paulo Leminski também estão localizadas dentro do bairro Abranches. Além de haver um espaço para atividades culturais e recreativas na rua principal do bairro, é a Sociedade Recreativa Abranches, entidade de caráter privado que habitualmente é utilizada para shows e festas oferecidos para toda a população (Figura 3.8).

3.2 O conceito de homenagem e a comunidade polonesa em Curitiba

Foi visto no capítulo I desta pesquisa, que dentro do campo sociológico, a definição do conceito de homenagem ainda é algo que precisa ser definido com mais profundidade, e que alguns estudiosos se apegaram a pesquisar sobre temas como a honra e o reconhecimento. Portanto, cabe neste momento compreender o significado da palavra *homenagem* de acordo com o dicionário de português brasileiro. De acordo com o Dicionário Aurélio (1999), o significado de *homenagem* é: “[do occitano antigo *omenatge*]: (substantivo feminino) Ato de cortesia, de consideração, de galanteria”. (FERREIRA, 1999). O que esta definição auxilia na pesquisa é o entendimento de que há uma prestação de consideração vinda dos que homenageiam para aqueles que são homenageados, sejam eles indivíduos ou uma comunidade inteira.

O estudo sobre homenagens prestadas à comunidade polonesa ou seus membros, que é o foco deste capítulo, pode ser entendido de duas formas: a primeira se caracteriza como a prestação de consideração acerca da história dos imigrantes que vieram ao Brasil, do esforço que eles tiveram que exercer para construir seus patrimônios, ou para dar conta do trabalho diário nas roças. Assim, a homenagem se caracteriza através de uma expressão coletiva ou generalizada que engloba toda a imigração polonesa, algo que geralmente remete ao folclore, à religião e à história da comunidade. Para ilustrar esse tipo de homenagem, há os

seguintes exemplos: o Memorial Polonês, o Dia Da Imigração Polonesa (dia dois de maio de cada ano) e a Festa da Padroeira da Polônia - Nossa Senhora de Chestochowa - organizada no final de agosto de 2015, pela comunidade polonesa em Curitiba. (Figura 3.9).



FIGURA 3.9: QUADROS E FLORES PARA A CELEBRAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE CHESTOCHOWA, NO BOSQUE JOÃO PAULO II. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

A segunda maneira de se entender uma homenagem é a prestação de consideração a algum indivíduo específico, que no caso da comunidade polonesa pode ser um colono, imigrante ou descendente, que possa representar uma referência destacada em uma área específica; teve papel importante em algum fato histórico ou época marcante; ou alguém que ficou conhecido pelo seu esforço e trabalho em favor da sua comunidade ou da sociedade como um todo. A Figura 3.10 mostra uma homenagem prestada ao Sr. Sebastião Edmundo Wós Saporski

fixada em um monumento na Praça da Paróquia Sant'Ana do Abranches, pelos feitos relacionados à imigração polonesa ao Paraná.



FIGURA 3.10: PLACA ESCRITA EM PORTUGUÊS E POLONÊS HOMENAGEANDO O INCENTIVO QUE SAPORSKI DEU À IMIGRAÇÃO POLONESA. HOMENAGEM DATADA DE 19/12/1953. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2014.

Há, pois, uma terceira forma de homenagem envolvendo os imigrantes poloneses, desta vez partindo dos imigrantes ao estado e ao povo do Paraná, de certa forma. Trata-se da referência que a comunidade polonesa no Paraná faz aos seus mais relevantes nomes nas artes e nas ciências, para presentear a Biblioteca Pública do Paraná. Quatro nomes de notáveis poloneses das artes e ciências - Chopin, Madame Curie, Copérnico e Sienkiewicz - que são reconhecidos mundialmente e que tiveram seus bustos gravados em uma placa de bronze, que decora a entrada da Biblioteca, como é possível verificar na imagem 3.11, abaixo.

É interessante perceber que tanto a placa em homenagem a Saporski, na Praça do bairro Abranches, quanto esta placa na Biblioteca Pública tem como data

o dia 19 de dezembro de 1953, data em que se comemorou o centenário da emancipação política do Paraná. O que aparentemente mostra a importância que a comunidade deu a esta data comemorativa local, além de, possivelmente, demonstrar que este grupo de imigrantes estava se sentindo pertencente ao estado de adoção, e fazendo parte daquela comemoração também, notando a importância desta data histórica, através destas prestações de consideração.



FIGURA 3.11: BUSTOS DE CIENTISTAS E ARTISTAS POLONESES ABAIXO DO BRASÃO DA PREPÚBLICA DA POLÔNIA – PRESENTE DESTA COMUNIDADE À BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO. HOMENAGEM DATADA DE 19/12/1953¹⁶. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

¹⁶ Na entrada da Biblioteca Pública do Paraná, há outras homenagens de natureza semelhante, bustos de escritores ou cientistas dos países com comunidades imigrantes em Curitiba. Como, por exemplo, os bustos de Luís de Camões, pela comunidade portuguesa e de Dante Alighieri, pela comunidade italiana.

Diante de formas como estas, que são capazes de prestar reconhecimento a uma comunidade ou a um indivíduo - formas estas cabíveis também para a comunidade polonesa especificamente - há nesta pesquisa a dedicação em agrupar, localizar e compreender as homenagens presentes ruas, praças e jardins intitulados com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses, espalhados pela cidade de Curitiba.

3.3 Os logradouros

Como foi dito no início do capítulo, a cidade de Curitiba possui mais de 8000 logradouros públicos oficiais, nomeados pela prefeitura municipal e espalhados pelos 75 bairros da capital paranaense, de acordo com o documento oficial de logradouros do IPPUC (2008). Destes, 463 logradouros levam o nome de algum imigrante ou descendente de poloneses e estão distribuídos em 60 bairros. O que chega a 5,8% do total de ruas, avenidas, jardins e praças que homenageiam poloneses em toda a cidade. O número oficial de logradouros em Curitiba tende a aumentar, visto que desde 2008 - ano da publicação do documento de base da pesquisa - 1027 logradouros da capital aguardavam pela oficialização de sua denominação, sendo destes 46 com nomes de poloneses.

Este levantamento permite ainda comparar esses números da parcela polonesa, com os de outros grupos de imigrantes, como os italianos e sírio-libaneses (árabes). Esses dois outros grupos foram escolhidos pela forte presença que possuem na cidade, atuando em setores empresariais e políticos (OLIVEIRA, 2012). No primeiro grupo, dos italianos, foram encontradas 982 denominações em endereços na cidade – mais que o dobro das ruas com nomes de poloneses - e o grupo de árabes, teve um total de 185 endereços que homenageiam imigrantes ou descendentes. Esses números podem mostrar que em Curitiba não se homenageia somente a parcela polonesa da população em nomes de ruas, havendo outros grupos de imigrantes que utilizam da mesma ferramenta para prestar referência a

membros de seu grupo. Ocorrem inclusive endereços que remetem aos seus países ou regiões de origem como, por exemplo, os endereços Rua República do Líbano, no Jardim Social e a Rua Via Vêneto, em Santa Felicidade.

Muito embora sejam apresentados diversos sobrenomes importantes para os círculos de poder político em âmbito recente no Paraná – especificamente para a capital - na obra de Oliveira (2012), tais como Khury, Richa, Traad, Sabbag, Mussi, entre outros, essa relação encontra pouco reflexo nas denominações de logradouros, conforme o número acima colocado pode demonstrar.

Entre os nomes de origem italiana que figuram entre os que foram encontrados no documento do IPPUC (2008), está o sobrenome Bertoldi, e a este é necessário dar destaque. Osmar Bertoldi foi vereador de Curitiba por três mandatos na década de 1990, e segundo Oliveira (2012) este político teve uma forte atuação no segmento de habitação, sendo responsável pela criação de um conjunto habitacional com 6200 lotes na região sul de Curitiba. O autor ainda destaca que muitas das homenagens prestadas pelos vereadores, são dirigidas a seus próprios antepassados: “Vereadores de Curitiba homenageiam parentes na hora de dar nome às ruas. No bairro campo do Santana, mais de 20 ruas foram batizadas com o sobrenome do mesmo político.” (2012, p. 181).

Ainda analisando a grande diferença na quantidade de endereços com nomes italianos em relação aos poloneses, é possível traçar uma reflexão acerca do estigma que a comunidade polonesa em Curitiba possui. Essa questão foi central em estudos como o artigo *Do Polonês ao Polaco*, de Ianni (1966) e futuramente discutido por Oliveira no artigo “*A Inesperada descoberta de Octavio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba*” (2015), onde os autores trazem à tona o racismo direcionado ao polonês e o trato pejorativo que os este grupo recebia em Curitiba quando da sua instalação na cidade. Havia uma gama de estereótipos criados pela comunidade curitibana – fossem membros de outros grupos imigrantes ou de origem luso-brasileira – que visava aferir qualidades negativas ao polonês, tais como uso abusivo de álcool e analfabetismo, por exemplo. A população polonesa em Curitiba estava no mesmo patamar de *status* negativo que os negros e pardos, tanto que estes eram os grupos mais rejeitados para casamentos de acordo com o levantamento feito por

lanni (1966), naquele estudo. Sendo assim, o grupo de imigrantes italianos encontrando-se livre de preconceitos desta natureza e contando com observações positivas (ainda que estereotipadas) a seu respeito, pode garantir mais visibilidade para seus membros, seja tanto em seus empreendimentos e posições profissionais favoráveis; como na questão de atributos sociais e culturais, visto que eram considerados muito criativos e artísticos, quanto também, no que se refere às marcas da presença italiana na cidade, verificada nos logradouros públicos que os homenageiam.

Os dados referentes, especificamente, aos logradouros com nomes de poloneses permite perceber em que bairros estas homenagens estão localizadas, para que se tenha uma compreensão acerca do mapa das regiões onde há uma maior visibilidade da comunidade polonesa na cidade, e também uma visão quanto à localização regional das ações e projetos referentes ao grupo polonês, propostos pelos vereadores ligados a esta comunidade, na forma de logradouros.

3.3.1 Os logradouros com nomes de poloneses por bairros de Curitiba: comparações

Diante da listagem dos logradouros que levam nomes de poloneses e os bairros em que cada endereço está localizado, verifica-se que em somente 15 bairros não há ocorrência de algum logradouro com nome de poloneses, são eles: Alto da Glória, Cabral, Hugo Lange, Jardim Social e Juvevê na região norte; Santa Quitéria, Seminário, São Miguel e Vila Izabel na região oeste; Parolin e Guaíra na região centro-sul; Centro Cívico (que não contém logradouros, mas abriga o já citado Bosque do Papa) e São Francisco na região central; Cascatinha, localizada na região noroeste da cidade e Caximba no extremo sul da capital paranaense. A consulta desses bairros pode ser feita no mapa 3.1, acima.

A maioria dos 463 logradouros encontrados na pesquisa está disposta da seguinte forma: parte está localizada nos bairros que foram antigas colônias polonesas, e que acabaram sendo englobadas pela malha urbana da cidade – localizados nas regiões norte e oeste da capital; e parte está nos maiores e mais populosos bairros, que se encontram na periferia da cidade, as regiões sul e leste.

É interessante pensar sobre esse desenho que a cidade mostra, apontando que tanto ex-colônias como bairros de periferia estão localizadas nos pontos extremos do território curitibano, porém em regiões opostas entre si em seu mapa. Historicamente se nota que os terrenos mais centrais de Curitiba foram ocupados por famílias mais abastadas, muitas delas de origem luso-brasileira e ligadas aos empreendimentos da erva mate (SOUZA, 2001) e de ocupação anterior a dos imigrantes. E que a ocupação do grupo estrangeiro ocorria nas áreas do entorno da cidade, um tanto distantes da área urbana – a norte e a oeste, distantes de 6 a 10 km da área central, – espaços estes destinados à ocupação rural, o chamado rocio.

A Tabela 3.1 apresenta os bairros com maior ocorrência de logradouros com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses e a quantidade de endereços encontrada em cada um deles, eles estão apresentados em grupos de bairros que foram antigas colônias imigrantes e os que não foram, porém que são, atualmente, os bairros mais populosos da cidade:

TABELA 3.1: BAIRROS CURITIBANOS ONDE SE ENCONTRAM O MAIOR NÚMERO DE LOGRADOUROS QUE HOMENAGEIAM MEMBROS DA COMUNIDADE POLONESA.

Logradouros por Bairro			
Entre as Antigas colônias polonesas	Santa Cândida = 24 logradouros	Entre os maiores bairros de Curitiba	CIC = 51 logradouros
			Sítio Cercado = 23 logradouros
	Orleans = 18 logradouros		Pinheirinho = 16 logradouros
	Abranches = 16 logradouros		Cajuru = 18 logradouros
	Pilarzinho = 14 logradouros		Alto Boqueirão = 16 Logradouros
	S. Inácio = 11 logradouros		

	Mercês = 3 logradouros		Total = 124 Logradouros
	Barreirinha = 8 logradouros		
	Total = 94 Logradouros		

FONTE: IPPUC (2008). ALTERAÇÕES E EDIÇÃO: ROCHA, R.M. 2015.

A resposta para a coincidência que os números apresentam, colocando lado a lado ex-colônias e bairros periféricos com elevados índices de endereços com nomes de poloneses, pode estar nas datas de aprovação da nomeação dos logradouros, na Câmara Municipal de Curitiba, ao longo do século XX. Época esta que coincide com a oficialização de muitos loteamentos da periferia da cidade. Este detalhamento e informações sobre o trâmite legislativo para a nomeação de endereços são apresentados em item a seguir.

Uma importante comparação se refere aos bairros que possuem poucos ou nenhum endereços com nomes de imigrantes ou descendentes poloneses e aqueles em que as homenagens ocorrem em maior número. A tabela 3.2 apresenta um breve comparativo entre bairros vizinhos que possuem diferenças quanto ao número de logradouros se comparados uns com os outros, contendo informações referentes à metragem e população de cada um; e também uma apresentação do número de logradouros nos bairros construídos e ocupados antes do período da imigração na cidade de Curitiba, que em geral ficam na região central da cidade:

TABELA 3.2: COMPARAÇÃO ENTRE O TAMANHO DOS BAIRROS E A QUANTIDADE DE LOGRADOUROS COM NOMES DE POLONESES ENTRE ELES.

Bairros vizinhos da região Leste:	Cajuru	Jd. das Américas
	18 Logradouros	5 Logradouros
	Área: 11,79 km ² . 96.200 hab.	Área: 3,86 km ² . 15.300 hab.
Bairros vizinhos da região Norte:	Santa Cândida	Boa Vista
	24 Logradouros	4 Logradouros
	Área: 10,19 km ² . 32.800 hab.	Área: 5,22 km ² . 31 mil hab.

Bairros vizinhos da região Sul:	Sítio Cercado	Boqueirão
	23 Logradouros	5 Logradouros
	Área: 11,2 km ² . 115.500 hab.	Área: 14,4 km ² . 73.160 hab.
Bairros Vizinhos da Região Oeste (neste caso ambos foram colônias polonesas):	Orleans	Riviera
	18 Logradouros	1 Logradouro
	Área: 5,12 km ² . 8 mil hab.	Área: 2,44 km ² . 289 habitantes
Bairros de ocupação anterior à imigração	Rebouças	São Francisco
	1 Logradouro	0 Logradouro
	Área: 2,97 km ² . 14.800 hab.	Área: 1,35 km ² . 6.130 hab.
	Centro	Batel
	1 Logradouro	1 Logradouro
	Área: 3,28 km ² . 37.200 hab.	Área: 1,74 km ² . 10.800 hab.

FONTE: IPPUC (2008; 2015). ALTERAÇÕES E EDIÇÃO: ROCHA, R.M. 2015.

Essa comparação mostra que os bairros que contam com baixo número de logradouros com nomes de poloneses, podem apresentar um maior número de homenagens a outras imigrações, ou a outros personagens históricos, sejam de importância regional ou nacional. Um bom exemplo disso é o bairro Bom Vista, na região norte, que apresenta apenas quatro logradouros com nomes de poloneses e tem um alto número de ruas que levam o nome da família *Geronasso*, de origem italiana e donos da fazenda que compreende a atual área do bairro (MUZZILLO, 2011). O mesmo acontece com o bairro Parolin, que não consta na tabela acima, mas já foi apontado como um dos bairros que não possui endereços com nomes de poloneses. No bairro Parolin, é possível encontrar diversos endereços com o sobrenome que denomina o bairro, como as ruas: João Parolin, Eugênio Parolin e Antônio Parolin, também de origem italiana.

No bairro Lindoia – região centro-sul da capital paranaense – encontram-se ruas que homenageiam escritores, pensadores e cientistas internacionais, que não possuem qualquer ligação com Curitiba, mas que mereceram o reconhecimento de suas vidas e obras, com nomes de ruas. São exemplos disso, as ruas León Tolstói (escritor russo), Galileu Galilei (cientista italiano), Antero de Quental (escritor

português) e Victor Hugo (pensador francês). Há até uma homenagem ao industrial estadunidense que criou o sistema de produção de automóveis em larga escala, tendo assim a Avenida Henry Ford, que divide os bairros Fanny e Lindoia. Há somente uma rua homenageando descendentes de poloneses neste bairro, é a Rua Capitão João Zaleski, que o corta de ponta a ponta.

Dentre os bairros que tiveram ocupação mais antiga que o período da imigração europeia em Curitiba, há o exemplo do bairro São Francisco, onde não há logradouros com nomes de poloneses, mas há endereços que levam nomes de relevância histórica para o Paraná, como a Rua Pres. Carlos Cavalcanti; ou de famílias tradicionais da política local como as ruas Jaime Reis e Trajano Reis, todos esses homens eram de origem portuguesa e indígena (OLIVEIRA, 2012). Além desses nomes importantes para a história do estado, há endereços que remetem ao Brasil Império, ou a marcas dessa época, tais como a Rua 13 de maio, Rua Portugal, Rua Almirante Barroso e Rua Duque de Caxias. No mesmo bairro, no entanto, existem referências a imigrações estrangeiras diferentes da polonesa, em alguns de seus endereços, é o que se pode ver na Praça Nassib Abdo Abage – de origem árabe – e nas Ruas Odilon Mader e Kellers – de origem da Europa central, provavelmente alemã ou suíça¹⁷.

Algo semelhante ocorre nos bairros Rebouças e Batel, ambos com apenas um logradouro polonês cada, no Rebouças há o Largo Júlio Szymanski (médico e professor, um dos fundadores da UFPR) e no Batel há a continuação da Rua Jerônimo Durski (professor e um dos pioneiros da imigração polonesa). Nesses bairros há endereços homenageando políticos da época do Paraná provincial, como a Avenida Vicente Machado e a Rua Presidente Taunay, ambas no Batel. E no Rebouças, um exemplo é a Rua Lamenha Lins, personagem este que foi presidente do Paraná entre 1875 e 1877, sendo incentivador da criação de diversas colônias imigrantes na região de Curitiba (CARNEIRO JÚNIOR, 2014). Há ainda, exemplos de endereços que levam nomes de personagens históricos com relevância nacional, como a Avenida Presidente Getúlio Vargas (Rebouças) ou a Alameda Dom Pedro II (Batel). As homenagens dirigidas a importantes nomes

¹⁷ A pesquisa feita com os sobrenomes Mader e Kellers não envolveu os indivíduos respectivamente nomeados nas ruas, mas sim a posição geográfica em que se localizam os portadores destes sobrenomes ao longo dos tempos, verificado no site: <http://pt.geneanet.org/>

internacionais das ciências também ocorrem no Batel, com a Rua Pasteur, em homenagem ao cientista francês. E a Rua Gutemberg em referência ao alemão que ficou conhecido como criador da imprensa, contudo estes personagens não foram imigrantes.

Outra comparação é possível de ser feita dentro do universo dos dados referentes aos logradouros que levam nomes de poloneses e que diz respeito a outras colônias de imigrantes dentro do município de Curitiba. São colônias que, no passado, foram ocupadas por imigrantes de outras nacionalidades, tais como italianos e alemães; algumas delas foram colônias mistas, ou seja, que tiveram ocupação de imigrantes originais de duas ou mais nacionalidades; e que atualmente também compõem bairros curitibanos assim como as colônias polonesas.

O número de endereços com nomes poloneses, a localização dessas ex-colônias na cidade, os bairros aos quais estas correspondem atualmente e as respectivas origens dos imigrantes dessas outras colônias é o que mostra a Tabela 3.3 abaixo:

TABELA 3.3: BAIRROS CURITIBANOS QUE FORAM COLÔNIAS DE OUTRAS NACIONALIDADES E A OCORRÊNCIA DE LOGRADOUROS COM NOMES DE POLONESES ATÉ 2008.

	Nome da Colônia	Atual Bairro	Origem dos imigrantes	Região da cidade	Nº de Logradouros com nomes de Poloneses até 2008
Colônias Não Polonesas	Argelina	Bacacheri	Italianos e alemães	Norte	6 Logradouros
	Dantas	Água Verde	Italianos vicentinos	Central	2 Logradouros
	Santa Felicidade	Santa Felicidade	Italianos vênnetos	Noroeste	6 Logradouros

FONTE: IPPUC (2008), KANASHIRO (2006). ALTERAÇÕES E EDIÇÃO: ROCHA, R.M. 2015.

Outros tipos de denominação para os logradouros nesses bairros podem ajudar a explicar o baixo número de ruas denominadas com imigrantes poloneses. Muitas ruas no bairro Bacacheri – antiga colônia Argelina - não homenageiam pessoas, e sim países do continente americano, como a Rua México e sua continuação denominada de Rua Canadá; a Rua Uruguai; Rua Nicarágua; Rua Estados Unidos, entre várias outras. Entretanto, umas das seis ruas com nomes de poloneses no Bacacheri homenageia o artista plástico João Zaco Paraná, imigrante polonês que se instalou em Curitiba em 1895 para estudar artes¹⁸.

Algo semelhante ocorre no bairro Água Verde – antiga colônia Dantas – em que se vê numa região toda do bairro, ruas com nomes de estados brasileiros como a Rua Santa Catarina, Rua Mato Grosso, Rua Amazonas, Rua Rio Grande do Sul e a Avenida dos Estados.

A baixa ocorrência de ruas com nomes de poloneses em determinados bairros também pode mostrar que aonde se tem menor presença da imigração polonesa, há baixo número de endereços que levam o nome de imigrantes ou descendentes dessa origem. Ou seja, uma menor presença da instalação da imigração polonesa podendo vir a indicar uma menor visibilidade desta. O principal exemplo disso encontra-se no bairro Santa Felicidade. O mais tradicional bairro italiano de Curitiba, que é famoso pela rede de restaurantes de comida típica italiana possui muitas referências à origem dos imigrantes que ali habitavam, inclusive nos endereços. O bairro que mede 12,18 km², conta com apenas seis endereços com nomes de imigrantes ou descendentes poloneses, e 76 nomes de ruas e praças que homenageiam algum imigrante ou descendente de italiano. Um número tão expressivo assim pode indicar que a visibilidade da imigração italiana é muito forte em Santa Felicidade. E neste ponto é importante traçar o paralelo com os bairros que foram colônias polonesas, mostrando que mesmo as maiores, ou as mais antigas dessas colônias em Curitiba, não possuem tamanha visibilidade em termos de quantidades de endereços, como foi visto acima. Para se ter como

¹⁸ Jan Zak, passa a assinar João Zaco Paraná quando recebe a influência artística de João Turin e Frederico Lange e envolve-se no movimento paranista, expressão artística local que tinha como objetivo elevar a identidade regional do estado, entre os anos 1920 e 1930. João Zaco Paraná é autor da estatua do Semeador, uma contribuição da colônia polonesa à cultura brasileira, inaugurada em 1923. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22133/zaco-parana> Acesso em 03/03/2016.

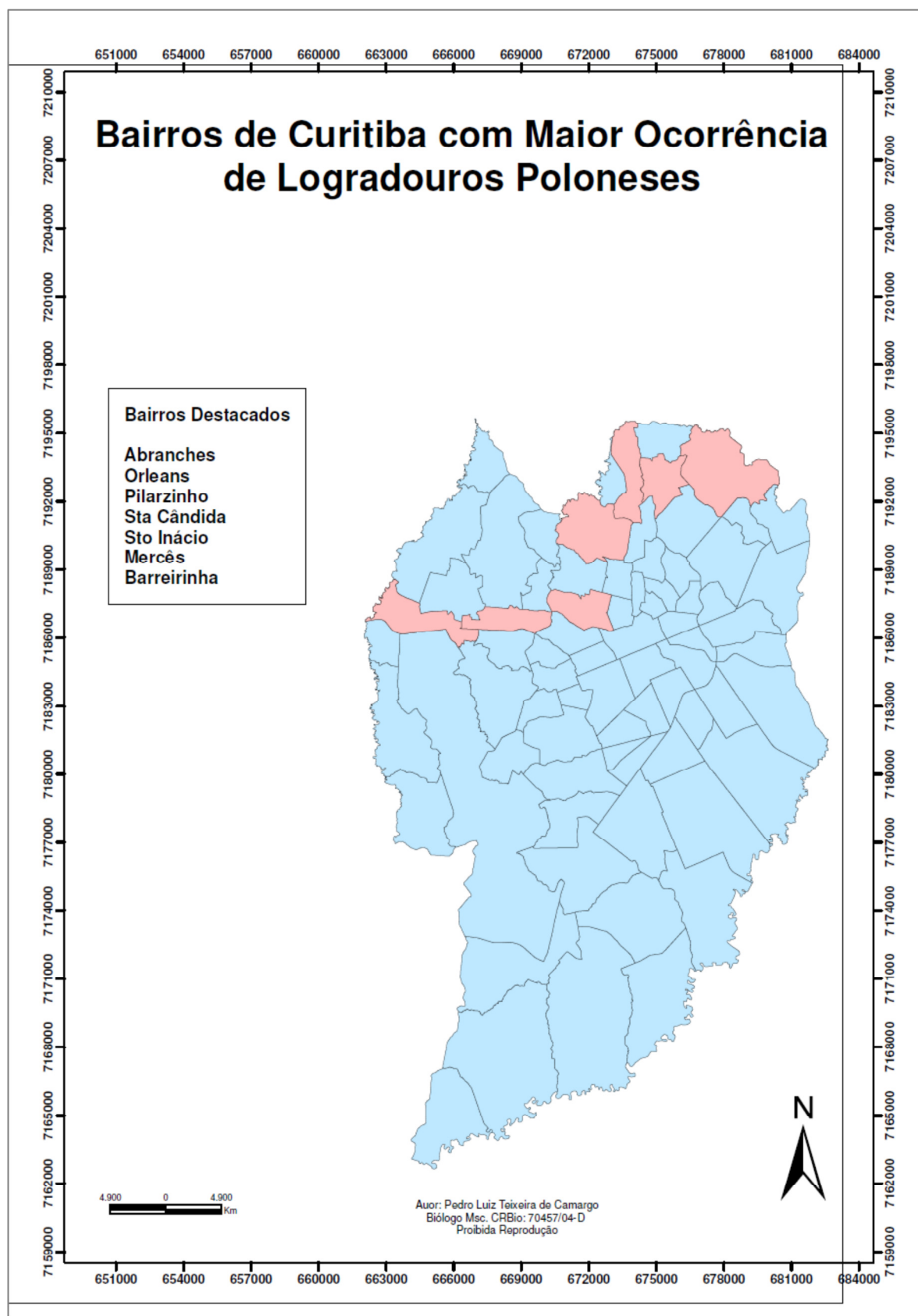
exemplo, a ex-colônia de Santa Cândida, que mesmo sendo atualmente o bairro com maior número de endereços que levam nomes de poloneses, totalizando 24 logradouros, são números bastante tímidos e que correspondem a menos da metade das ruas italianas na antiga colônia italiana de Santa Felicidade.

3.3.2 O mapeamento dos logradouros pelos bairros de Curitiba

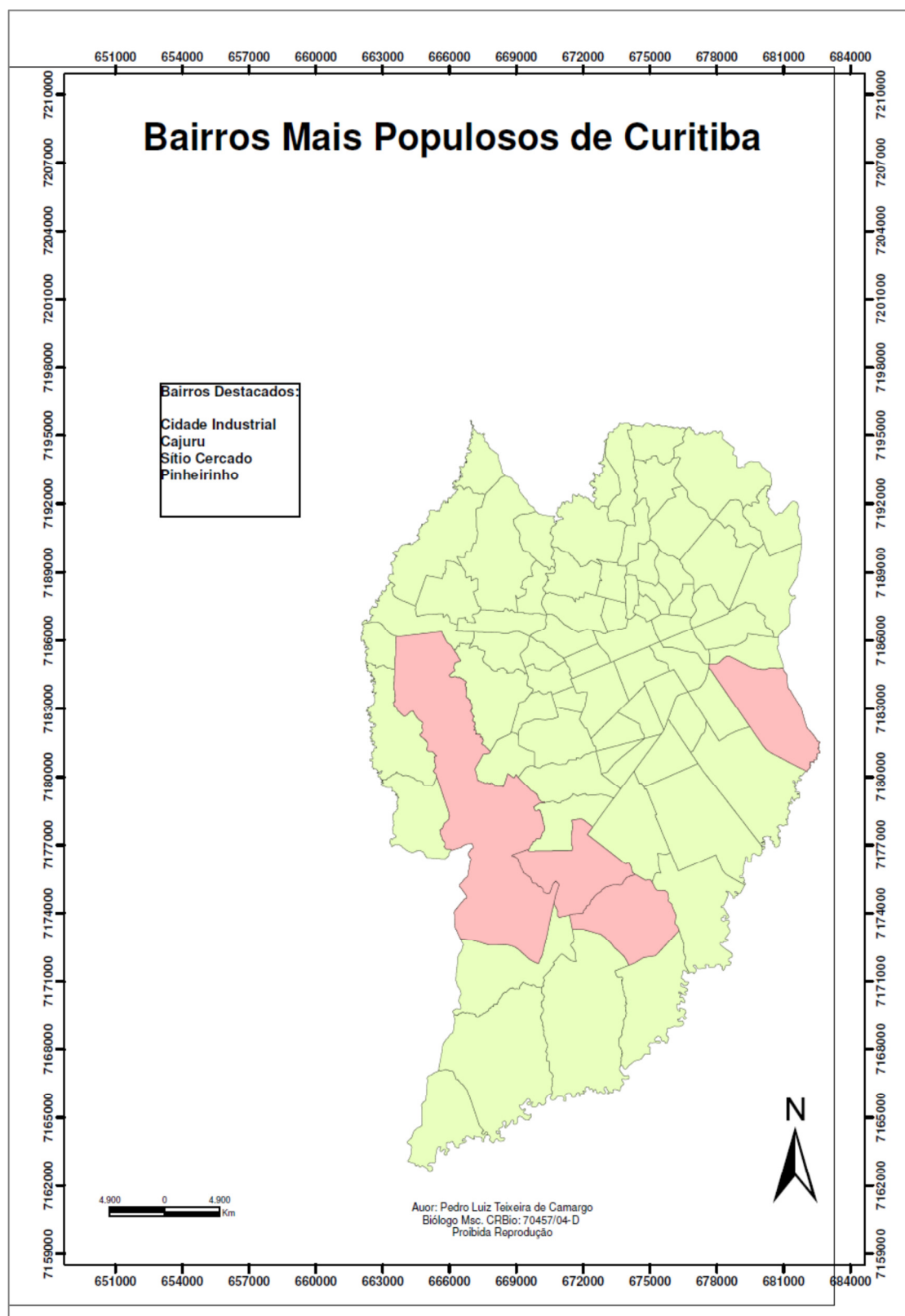
Para uma visualização mais eficaz da ocorrência dos logradouros que homenageiam poloneses na cidade de Curitiba, estão dispostos dois mapas com a divisão dos bairros da cidade. No mapa 3.2 estão indicados quais os bairros curitibanos que foram antigas colônias imigrantes (polonesas ou mistas) e que possuem um grande número de logradouros públicos com nomes que homenageiam poloneses ou descendentes. E o mapa 3.3 indica quais são os maiores e mais populosos bairros de Curitiba, e que, também apresentam um alto número de logradouros com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses, de acordo com o levantamento feito nesta pesquisa. Ambos estão ilustrando o que foi possível visualizar através dos dados apresentados na Tabela 3.2, extraídos do documento fornecido pelo IPPUC (2008).

Uma curiosidade apresentada na tabela 3.2, é a ocorrência de mais ruas com nomes de poloneses no bairro do Sítio Cercado do que no bairro Orleans, por exemplo. O bairro Sítio Cercado possui um imenso contingente populacional de mais de 115 mil habitantes, sendo o segundo mais populoso da cidade segundo o IPPUC (2015), ele se constitui como um espaço de habitação recente, com ocupações populares que muitas vezes estão em processo de regularização junto à Prefeitura, este é um bairro que não foi área de colonização nos tempos da chegada dos imigrantes, em meados do século XIX. Enquanto que o bairro Orleans é uma ex-colônia polonesa, de ocupação antiga, com população muito menos numerosa que o Sítio Cercado - pouco mais de oito mil habitantes IPPUC (2015), como já foi apresentado acima - e cujas ruas possuem um traçado sinuoso, muito semelhante ao das antigas estradas colonas.

Sítio Cercado e Orleans são exemplos de bairros muito diferentes entre si, obviamente, marcando entre outros fatores, as diferenças de planejamento urbano existente nas duas diferentes épocas. A construção da estrutura do Sítio Cercado, ao longo da segunda metade do século XX contou com a participação de membros do poder público dispostos a prestar as homenagens através dos endereços, inclusive homenageando imigrantes. Esta curiosidade é mais profundamente trabalhada no próximo subitem, quando a pesquisa adentra à análise dos vereadores proponentes das homenagens nos logradouros e a época em que eles trabalharam na Câmara Municipal.



MAPA 3.2: ANTIGAS COLÔNIAS DE IMIGRANTES POLONESES EM CURITIBA E QUE ATUALMENTE TEM ALTA OCORRÊNCIA DE LOGRADOUROS COM NOMES DE POLONESES EM 2008. AUTORIA: CAMARGO, P.L.T. 2015.



MAPA 3.3: BAIRROS MAIS POPULOSOS DE CURITIBA E QUE DE ACORDO COM OS DADOS DO IPPUC TAMBÉM APRESENTAM ALTA OCORRÊNCIA DE LOGRADOUROS COM NOMES DE POLONESES EM 2008. AUTORIA: CAMARGO, P.L.T. 2015.

Entre os bairros mais populosos da cidade, é interessante citar o exemplo da Cidade Industrial de Curitiba, que contando com 51 logradouros com nomes de poloneses, foi o bairro que mais recebeu homenagens a estes imigrantes em toda a cidade. A CIC, como é conhecida, é subdividida em diversas vilas, como a Nossa Senhora da Luz, Moradias Sabará e Jardim Gabinete, por exemplo, mede 44,31 km² sendo o mais extenso bairro da capital e também mais populosos, com mais de 172 mil habitantes. A ocupação do bairro se deu ao ainda na primeira metade do século XX, quando diversas chácaras de imigrantes poloneses habitavam as localidades da parte central do futuro bairro e que estavam próximas às colônias Orleans e Riviera (IPPUC, 2015). Posteriormente, nos anos 1970, ocorreu o planejamento e delimitação de espaço para instalação de indústrias no bairro, algo inovador para a época. Porém com isso, muitas vilas de ocupação irregular surgiram na região, o que demandou várias providências urbanísticas e instalação de equipamentos da prefeitura, como escolas e postos de saúde. E uma dessas providências do poder público local foram as oficializações de endereços, ponto este em que se nota o aumento da quantidade de ruas homenageando poloneses, com projetos aprovados na Câmara Municipal entre os anos 1970 a 1990, chegando ao total apontado acima, de 51 endereços.

Assim como a CIC, o bairro Cajuru também é um exemplo de ocupação mais recente que as colônias imigrantes, formando-se ao longo do século XX. A instalação de entidades religiosas na região, como o Colégio de freiras Nossa Senhora de Lourdes, em 1907, e do Seminário de Padres Palotinos, em 1959 deu início à ocupação da região, como também a instalação das oficinas da Rede Ferroviária Federal nos anos 1930 e privatizada no final dos anos 1990. Os loteamentos que deram origem às vilas Oficinas, Centenário e Mercúrio, por exemplo, são conjuntos habitacionais construídos ao longo do século XX, assim como as Vilas Trindade e Autódromo, que eram ocupações irregulares, que foram se tornando oficiais e regularizadas nesse período. A modernidade do Cajuru pode ser um fator indicativo para a alta quantidade de ruas com nomes de poloneses (18 ruas, a mesma quantidade que há em Orleans), mostrando que a atuação dos parlamentares de origem polonesa pode ter concorrido para tal, visto que dos 18 endereços, foram localizados seis com a data de tramitação dos projetos na

Câmara Municipal, e todos esses seis nomes de ruas foram aprovados entre 1991 e 2000.

3.4 As tramitações dos nomes de logradouros públicos na Câmara Municipal de Curitiba

O processo de tramitação de qualquer projeto de Lei dentro da Câmara Municipal de Curitiba, passa pela apresentação do projeto em Comissões de Trabalho, que são específicas e divididas por temas, onde grupos de parlamentares fazem discussões sobre a urgência, a importância e a constitucionalidade de cada projeto. Na Câmara Municipal de Curitiba, existem 10 Comissões Permanentes que trabalham as mais diversas áreas do poder público municipal, são elas: Comissão de Legislação, Justiça e Redação; Comissão de Economia, Finanças e Fiscalização; Comissão de Serviço Público; Comissão de Educação Cultura e Turismo; Comissão de Urbanismo, Obras Públicas e Tecnologias da Informação; Comissão de Direitos Humanos, Defesa da Cidadania e Segurança Pública; Comissão de Participação Legislativa; Comissão de Saúde, Bem Estar Social e Esporte; Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e Comissão de Acessibilidade.

Assim que o projeto é ajustado dentro da Comissão obedecendo a padrões textuais e constitucionais, e sendo aprovado, na maioria das vezes, de acordo com o consenso da Comissão, este então segue ao plenário da Casa para a apreciação de todos os vereadores. Em plenário, todos os parlamentares fazem a discussão do projeto dentro da “Ordem do Dia”, o conjunto das proposições a serem trabalhadas em cada sessão. Assim que aprovado, o projeto de Lei segue para a sanção do prefeito, que coloca a lei em vigor.

Os projetos de Lei referentes à denominação de logradouros da cidade seguem a mesma lógica de tramitação, o que há de particular nas propostas de denominação desses logradouros é que alguns dos projetos são criados por meio de iniciativas individuais de vereadores e outros deles são elaborados dentro de

uma das Comissões Permanentes apontadas acima. Neste caso, a Comissão responsável é a de Educação, Cultura e Turismo. De todos os 463 logradouros curitibanos com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses encontrados na pesquisa, apenas parte deles: 151 endereços possuem projetos de lei disponíveis na página eletrônica da Câmara Municipal¹⁹, entre logradouros oficializados e não oficializados pela prefeitura. Importante ressaltar que seis destes 151 projetos de denominação de endereços foram elaborados diretamente pelo poder executivo, ou seja, elaborados e sancionados pelo prefeito municipal, ou prefeito em exercício.

3.4.1 A Comissão de Educação, Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Curitiba

A Comissão de Educação, Cultura Turismo, atualmente é composta por um grupo de cinco parlamentares de diversos partidos, dedicados a formular, discutir e aprovar projetos voltados para a educação, cultura e turismo na cidade de Curitiba, e que se renova a cada legislatura, ou seja, a cada período de quatro anos. Esta comissão entre outras funções, também se dedica a propor denominações para logradouros e espaços públicos da capital, que devem ser enviadas ao plenário da Câmara para aprovação e ao Poder Executivo municipal para sanção, através de projetos de lei.

A maior parte dos projetos ligados à denominação de logradouros públicos da cidade e que foram criados dentro da Comissão, tramitaram e foram aprovados durante as décadas de 1980 e 1990. O trabalho com os projetos de lei sobre denominação de logradouros dentro da Comissão funcionou de três maneiras diferentes: publicando o nome de um conjunto de vereadores como proponentes do nome do logradouro; tendo apenas um vereador membro da comissão, que foi o proponente do nome; ou ainda, projetos que foram publicados sem a designação de algum vereador específico como proponente do nome do logradouro, o que pode indicar iniciativa coletiva da Comissão – um consenso.

¹⁹ Disponível em: <https://www.cmc.pr.gov.br/comissao.php> Acesso em 28/12/2015.

3.4.2 Propostas de denominação feitas por iniciativas individuais

Parte dos projetos de lei sobre a denominação de logradouros, encontrados na página eletrônica da Câmara Municipal havia sido fruto da formulação individual de alguns vereadores. Foram projetos apresentados e aprovados entre os anos 1950 e 2000 e que consta na sua tramitação apenas o nome do vereador proponente e a data da sessão parlamentar de sua aprovação, sem citar a passagem do projeto por qualquer comissão.

O dado que mais chama atenção entre as aprovações individuais destes projetos é a presença marcante de dois vereadores específicos como proponentes: o Vereador José Gorski, que atuou como parlamentar do município de 1973 até 2000; e o Vereador Tito Zeglin, que atua como vereador desde 1985. Esses dois vereadores tem um papel destacado tanto no que se refere à aprovação de projetos dessa natureza, como em se tratando do destaque que possuem em meio à comunidade polonesa de Curitiba e a referência que trazem desta comunidade, conforme será contado adiante.

3.4.3 Dados sobre as tramitações dos projetos

Dos 151 projetos de lei localizados, há uma curiosidade que é a aprovação em bloco de vários nomes de logradouros. São projetos de lei que abrigam dentro de si nomes para cinco ou seis ruas diferentes, por exemplo; e os parlamentares chegam a aprovar vários desses projetos de lei em somente uma sessão, por consenso da Casa e brevemente assinados pelo prefeito. Isso certamente torna mais ágil o processo de nomeação das ruas da cidade, visto que esse tipo de projetos não costuma apresentar pontos polêmicos, pedidos de vistas, ou emendas ao longo de sua tramitação, como mostram os dados disponíveis na página eletrônica da Casa.

Esse tipo de aprovação em bloco é permitido na Câmara Municipal desde

que os vereadores propuseram a alteração da lei nº6053/1979, por meio das leis nº 6881/1986 e nº 8124/1993, que regula a tramitação dos projetos de lei que visam denominar logradouros públicos na capital. De acordo com o endereço eletrônico da Câmara Municipal na internet, o parágrafo alterado prevê que: *O Parágrafo 3º do Artigo 4º da Lei nº 6053 prevê: "A Comissão de Educação, Cultura, Bem Estar Social e Ecologia poderá apresentar projeto de lei denominando, simultaneamente, mais de um logradouro público."*²⁰.

Sobre os projetos de lei que tratam da denominação de logradouros e espaços públicos na cidade de Curitiba, e seus proponentes, tem-se os seguintes dados:

TABELA 3.4: PARLAMENTARES PROPONENTES DOS PROJETOS DE LEI PARA DENOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS.

Dos Autores			
Vereador Tito Zeglin sozinho	Vereador José Gorski sozinho	Outros autores sozinhos	Comissão Educação e Cultura sem designar o proponente
6 projetos de lei	31 projetos de lei	14 projetos de lei	
Vereador Tito Zeglin na Comissão	Vereador José Gorski na Comissão	Outros autores designados dentro da comissão	62 projetos de lei
Outros 6 projetos	Outros 4 projetos		
		20 projetos de lei	2 projetos de espaços públicos

FONTE: www.cmc.pr.gov.br. ACESSO EM 13/04/2015. EDIÇÃO: ROCHA, R.M. 2015.

Os projetos de lei que denominaram espaços públicos e que foram aprovados na Comissão, sem apresentar nome de proponente eram os seguintes: a Unidade de Saúde Edwino Donato Tempiski (ex-vereador de Curitiba), aprovado em novembro de 1995; e o Farol do Saber Samuel Chameki, no bairro Cajuru, aprovado em junho de 1996.

²⁰ Disponível em www.cmc.pr.gov.br Acesso em 01/06/2015.

3.5 Dados sobre os proponentes das denominações

Ao longo do século XX, a Câmara Municipal de Curitiba contou com poucos representantes da comunidade de imigrantes e descendentes de poloneses. Foram ao todo 12 parlamentares, que possuem sobrenomes poloneses – sendo estes todos homens - desde a legislação de 1947, considerada a primeira pelo documento da Câmara Municipal²¹.

De acordo com a tabela 3.5, há dois vereadores com maior número de projetos referentes à denominação de logradouros, e que também possuem mais destaque entre a comunidade de descendentes de poloneses. São os vereadores José Gorski e Tito Zeglin. Esses vereadores trabalharam, entre outras questões, em favor de gerar visibilidade aos imigrantes e descendentes de poloneses na cidade, por meio de denominação de ruas, títulos de cidadão honorário, congratulações públicas a pessoas da comunidade, entre outros projetos.

Abaixo segue a tabela com os nomes, as datas de legislação em que trabalharam, e mais informações sobre os vereadores de origem polonesa em Curitiba, desde a legislatura de 1947:

TABELA 3.5: VEREADORES DE CURITIBA, DESDE 1947, QUE POSSUEM ORIGEM POLONESA.

Legislatura	Nome	Partido	Informações
1947 - 1951	João Kracik Neto	PTB	Nasceu em Blumenau, em 1909. Foi empresário, membro do Lions Club e do Country Club Graciosa.
1947 - 1951	Edwino Donato Tempski	UDN	Nasceu no Rio Grande do Sul, em 1913.
1956-1959	Edmundo Leining Saporski	Partido Democrata Cristão	Nasceu em 1918.
1964-1968 e 1973-1976	Alvim Jareski	Partido Libertador	Nasceu em Curitiba, em 1918. Foi suplente de vereador nas eleições de 1976, pela ARENA.

²¹ Documento organizado pela Bibliotecária Walkíria Braum Martins para a Câmara Municipal de Curitiba.

1973-1976/ 1977-1980/ 1981-1982/ 1985-1988/ 1989-1992/ 1993-1996/ 1996-2000	José Gorski	Arena, PDS, PDT, PTB, PSB	Vereador que mais tempo atuou na Câmara, oriundo da colônia Riviera e radicado no Bairro Campina do Siqueira.
1977-1980	Antonio Lubomir Marchalek	PMDB	Nasceu em 1938. Foi funcionário público, do TRT. Faleceu em 2007.
1985-1988	Tito Zeglin	PDT	Nasceu em Mandirituba, em 1954. É jornalista de formação.
1989-1992	Jonatas Pirkiel	PSDB	Nasceu em Curitiba, em 1959, é advogado.
2003	Paulo Oszelewski (Lamarca)	PT	Vereador utiliza o apelido de <i>Lamarca</i> , em homenagem ao líder guerrilheiro contra a ditadura militar, Carlos Lamarca. Paulo Lamarca é comerciante e reside no bairro Hauer.
2005-2008	Prof. Josete Dubaski Silva	PT	Nasceu em Curitiba, em 1964. Tem curso superior de Ciências Biológicas e foi funcionária do Banestado.
2005-2008	Tico Kuzma (Leonidas E. Kuzma)	PROS	Nasceu em Curitiba, em 1971. É formado em Administração de Empresas.
2013-2016	Helio Wirbiski	PPS	Nasceu em Curitiba, no bairro do Uberaba. Possui graduação em Marketing e Propaganda.

FONTE: [http://www.cmc.pr.gov.br/down/NOSSA MEMORIA/vereadores de curitiba.pdf](http://www.cmc.pr.gov.br/down/NOSSA_MEMORIA/vereadores_de_curitiba.pdf). COM COMPLEMENTAÇÕES DE ROCHA, R.M. 2015.

A seguir são apresentadas parte das histórias e dos trabalhos dos vereadores: José Gorski e Tito Zeglin na Câmara Municipal de Curitiba.

3.5.1 O Vereador José Gorski

José Gorski era um dos dez filhos de Anna e Alberto Gorski, colonos da Riviera, que se mudaram para a Campina do Siqueira, nos anos 1940. Gorski se afirmava como um representante da comunidade polonesa em Curitiba. A importância e longevidade do Vereador José Gorski na Câmara Municipal de Curitiba é notada entre um dos mais importantes veículos de comunicação do estado, o Jornal Gazeta do Povo. Em matéria publicada na Gazeta em 13 de junho

de 2010, o jornalista José Carlos Fernandes narra a trajetória de José Gorski em seu início na vida pública:

“A cada eleição, vencia no boca a boca. Apoio empresarial, só da Gráfica Elma, vizinha que imprimia as propagandas na faixa. Os filhos Ana e José Renato dobravam cartas aos eleitores e postavam. Poloneses dos quatro costados sabiam que o Gorski era gente deles. E nele votavam.” (Gazeta do Povo 13/6/2010).

Gorski foi vereador de Curitiba entre os anos 1973 e 2000, pertenceu a diversas legendas partidárias: ARENA, PDS, PDT, PTB, PSB. Nascido na capital paranaense, no ano de 1934, Gorski também exerceu interinamente a prefeitura, por doze dias em maio de 1990. No entanto, as razões que fizeram com que ele exercesse o executivo municipal neste período não constam nos documentos da Câmara.

Além dos 31 projetos de lei para denominação de logradouros, como a tabela 3.5 mostrou acima, Gorski também aprovou recursos para iluminação pública nas proximidades da Igreja de Santo Estanislau, em setembro de 1999; aprovou votos de congratulações ao Engenheiro Civil Tadeusz Zygmund Gieburowski pelo transcurso do cinquentenário de sua formatura e pelos relevantes serviços prestados ao desenvolvimento da engenharia estadual e nacional; aprovou também o Título de Cidadão Honorário Desembargador Segismundo Gradowski. Por esses projetos de lei aprovados, e pelo trecho citado da matéria da Gazeta do Povo, vê-se que Gorski foi um parlamentar que representou a comunidade polonesa no legislativo curitibano.

3.5.2 O Vereador Tito Zeglin

O vereador Tito Zeglin é jornalista de formação, ocupa uma cadeira no legislativo municipal desde 1985 e segue na Câmara até o final de 2016. Neto de imigrantes poloneses que viviam em colônias em Rio Negro e Araucária, Zeglin –

que é líder do PDT na Câmara Municipal - se coloca como um representante da comunidade polonesa em Curitiba.

Além dos seis projetos de lei para denominação de logradouros aprovados na Casa, como aparece na tabela 3.5, o vereador também teve diversos projetos aprovados entre eles: os Títulos de Cidadão Honorário para: Mieczyslaw Klimas, cônsul da Polônia no Brasil, em junho de 1990; Dom Ladislau Biernaski, Bispo Auxiliar de Curitiba, em dezembro de 1994; e ao senhor Marek Makowsk, em novembro de 1996. Projetos que declaravam como Vulto Emérito de Curitiba os senhores: Antônio Domakoski, em setembro de 1991; Vicente Mickosz, em dezembro de 1993; e a senhora Lenir Pontoni Wachowicz, em junho de 1996. Aprovou também, a concessão do título de Cidade Irmã de Curitiba à cidade de Varsóvia na Polônia, em dezembro de 1992; e propôs, ainda, que se instituísse o dia dois de maio de todos os anos seja declarado o Dia Municipal da Imigração Polonesa, projeto este que foi aprovado em outubro de 2005.

IV – RESULTADOS DAS HOMENAGENS AOS POLONESES EM LOGRADOUROS

No capítulo anterior foi possível verificar o levantamento geral da pesquisa com os logradouros que trazem em seu nome uma homenagem a imigrantes ou descendentes de poloneses em Curitiba. E neste quarto e último capítulo, será possível conhecer de maneira mais específica e aprofundada, alguns desses logradouros públicos.

Inicialmente, são trazidos mapas dos cinco bairros curitibanos que foram antigas colônias de imigrantes e que contêm maior incidência de endereços com nomes de poloneses. Futuramente serão analisados os demais bairros da cidade para que se trace um comparativo nesse mesmo foco de análise. Em cada mapa, separadamente, estão apresentada destacadamente a localização de cada uma das ruas, praças ou jardins. E isso possibilita a visualização da quantidade de ruas

com nomes de poloneses em cada bairro; a comparação entre a quantidade destas ruas em relação às demais ruas do bairro; as dimensões que elas possuem em extensão e comprimento; e a posição em que elas estão localizadas dentro do bairro, a fim de verificar se há uma concentração de ruas com nomes de imigrantes ou descendentes de poloneses em conjuntos habitacionais, ou se estão dispersas, e ainda se existe proximidade ou distância umas das outras.

Em seguida, o capítulo passa para a descrição de alguns dos logradouros pesquisados, contendo informações sobre quando a rua foi denominada; por iniciativa e projeto de lei de quais parlamentares; quem foi e como viveu o imigrante ou descendente de imigrantes homenageado naquele logradouro e também uma imagem atual da rua ou praça pesquisada.

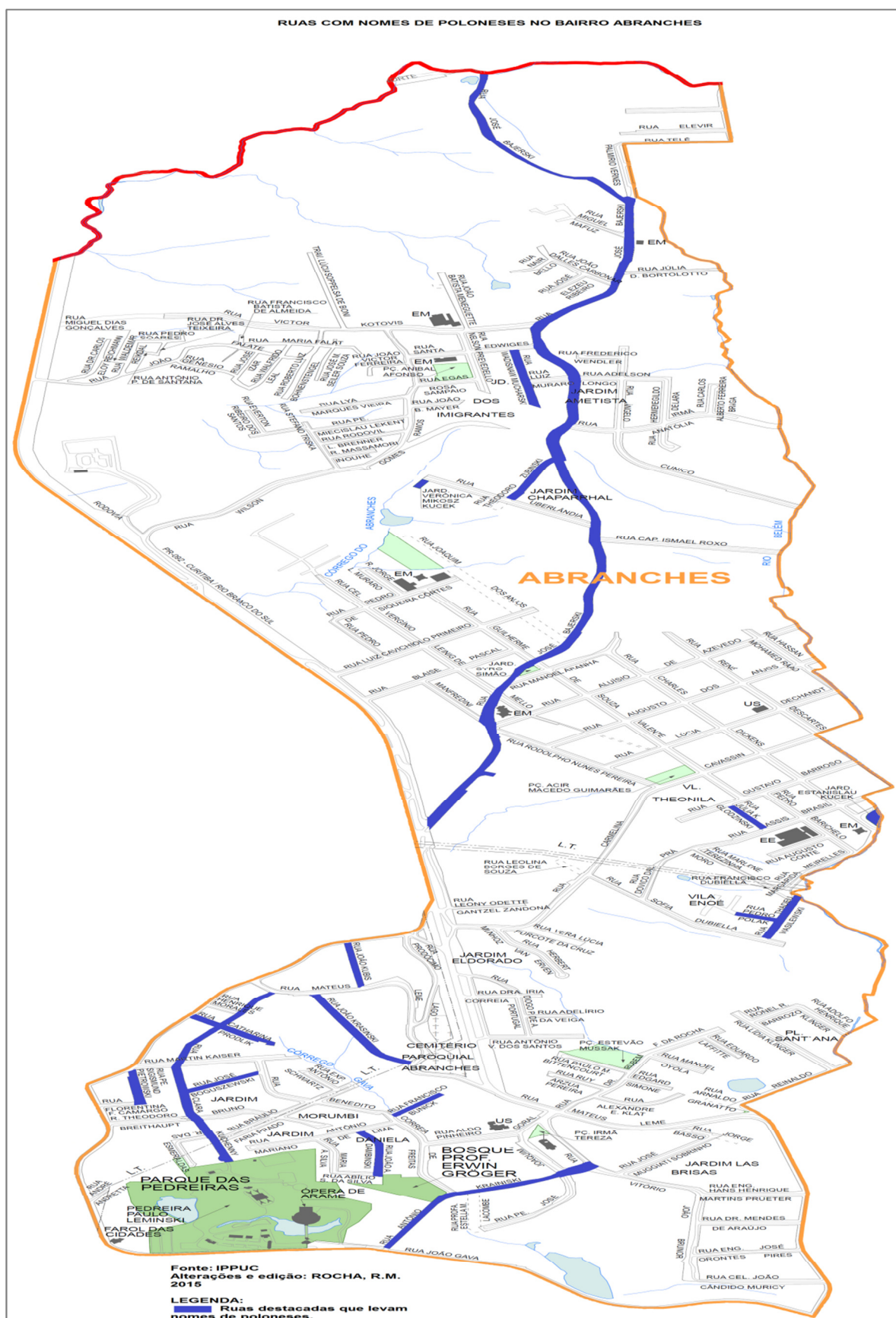
4.1 Cinco bairros curitibanos

Os mapas apresentados a seguir são dos bairros: Abranches, Orleans, Campina do Siqueira, Santa Cândida e Santo Inácio. Nesses mapas é possível visualizar as ruas com nomes de descendentes e imigrantes poloneses, marcadas em azul.

O detalhe importante a se notar, é que nem todas as ruas são de igual importância dentro dos bairros, algumas delas são vias rápidas, com circulação de linhas de ônibus, algumas são vias com forte presença do comércio, enquanto outras são ruas pacatas, tomadas por residências e baixa circulação de pessoas e veículos. Não há, também, igualdade quanto à extensão das ruas estudadas na pesquisa, algumas são vias mais extensas, que podem atravessar bairros inteiros, e outras tem poucas quadras de comprimento. Essas diferenças nos logradouros podem mostrar que as homenagens prestadas aos imigrantes em cada uma das denominações, não diferenciam o tamanho da importância da trajetória da pessoa pelo tamanho da rua que recebe seu nome postumamente. Pois, conforme pode ser visto no capítulo III sobre a tramitação legislativa dos projetos na Câmara, a denominação das ruas, provavelmente segue de acordo com as necessidades de

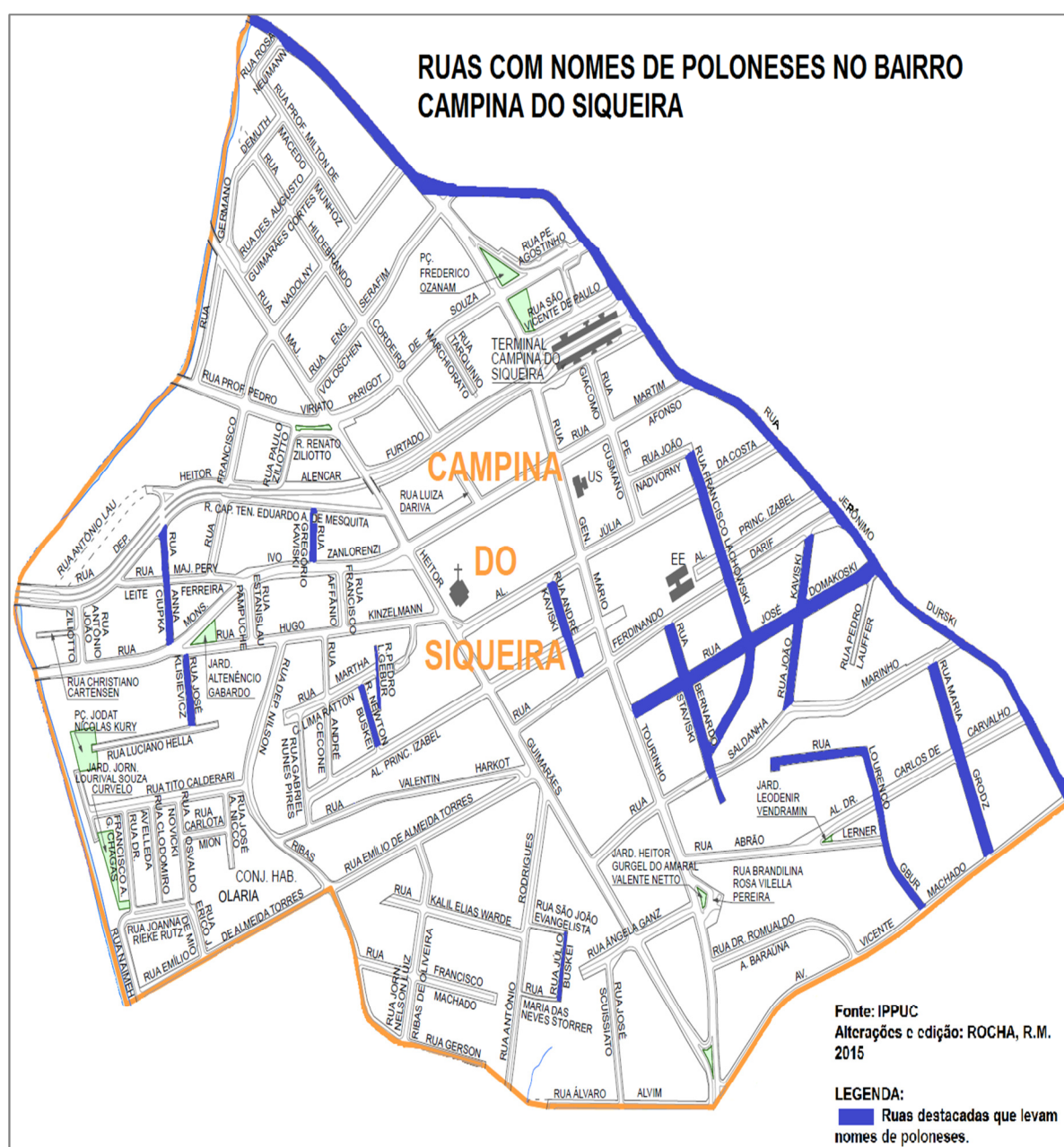
urbanização da área em que se localiza, e de oficialização dos endereços em questão. Não se trata de uma compensação ao imigrante mais importante com a rua ou avenida mais movimentada, o mais importante neste caso é a lembrança e a referência à pessoa.

O primeiro mapa é do bairro Abranches (mapa 4.1), onde se verificam vários logradouros destacados, e um em especial com maior extensão, cortando todo o bairro de norte a sul – é a Rua José Bajerski.



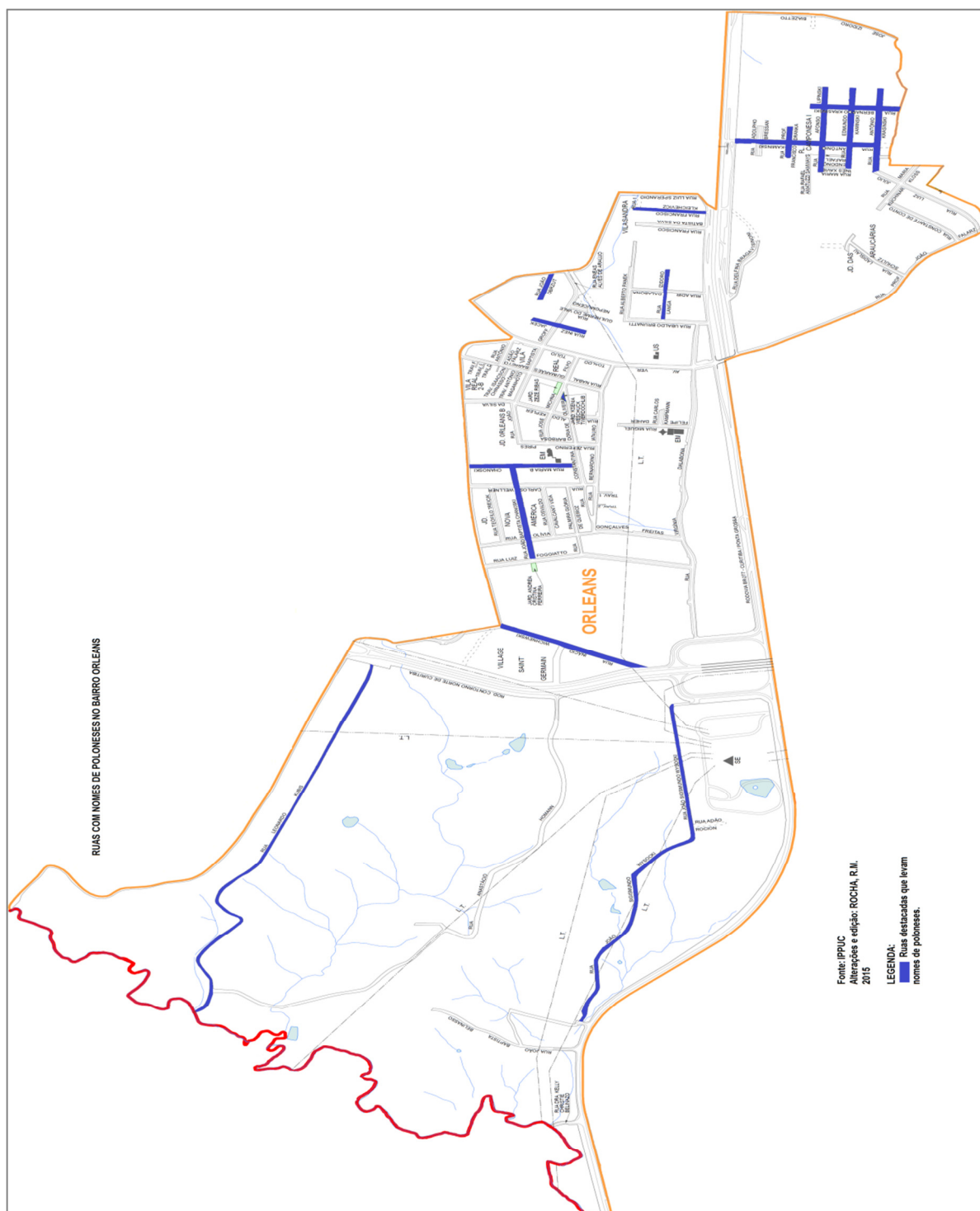
MAPA 4.1 – DESTAQUE DAS RUAS COM NOMES POLONESES NO BAIRRO ABRANCHES.
 FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2015.

O bairro Abranches é subdividido em conjuntos habitacionais e um deles é o Jardim dos Imigrantes, ao norte do bairro. Nesse conjunto não há tantas ruas com nomes poloneses quanto em outros do mesmo bairro, como no Jardim Morumbi e no Jardim Daniela, que ficam aos fundos do Parque das Pedreiras, ao sul do Abranches. De maneira geral, as ruas com nomes de poloneses no Abranches estão dispersas umas das outras.



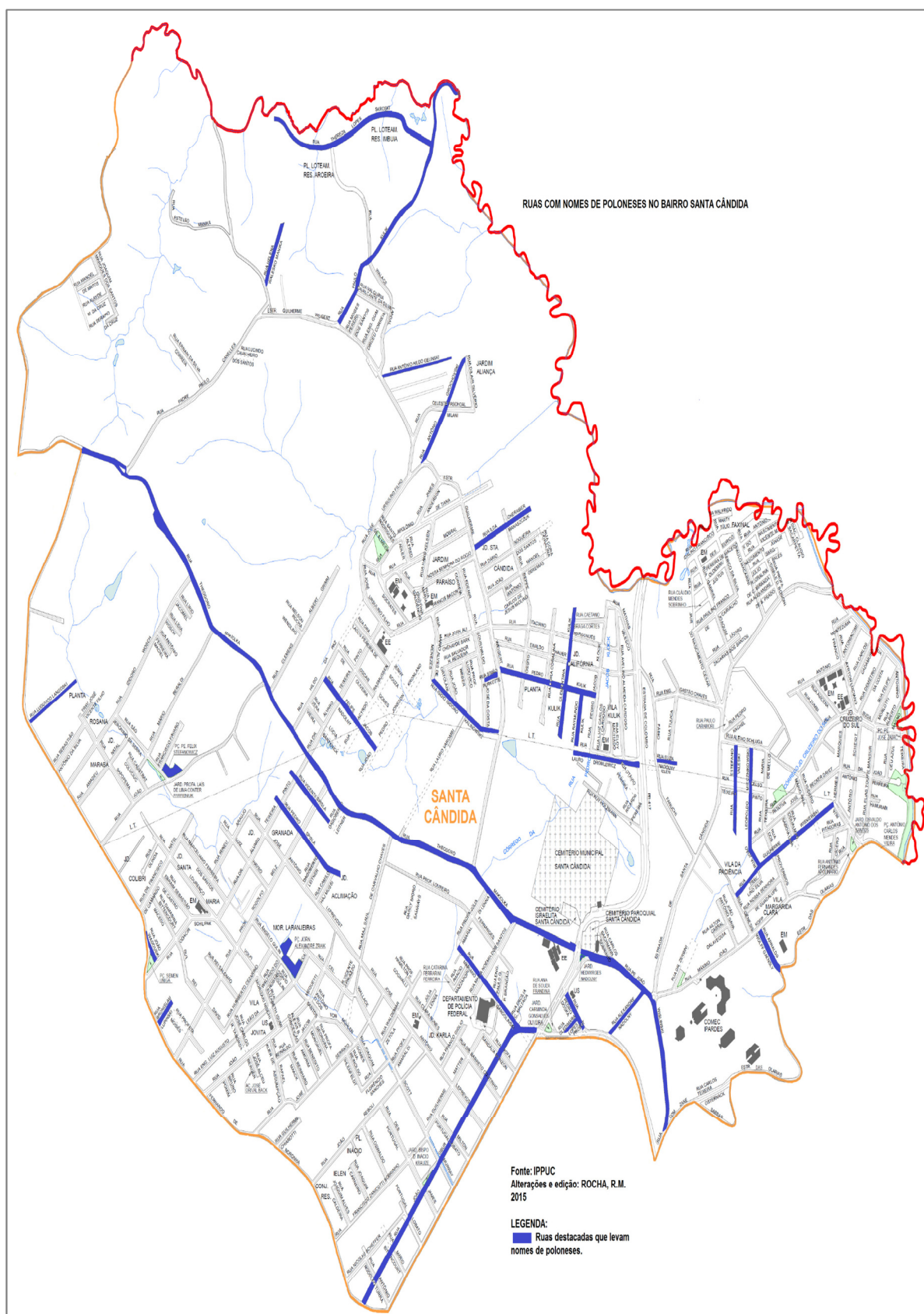
MAPA 4.2 – DESTAQUE DAS RUAS COM NOMES POLONESES NO BAIRRO CAMPINA DO SIQUEIRA. FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2015

No Campina do Siqueira, as ruas com nomes de poloneses encontram-se bastante próximas e concentradas perto do limite com o bairro Bigorrilho, a leste. Inclusive a rua que demarca este limite de bairros, e possui uma extensão que vai além do Campina do Siqueira e chega até o Batel, é a Rua Jerônimo Durski.



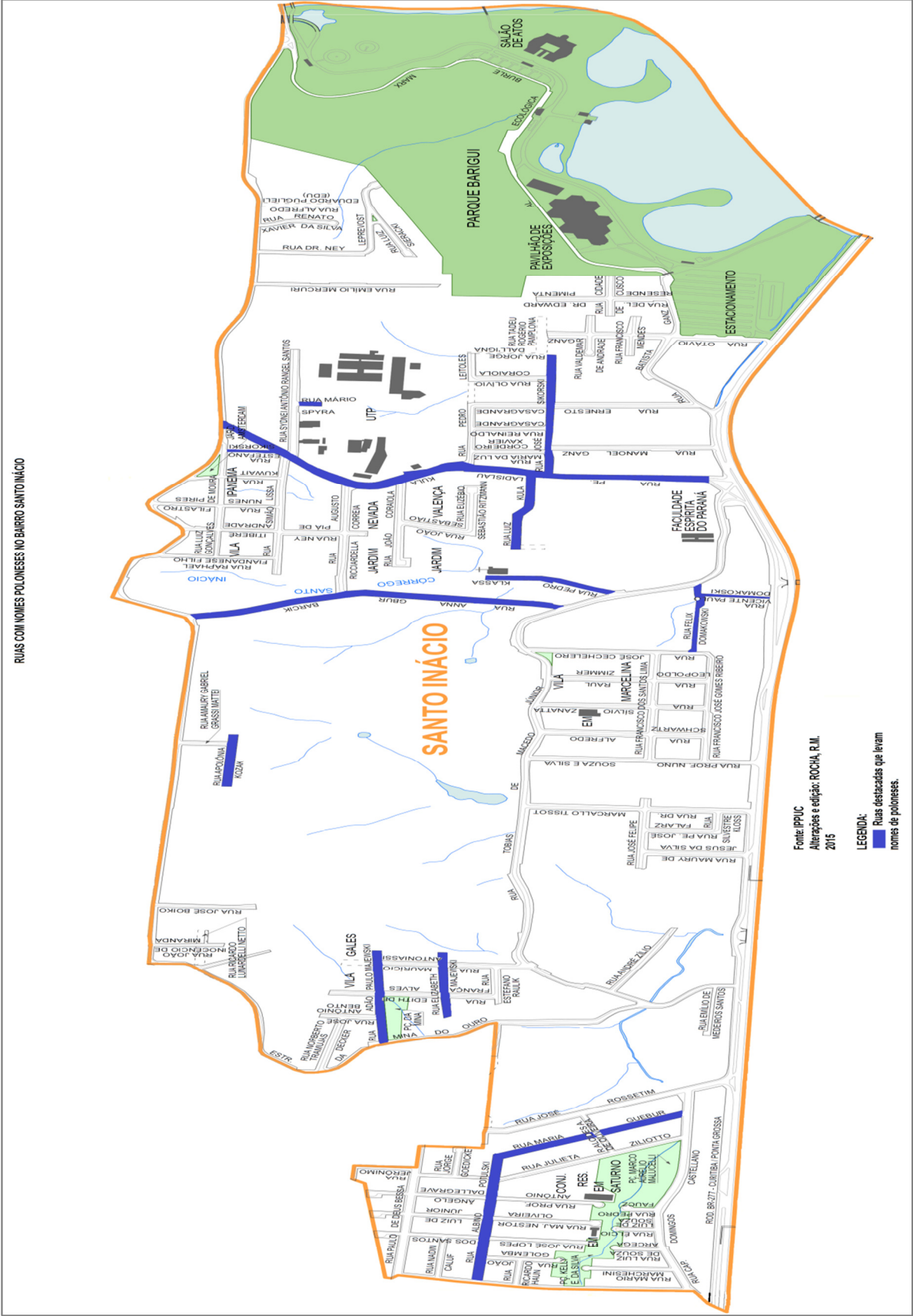
MAPA 4.3: DESTAQUE DAS RUAS COM NOMES DE POLONESES NO BAIRRO ORLEANS.
FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2015.

De maneira geral, as ruas que levam nomes de poloneses no bairro Orleans são pequenas em extensão, de acordo com o mapa, se vê somente três ruas extensas, que seguem em direção à região das chácaras e sítios do bairro, quase na divisa com o município de Campo Largo, a noroeste. A maior concentração de ruas com nomes poloneses em Orleans está na Vila Camponesa I, mais ao sul do bairro, onde se vê seis ruas marcadas em azul que se cruzam.



MAPA 4.4: DESTAQUE DAS RUAS COM NOMES DE POLONESES NO BAIRRO SANTA CÂNDIDA. FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES: ROCHA, R.M. 2015.

No bairro Santa Cândida as ruas com nomes de poloneses estão bastante dispersas umas das outras, havendo uma pequena concentração de logradouros no loteamento Vila Kulik, a norte do Cemitério Municipal Santa Cândida, na margem esquerda da Estrada Nova de Colombo. As maiores ruas demarcadas no mapa 4.4, a Padre João Wislinski e a Theodoro Makiolka, são a continuação de uma única via que atravessa o bairro todo de leste a oeste, sendo que a Avenida Paraná marca o final da primeira e o começo da segunda. A Rua Theodoro Makiolka, inclusive, depois do trecho do Colégio Estadual Santa Cândida, passa a contar com algumas chácaras, grandes condomínios e trechos que ainda lembram a antiga colônia. Como também é possível verificar algumas ruas no Jardim do Arroio (vila localizada ao norte do bairro), próximas da divisa com o município de Colombo e do Contorno Norte de Curitiba, em que se tem traçado sinuoso e muito semelhante às antigas estradas colonas. Essas ruas abrigam desde grandes condomínios residenciais até algumas ocupações irregulares.



MAPA 4.5: DESTAQUE DAS RUAS COM NOMES DE POLONESES NO BAIRRO SANTO INÁCIO.
FONTE: IPPUC. ADAPTAÇÕES ROCHA, R.M. 2015.

No bairro Santo Inácio as ruas com nomes de poloneses com maior extensão estão localizadas no Jardim Valença, próximas à Universidade Tuiuti do Paraná. Porém, de maneira geral, as vias demarcadas no mapa indicam que elas estão relativamente distantes entre si.

4.2 Os endereços com homenagens a imigrantes ou descendentes de poloneses

Neste subcapítulo são apresentados os endereços com nomes de poloneses, em que se pode identificar a história do homenageado, a época em que o projeto de lei foi aprovado na Câmara Municipal e o autor do projeto. Algumas ruas que apresentam a história do homenageado e a localização em alguns dos cinco bairros que foram ex-colônias, mas que seus projetos de denominação não passaram pela Câmara Municipal, mas foram decretos assinados pelos então prefeitos da cidade.

Com exceção da Rua Edmundo Saporski, que foi a primeira via em Curitiba a receber o nome de um imigrante polonês, os demais endereços são apresentados em ordem alfabética.

4.2.1 A Rua Edmundo Saporski

O primeiro logradouro de Curitiba a ser denominada com um nome de origem polonesa foi a Rua Edmundo Saporski, no bairro Mercês. Essa homenagem foi prestada pelo Vereador Edwino Donato Tempski²², com uma lei aprovada em

²² Edwino Donato Tempski (1913-1995) nasceu em Erechim, RS, foi escritor e membro da Academia Paranaense de Letras, ocupou a cadeira de número 33 da APL, cadeira esta fundada por Samuel César e que teve como ocupantes Romário Martins e José Loureiro Fernandes, entre outros. Publicou inclusive, um estudo sobre o 1º Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, disponível na sede da Academia. Tempski era bastante respeitado pelos intelectuais paranaenses do século XX, devido suas publicações sobre a imigração polonesa e a biografia do artista João

fevereiro de 1951. Edmundo Saporski foi o pioneiro da imigração polonesa ao Paraná. Nascido na aldeia de Siolkowice, Saporski veio ao Brasil no final da década de 1860. Trabalhando como agrimensor, o polonês possibilitou a divisão de terras para a montagem de muitas colônias polonesas na porção leste do Paraná. Vindo a falecer na cidade de Curitiba, em outubro de 1933 (WACHOWICZ, 2000).



FIGURA 4.1: VISTA DA RUA EDMUNDO SAPORSKI, NO BAIRRO MERCÊS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

As figuras 4.1 e 4.2 mostram a Rua Edmundo Saporski. A maioria das construções nesta rua é de casas residenciais de um pavimento, quase não há prédios e também é pequena a movimentação de carros, como se pode ver na Figura 4.1. E na Figura 4.2 há uma construção comercial localizada nessa rua, que tem aproximadamente 50 anos, de acordo com seu proprietário.



FIGURA 4.2: COMÉRCIO NA RUA EDMUNDO SAPORSKI, NO BAIRRO MERCÊS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Diferentemente da Rua Edmundo Saporski e de alguns outros logradouros antigos que são apresentados a seguir, a maioria das ruas, praças e jardins que recebem o nome de algum imigrante ou descendente de poloneses, catalogadas nesta pesquisa, foram nomeadas a partir dos anos 1970. A maioria dos logradouros aqui estudados foi oficializada durante o período em que José Gorski foi vereador de Curitiba, sendo ele o parlamentar que mais aprovou projetos desta natureza, a exemplo da rua apresentada a seguir.

4.2.2 Rua Adviga Lipinski

Situada na Cidade Industrial de Curitiba (CIC) dentro do Jardim Gabinete (uma das vilas da CIC – norte) e aos fundos da Universidade Positivo, a Rua Adviga Lipinski foi oficializada em um projeto de lei de autoria do vereador José Gorski, e teve sua aprovação em dezembro de 1998.

Adviga recebeu o sobrenome polonês por meio do seu casamento com Afonso Lipinski, pois ela era filha de Francisco Alves e de Martha Alves. Nasceu em 26 de junho de 1926 na Colônia Rodrigues, que atualmente fica na cidade de Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba. Foi trabalhadora rural desde a infância, e depois de casada trabalhou na lavoura e no moinho de trigo, junto de seu marido Afonso, no bairro Orleans. Quando seu marido passou a trabalhar como caminhoneiro, Adviga dedicou-se ao lar e aos filhos, e participava também do Apostolado da Oração na Paróquia Orleans. Adviga Lipinski faleceu em 22 de novembro de 1997.



FIGURA 4.3: RUA ADVIGA LIPINSKI, NO JARDIM GABINETO, CIC. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.3 Rua Afonso Lipinski

A Rua Afonso Lipinski está localizada no bairro Orleans e foi assim denominada, com a aprovação de um projeto de lei datado de setembro de 1975²³, pelo vereador José Gorski. Nessa rua de curta extensão, além de várias residências, está localizado o estádio de futebol José Drula Sobrinho, sede do Clube União Nova Orleans, conforme já foi apresentado na Figura 3.7, no capítulo anterior.

Muito embora não tenham sido encontrados dados sobre a vida de Afonso Lipinski, as informações obtidas sobre Adviga Lipinski indicam que eles foram casados, viveram na região de Orleans e que ele fora caminhoneiro de profissão. No entanto, os dados sobre o período em que ele viveu não foram localizados.



FIGURA 4.4: RUA AFONSO LIPINSKI, EM ORLEANS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

²³ Todas as informações sobre datas de aprovações e autorias dos referidos projetos de lei estão disponíveis para consulta pública em: <http://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/BibLegislacaoForm.jsp>

4.2.4 Rua Padre Francisco Chylaszek

A Rua Padre Francisco Chylaszek é umas das 31 ruas denominadas pelo Vereador José Gorski e a aprovação do projeto para sua denominação aconteceu em dezembro de 1974. Esta rua fica localizada na Cidade Industrial de Curitiba, e como a CIC é subdividida em vilas e conjuntos habitacionais, devido a grande sua extensão, a região onde essa rua se localiza fica na CIC Norte - no Jardim Gabinete - muito próximo à divisa com o bairro Orleans. Inclusive a rua começa no cruzamento com a principal via do Orleans, a Rua João Falarz. Contudo, a história sobre a vida do Padre Francisco Chylaszek não pode ser encontrada durante a pesquisa.



FIGURA 4.5: RUA PADRE FRANCISCO CHYLASZEK, NA ESQUINA COM A RUA JOÃO FALARZ, ENTRE OS BAIRROS CIC E ORLEANS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.5 Rua Jerônimo Durski

Uma das principais ruas do bairro Campina do Siqueira, a Rua Jerônimo Durski também cruza os bairros do Batel e do Bigorrilho, é repleta de estabelecimentos comerciais e serviços, onde também circulam muitas linhas de ônibus, além de abrigar o Terminal de ônibus do Campina do Siqueira. Sua denominação foi aprovada através de um decreto assinado pelo então prefeito de Curitiba, Ernani Santiago de Oliveira, em dezembro de 1954 – uma denominação quase tão antiga quanto a da primeira Rua apresentada neste trabalho, a Edmundo Saporski no bairro Mercês.

Durski foi um dos pioneiros na imigração polonesa ao Paraná, viveu entre os anos de 1824 e 1896 e trabalhava como professor, lecionando nas escolas das colônias polonesas em Curitiba e no interior do estado (MUZZILLO, 2011). Porém antes de lecionar, fundar e dirigir várias escolas entre os, mas antes da região de Curitiba, Durski dedicou-se à agricultura, na colônia Francisca, onde viveu logo que chegou ao Brasil.



FIGURA 4.6: RUA JERÔNIMO DURSKE, NA ESQUINA COM A RUA SÃO VICENTE DE PAULO, AO LADO DO TEMRINAL DO CAMPINA DO SIQUEIRA E EM FRENTE À FACULDADE EVANGÉLICA. FOTO DE ROCHA, R.M. 2015.

4.2.6 Rua Pe. João Wislinski

O Padre João Wislinski foi quem incentivou a construção da Igreja da Colônia Santa Cândida, em 1936, segundo o Boletim Casa Romário Martins (1975), um marco importantíssimo para a comunidade polonesa da então colônia, pois teriam nesta edificação, como professor sua fé católica. A homenagem teve iniciativa do vereador Acyr José, que denominou a rua em um projeto de lei aprovado na Câmara Municipal, em maio de 1970. Esta rua liga o contorno da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes à estrada Nova de Colombo.

Na Rua Pe. João Wislinski fica localizada, até os dias atuais, a Igreja de Santa Cândida, em construção original inaugurada pelo próprio religioso. Uma das mais movimentadas vias do bairro Santa Cândida ainda situa o cemitério paroquial,

que fica separado do Cemitério Municipal Santa Cândida (o maior de Curitiba), além de vários pontos comerciais.



FIGURA 4.7: RUA PADRE JOÃO WISLINSKI, NO BAIRRO SANTA CÂNDIDA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2016.

O movimento de carros e ônibus nessa via é intenso, pois ela dá acesso ao bairro do Atuba, em Curitiba e ao bairro do Maracanã na cidade de Colombo.

4.2.7 Rua José Domakoski

José Domakoski foi um imigrante polonês que veio ao Brasil em 1890, ainda pequeno e assim que se tornou um jovem emancipado, tratou de naturalizar-se brasileiro. Trabalhou na agricultura e na fabricação de tijolos, atividade esta que lhe possibilitou montar uma olaria no bairro Campina do Siqueira. (NICOLAS, 1969).

Domakoski foi um dos fundadores do bairro do Campina do Siqueira, e é lá que se encontra a rua que lhe homenageia, passando também pelo Bigorrilho, esta rua tem partes bastante residenciais no Campina do Siqueira, e outras quadras mais comerciais, já dentro do Bigorrilho. A denominação oficial deste endereço aconteceu por meio de um decreto do prefeito municipal Iberê de Mattos, assinado em dezembro de 1959.



FIGURA 4.8: RUA JOSÉ DOMAKOSKI, NA PARTE EM QUE PASSA PELO BAIRRO BIGORRILHO, FAZENDO ESQUINA COM A R. JERÔNIMO DURSKI. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. (2015).

4.2.8 Largo Julio Szymanski

O bairro do Rebouças conta com um único endereço que leva o nome de um polonês, é o largo que homenageia Julio Szymanski, no entroncamento das ruas Conselheiro Dantas, Marechal Floriano Peixoto e da Avenida Presidente Kennedy. Esta homenagem se tornou oficial através de um decreto assinado em abril de 1970, pelo então prefeito da capital, Omar Sabbag.

Julio Szymanski nasceu em Kielce, na Polônia em 1870. Formou-se médico oftalmologista em Kiev (Ucrânia), tendo trabalhado em diversos países do mundo como Áustria, Tunísia, Espanha e EUA, chegando ao Brasil em 1912, quando também contribuiu para a fundação da UFPR. Além do seu importantíssimo trabalho na medicina e na vida acadêmica, Szymanski também foi Presidente do Senado da República da Polônia, em 1928. E devido a sua dedicação ao Brasil, recebeu a Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, a maior condecoração a uma personalidade estrangeira em nosso país²⁴, no entanto, infelizmente não se tem a informação acerca da data dessa condecoração.

"Professor dos mais competentes e dedicados, publicou obras sobre sua especialidade e mais de cem trabalhos sobre operações especializadas dos órgãos da cabeça. (...) Cientista de renome, recebeu títulos honoríficos de diversas universidades europeias e americanas (...)." (NICOLAS, 1981. p.107).

²⁴ A Grã Cruz é a condecoração em segundo no grau mais alto de todas as possíveis. Segundo consta no site do Itamaraty: http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5696&catid=222&Itemid=450&lang=pt-BR Acesso em 07/02/2016.



FIGURA 4.9: LARGO JÚLIO SYMANSKI, NO BAIRRO REBOUÇAS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.9 Jardim Deputado Ladislau Lachowski

Ladislau Lachowski nasceu em Curitiba, no ano de 1920. Formou-se Bacharel em Química pela UFPR e trabalhou como professor na mesma universidade. Também ocupou cargos no poder público estadual, como quando foi eleito deputado estadual no ano de 1958 e no ano seguinte foi nomeado pelo Governador Moysés Lupion, para ocupar a Secretaria de estado de Viação e Obras Públicas (MUZZILLO, 2011).

Seu nome foi oficialmente homenageado em um jardim no bairro Vista Alegre, quando em novembro de 1995, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal, aprovou o projeto de lei para sua denominação. O Jardim

Deputado Ladislau Lachowski possui uma biblioteca pública municipal, o chamado Farol do Saber; parquinho infantil e quadra poliesportiva de areia para futebol e vôlei.



FIGURA 4.10: JARDIM DEP. LADISLAU LACHOWSKI, NO BAIRRO VISTA ALEGRE. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.10 Rua Madame Curie (Maria Slodowska)

Marie Sokolowska-Curie nasceu em Varsóvia, em novembro de 1867. Imigrou para a França ainda jovem para estudar. Lá, foi a primeira mulher a receber o título de doutora em Física, pela Universidade de Sourbone, pois trabalhava com partículas de radioatividade - vindo a descobrir um elemento

químico até então novo e lhe dando o nome de Polônio, em homenagem à sua terra natal. Foi uma mulher pioneira nas ciências, sendo a primeira ganhadora do Prêmio Nobel de Química, em 1911, quando da descoberta e isolamento do Rádio e de seus componentes. Justamente por trabalhar com elementos radioativos em seu laboratório, Madame Curie contraiu leucemia, vindo a falecer em 1934.

A rua que leva o nome da cientista polonesa, na cidade de Curitiba fica no bairro do Pinheirinho, na região sul de Curitiba, dentro do conjunto habitacional Piratini. É uma rua de curta extensão que mede apenas uma quadra, possui muitas residências, alguns comércios e uma igreja evangélica. O projeto de lei que determinou a sua denominação foi assinado pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara, sendo aprovado em dezembro de 1981.



FIGURA 4.11: RUA MADAME CURIE (MARIA SKŁODOWSKA), NO CONJUNTO PIRATINI, PINHEIRINHO. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.11 Rua Paulo Gorski

A Rua Paulo Gorski está localizada entre os bairros Campo Comprido e Mossunguê e é uma importante via de ligação entre os dois bairros, onde passam linhas de ônibus e se instalaram vários estabelecimentos comerciais, havendo também condomínios e residências de alto padrão. Essa rua foi assim denominada em setembro de 1967, por meio de um decreto lei assinado pelo prefeito de Curitiba, na época, Omar Sabbag.

Paulo Gorski nasceu em Curitiba, em janeiro de 1880. Trabalhava no ramo de fabricação de tijolos e possuía a sua própria olaria nas localidades do Campina do Siqueira. Muzzilo (2011) retrata em seu texto, que Gorski tinha o costume de ajudar as pessoas mais pobres, fazendo-lhes doações de tijolos para suas casas. Gorski faleceu na capital paranaense em outubro de 1960.



FIGURA 4.12: VISTA DA RUA PAULO GORSKI, ENTRE OS BAIRROS CAMPO COMPRIDO E MOSSUNGUÊ. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.12 Rua Pedro Racoski

A Rua Pedro Racoski está situada no bairro Pilarzinho, na região norte da capital paranaense, é uma via predominantemente residencial e bastante tranquila, não circulam muitos carros e nenhuma linha de ônibus. Sua denominação foi aprovada em um projeto de lei de autoria do vereador Alvim Jareski, em setembro de 1975.

Pedro Racoski foi uma importante figura para este bairro, viveu a vida toda no Pilarzinho e era sapateiro de profissão. Teve uma pequena fábrica de calçados no bairro, e também trabalhou com comunicações, através de um carro de som que passava pelas ruas do Pilarzinho. (NICOLAS, 1984).



FIGURA 4.13: RUA PEDRO RACOSKI, NO BAIRRO PILARZINHO. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.13 Rua Professora Rosa Saporski

A Rua Profa. Rosa Saporski é também uma das mais antigas do bairro das Mercês. Esta tranquila via segue até o bairro da Vista Alegre e que apesar de extensa, é predominantemente composta por residências antigas, foi denominada em setembro de 1962, por um decreto do então Prefeito em exercício Erondy Silvério.

A curitibana Rosa Leining Saporski era filha de João Leining e Maria Júlia de Moraes Leining, estudou no Grupo Escolar Dona Júlia Wanderley e dedicou-se ao magistério, ensinando crianças em estabelecimentos escolares de toda a cidade, e até mesmo no interior do estado do Paraná. "(...) Na Escola Alemã realizou curso de especialização com o Prof. Pietro Martinez e diplomou-se professora no ano de 1912 pela Escola Normal do Paraná". (NICOLAS, 1969. p.292). Rosa Saporski foi também diretora do Colégio Estadual Sebastião Saporski, em Curitiba. Viveu entre os anos de 1895 e 1961.

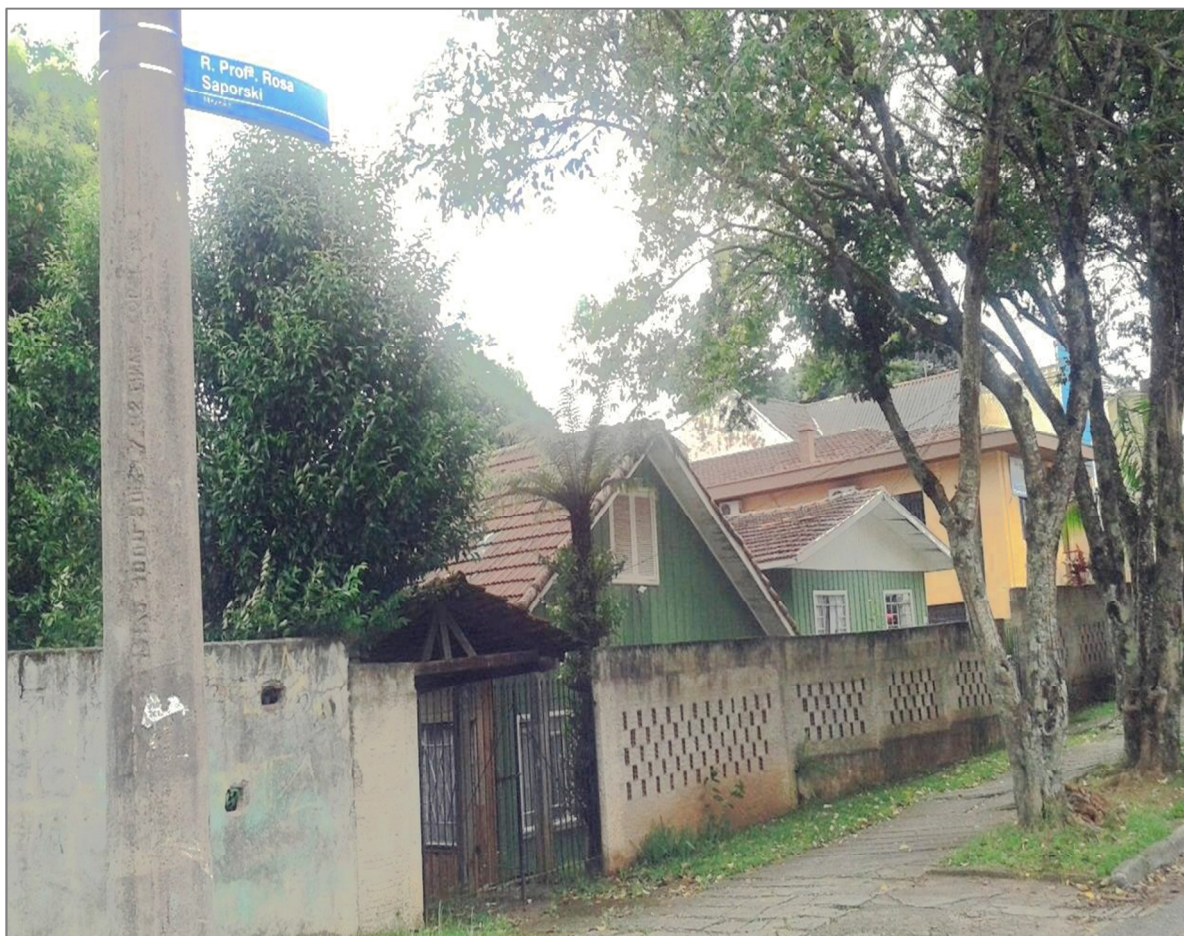


FIGURA 4.14: RUA PROFA. ROSA SAPORSKI, NO BAIRRO MERCÊS. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

4.2.14 Rua Theodoro Makiolka

Segundo Muzzillo (2011), Theodoro Makiolka fora um imigrante que batalhou em favor do desenvolvimento da Colônia em que vivia e que futuramente veio a se tornar o bairro Santa Cândida. Trabalhava com o transporte de materiais como lenha e erva mate de Curitiba até Paranaguá, pela Estrada da Graciosa.

A homenagem a este imigrante polonês foi prestada com a denominação de uma das maiores ruas do bairro Santa Cândida, que é como uma continuação da Rua Pe. João Wislinski, como pode ser visto no mapa 4.4, atravessando todo o

bairro e seguindo até a Barreirinha, nesta rua passam várias linhas de ônibus, existem comércios, condomínios residenciais e o Colégio Estadual Santa Cândida. Há também, várias chácaras e sítios, mostrando que a marca da antiga colônia ainda está presente no local. E assim como outros endereços aqui listados, esta rua foi denominada através de um decreto assinado pelo prefeito de Curitiba Omar Sabbag, em dezembro de 1968.



FIGURA 4.15: VISTA DA RUA THEODORO MAKIOLKA, NO BAIRRO SANTA CÂNDIDA. FOTO FEITA POR ROCHA, R.M. 2015.

Diante destes exemplos é possível constatar importantes aspectos que marcam os endereços estudados e possibilitam que sejam feitas comparações entre eles. É interessante pensar que nessas ruas, a importância que o homenageado teve em vida não conta diretamente para a extensão da via, a centralidade ou a quantidade de movimentação que os endereços tem no bairro em que se localizam.

É o caso da Rua Madame Curie, no Pinheirinho, esta via é o claro exemplo de um espaço público com pouca estrutura urbana, com calçadas faltantes e iluminação pública deficiente, localizada em uma vila periférica e muito pobre. Entretanto a homenageada é uma das mais importantes cientistas naturais do século XX, uma imigrante polonesa na França que recebeu um prêmio Nobel pelas descobertas sobre a radioatividade. É, portanto, digna de homenagem em logradouro público, independentemente da localização. Pois quando se deu a oficialização do conjunto habitacional Piratini, no início dos anos 1980, a Câmara tinha a necessidade de denominar o endereço e aproveitou a oportunidade para conceder tal homenagem.

Outro exemplo é do médico Júlio Szymanski, que teve destaque internacional como cientista e professor universitário, trabalhando em vários países e ajudando na fundação da UFPR, tem um pequeno e simples espaço com jardim, árvore, banquinho de madeira e ponto de taxi em uma esquina de tráfego intenso, próximo ao centro da cidade. O gigantismo e ritmo frenético das ruas ao redor do largo que leva o seu nome, por vezes escondem um pouco do destaque merecido ao acanhado espaço.

Ao passo que pode se ver outros personagens de destaque local e importância comunitária recebendo homenagens em ruas de maior movimento e em bairros mais abastados. Como é o caso de Paulo Gorski, um colono dono de uma olaria e que tem seu nome marcado em rua movimentada, extensa, que atravessa um bairro rico da capital²⁵. O mesmo vale para a Rua Theodoro Makiolka, uma via bastante longa e cheia de curvas em seu trajeto pelo Santa Cândida a fora, que pode ter sido uma estrada nos tempos da colônia. Makiolka foi um imigrante simples, que trabalhou como caminhoneiro para o desenvolvimento de sua colônia recebe um endereço que se tornou importante ao longo das décadas com o crescimento do bairro.

²⁵ O bairro Mossunguê possui 60,67% das residências com renda per capita mensal acima de três salários mínimos, apenas duas áreas de ocupação irregular e uma taxa de 20 homicídios ocorridos em 2010, de acordo com dados do IPPUC (2015). A título de comparação, utilizar-se-á os mesmos critérios sobre o bairro do Pinheirinho, onde fica a Rua Madame Curie acima citada. O Pinheirinho possui 64,57% da população vivendo com renda per capita mensal entre meio e dois salários mínimos, são 14 áreas de ocupação irregular e taxa de 67 ocorrências de homicídio registradas em 2010. São marcantes as diferenças sociais e econômicas entre os dois bairros, o que pode colocar o Mossunguê como sendo mais rico que o Pinheirinho. FONTE: IPPUC, 2015.

É importante ressaltar que as homenagens prestadas para denominação de logradouros aparentemente não levam em consideração o tipo e a relevância das trajetórias dos homenageados para que sejam efetivadas. Tampouco os agentes do poder público que foram responsáveis por essas denominações consideraram os diferentes pesos das biografias para utilizar como medida no momento de conceder a homenagem. O que está visível aqui é que esses imigrantes parecem ser dignos de homenagem em logradouros, seja pela comunidade de seu bairro, pelos estudiosos de suas obras, ou pelos membros do grupo de imigrantes poloneses na cidade, representados no legislativo municipal até os anos 2000 por José Gorski.

Um fato que chama atenção neste ponto do trabalho, é que quanto mais antigamente os logradouros foram nomeados, fossem por decretos ou pelos trâmites da Câmara Municipal, maior a tendência de que atualmente estes estejam em regiões bem estruturadas, organizadas da cidade, bastante completas de equipamentos urbanos como iluminação e transporte. Enquanto que as áreas de ocupação recente, cujas denominações de logradouros que levam nomes de poloneses possuem 30 anos ou menos, ainda requerem grandes cuidados estruturais da prefeitura, para maior qualidade de vida de seus moradores. O que indica que a denominação do logradouro é apenas a parte inicial dos cuidados necessários que o espaço urbano requer do poder público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes poloneses começaram a se instalar no estado do Paraná por volta de 1871, esta instalação se deu em colônias rurais, principalmente ao redor de Curitiba. As colônias eram espaços de trabalho com a lavoura, criação de animais e fabricação de tijolos e outros materiais, eram também espaços de convívio entre os imigrantes, de manutenção da cultura e do idioma de origem destas pessoas, inclusive de prática da fé católica, marca forte do grupo de imigrantes poloneses.

Com o passar do tempo, estas colônias se tornaram bairros da capital paranaense, a distância destes locais para o centro foi sendo amenizada pela melhoria das vias, a instalação de linhas de ônibus que integram os bairros e também pelo próprio crescimento da cidade, que aproximou áreas de habitação, indústrias e comércios das antigas colônias. A comunidade polonesa em Curitiba foi se estruturando e construindo espaços de convívio como clubes e sociedades esportivas, meios de comunicação – os jornais da comunidade escritos inicialmente em polonês – e ferramentas educativas, como as escolas polonesas.

A comunidade polonesa em Curitiba também pode contar com o ingresso e/ou participação de imigrantes ou descendentes de poloneses no poder legislativo municipal, ao longo do século XX. Os dados apresentados nesta pesquisa revelam que alguns dos parlamentares que estiveram na Câmara Municipal de Curitiba, atuando como vereadores, eram de origem polonesa. E que estes parlamentares, e até mesmo vereadores de origens diferentes da polonesa trabalharam em favor da comunidade em questão, através de títulos de cidadãos honorários a pessoas ligadas à comunidade polonesa, celebrações de datas homenageando a comunidade, entre outras coisas como o principal mote de atuação do legislativo local, para esta pesquisa, que são os projetos de lei referentes à denominação de espaços e logradouros públicos – prédios públicos e endereços que levam nomes de imigrantes ou descendentes poloneses, espalhados por toda a cidade.

A quantidade de ruas, avenidas, praças e jardins que levam o nome de algum descendente ou imigrante polonês em Curitiba é algo notável, apresentando-

se como uma curiosa característica em meio ao contexto de uma cidade que recebeu muitos grupos imigrantes. Isso, sem dúvida, mostra que a importância desta comunidade na construção da cidade tem como sua principal visibilidade os nomes nos endereços. Diferentemente de outros exemplos de grupos imigrantes, tais como a comunidade italiana que formou em Santa Felicidade um corredor gastronômico de referência nacional; e a comunidade japonesa que promove grandes celebrações para a florada das cerejeiras, o aniversário de Buda, entre outras – os chamados “*matsuri*” – em várias épocas do ano.

Denominar endereços com nomes de imigrantes ou descendentes poloneses é a forma mais relevante que os parlamentares da comunidade encontraram para destacar e prestar referência aos seus antepassados, também por se tratar de um trâmite relativamente simples para aprovação na Câmara Municipal. Denominar logradouros é um fator que resgata a lembrança de ícones poloneses de diferentes setores profissionais, diferentes histórias de vida e com distintos graus de destaque em suas trajetórias, tendo-se desde personalidades internacionais como Madame Curie, até pessoas de importância na comunidade em que vivia como a senhora Adviga Lipinski.

É interessante perceber que como a oficialização dos nomes dos logradouros se dá no início de sua ocupação populacional, ou com intuito de organizar um loteamento para que seja feita a ocupação, a trajetória do imigrante homenageado não será critério prévio para a denominação de uma rua maior ou menor. Cada imigrante foi reconhecido ou lembrado para ser homenageado pelos agentes do poder público, aparentemente, de acordo com a necessidade das oficializações de endereços nos bairros, com a criação de novos loteamentos, e abertura de novas vias. Os dados sobre os projetos de lei que denominam logradouros públicos em Curitiba mostram que a demanda maior na Câmara Municipal, era por oficializar mais novos endereços e não por homenagear mais e mais imigrantes poloneses ou de outras origens. A ferramenta da denominação de logradouros se tornou eficaz entre os parlamentares curitibanos, pois o processo de tramitação de projetos de lei para denominação de ruas é algo relativamente simples, possibilitando em um mesmo projeto nomear várias ruas, e que não causa grandes polêmicas, discórdias e embates políticos na Casa.

Os dados revelaram também, que nos bairros de ocupação polonesa – as antigas colônias – o número de ruas com nomes de poloneses é maior que em bairros de ocupação anterior à imigração, como os bairros mais centrais e aqueles ocupados por grandes empreendedores da erva mate, como o Batel e o São Francisco. Há pequena ocorrência de logradouros com nomes de poloneses, também, em bairros que foram colônias de outras nacionalidades, como as italianas Santa Felicidade (atualmente é um bairro de mesmo nome) e Dantas (atualmente Água Verde). A comparação estende-se aos nomes de origem italiana, que correspondem a quase o dobro do número de ruas que levam nomes de poloneses, mostrando que a denominação de logradouros é um instrumento para perpetuar a visibilidade de um grupo no espaço urbano, e que foi utilizada com muito mais frequência pelos imigrantes italianos, apontando também uma maior visibilidade destes. O que pode ser comprovado pelo aspecto pejorativo com que os imigrantes poloneses eram tratados e pela estigma que os marcava, como retratou Ianni (1966) em sua obra sobre preconceito racial em Curitiba.

Outra revelação foi a grande quantidade de denominações de logradouros em bairros com ocupação mais moderna, como a CIC e o Sítio Cercado (segunda metade do século XX, segundo o IPPUC). Isso pode ser explicado devido aos mandatos do vereador José Gorski na Câmara seguirem-se quase que ininterruptos desde os anos 1970 até 2000 e este vereador, de origem polonesa, ter dado uma atenção especial à sua comunidade de origem, resgatando histórias de vida de muitos colonos e denominando mais de 30 logradouros públicos com nomes de poloneses. Esta pesquisa verificou as prestações de homenagens feitas majoritariamente por agentes políticos (vereadores e prefeitos), no entanto, é possível encontrar homenagens prestadas por grupos organizados da sociedade civil, como Grupos Folclóricos; personalidades religiosas; associações de lazer, educacionais e comunitárias.

O trabalho com os dados de logradouros revela uma inquietação científica ainda maior, que consiste em entender o conceito de homenagens na perspectiva sociológica. Tornou-se importante entender como se dá o processo de homenagem a uma pessoa; quais pessoas são “homenageáveis”, por assim dizer; e quais são os fatores que motivam os prestadores da homenagem, para tal. Além da busca

pela compreensão dessas mesmas marcas de visibilidade em outras cidades; é interessante saber se há denominações em espaços públicos ou referências semelhantes, às comunidades imigrantes polonesas em outros locais em que estes chegaram. Todas essas questões ainda estão por ser estudadas na sociologia e há a intensão de que suas respostas sejam frutos de trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLETIM INFORMATIVO CASA ROMÁRIO MARTINS. *Mercês, do túnel do pirata ao Bar Botafogo*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. Vol. XII. Nº 74. Julho 1985.

_____. *Santa Cândida, pioneira da Colonização Linista*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. Nº 16. Dezembro 1975.

BOSCHILIA, R. org. *Reconstruindo Memórias: os poloneses do Santo Inácio*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.

COULON, A. *A Escola de Chicago*. 1º Edição. Campinas: Papirus, 1995.

CARNEIRO JÚNIOR, R.A. *Personagens da História do Paraná - Acervo do Museu Paranaense*. Curitiba: SAMP – Museu Paranaense, 2014. P.25.

ENGELS, F. *A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. (p. 131 a 134).

EUFRÁSIO, M. A. *Resenha* - THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. *El Campesino Polaco en Europa y en América*. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GOULART, M. do C. R. K. *A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro*. 1º edição. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau. Parte II. 1984.

_____. *Saporski e a Transmigração Polonesa em 1891*, Revista Projeções, Vol. II, p. 65-73. II- 2000.

HONNETH, A. *Luta por Reconhecimento*. 2º Edição. São Paulo: Editora 34. 2009. Parte II.

IANNI, O. *Raça e Classes Sociais no Brasil*. 1º Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1966. Parte III.

_____. *As Metamorfoses do Escravo*. 2º Edição. São Paulo, Hecutec. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

IPPUC: Instituto de Patrimônio e Planejamento Urbano de Curitiba. *Curitiba Mapa e Índice de ruas e loteamentos*. Curitiba: IPPUC, 2008.

KANASHIRO, M., *Paisagens Étnicas em Curitiba: um olhar histórico-espacial em busca da entopia*. Universidade Federal do Paraná. Cap. III. Curitiba. 2006.

MARTINS, C.R.K. *Gleba Orle: Uma das Últimas Colônias de Poloneses Fundadas no Brasil*. In: Revista Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba: Editora Braspol, ano III, p. 38-48. I/2001.

MIKA, R. Ir. *100 anos educando gerações: 1912/2012*. Curitiba: Colégio Estadual Santa Cândida, 2012.

MUZZILLO, C. *1001 Ruas de Curitiba*. Curitiba: Artes e Textos, 2011.

NADALIN, S.O. *Paraná: ocupação do território, população e imigrações*. Curitiba: SEED, 2001.

NICOLAS, M. *Alma das Ruas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, Vol. I, 1969.

_____. *Alma das Ruas*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, Vol II, 1974.

_____. *Alma das Ruas*. Curitiba: Fundação Cultural-Casa Romário Martins, Vol. III, 1981.

_____. *Alma das Ruas*. Curitiba: Fundação Cultural-Casa Romário Martins, Vol. IV, 1984.

OLIVEIRA, M.B.S. *Organizações sociais dos Imigrantes Poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938)*. In: *E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. LIMA, Ismênia de, HECKER Alexandre, org. 1ªed. São Paulo: Expressão e Arte editora, 2010.

_____. *O tema da imigração na sociologia clássica*. DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, no 1, 2014, pp. 73 a 100.

_____. *A Inesperada Descoberta de Octavio Ianni*. Revista Sociedade e Estado, vol.30, n. 3. Setembro a dezembro, 2015. P.799 a 817.

OLIVEIRA, R.C. *Na teia do Nepotismo*. Curitiba: Insight Editorial, 2012.

OBRZUT, L. C. *A Colônia Polonesa de Tomás Coelho e a Represa do Rio Passaúna – a Interface entre Tradição e Progresso*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

PALECZNY, Tadeusz. *Núcleos Polônicos no Brasil: Reservas de monoetnicidade ou enclaves de multiculturalismo?* In: Revista Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba: Editora Braspol, ano II, p. 17-38, II-2000.

PINTO, R.C., MIZUTA, C. M. Breve Biografia de Zacarias de Góes e Vasconcellos. In: 4º Encontro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Artes. Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná. (2011).

SANTOS, C. R. A. dos. *Vida material vida econômica*. Curitiba: SEED, 2001. Cap. II e III.

SIMMEL, G. *Sociologia*. Revista del Occidente: Madrid. 1927. Cap. IX.

WACHOWICZ, R. C. *Abranches: Um estudo de História Demográfica*. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina. 1976. Cap I e IV.

_____. *Orleans: Um século de Subsistência*. Curitiba: Edições Paiol, 1976.

_____. *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.

_____. “Saporski: um pioneiro polono-brasileiro”. Revista projeções, ano II, p. 107-146, II- 2000.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 5ª Edição. Brasília: Editora da UnB, 1991. Vol. I. Cap. VII.

WHYTE, W. F. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

WONS L. *IPPUC - Nosso Bairro: Orleans*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Abranches*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Santa Cândida*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Santa Felicidade*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Cajuru*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Cidade Industrial*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Sítio Cercado*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Boqueirão*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Riviera*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Rebouças*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Batel*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: São Francisco*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Centro*. Curitiba: IPPUC, 2015.

_____. *IPPUC – Nosso Bairro: Jardim das Américas*. Curitiba: IPPUC, 2015.

INFORMAÇÕES SOBRE A UNIÃO NOVA ORLEANS. Disponível em:
<http://www.uniaonovaorleans.com.br/oclube.asp> Acesso em 28/02/2016.

MAPA da cidade de Curitiba entre os anos de 1947 a 1953. Disponível em:
www.museuparanaense.pr.gov.br . Acesso em 13/11/2015

MAPA da Região Metropolitana de Curitiba. Disponível em:
http://www.comec.pr.gov.br/arquivos/File/Mapas2013/RMC_2013_Politico.pdf Acesso em 26/09/2015.

MAPA da Polônia ocupada. Disponível em:
<http://www.rymaszewski.iinet.net.au/3maps.html>. Acesso em 26/09/2015

ORIGEM DE SOBRENOMES. Disponível em: <http://pt.geneanet.org/>
Acesso em 24/02/2016.

TRAJETÓRIA de Edwino Donato Tempski. Disponível em:
www.academiapr.org.br. Acesso em 14/03/2016.

VEREADORES de Curitiba desde 1947. Disponível em:
http://www.cmc.pr.gov.br/down/NOSSA_MEMORIA/vereadores_de_curitiba.pdf. Acesso em: 17/04/2015

VIDA DE ADVIGA LIPINSKI. Disponível em
http://www.cmc.pr.gov.br/rua_hist.php. Acesso em 16/11/2015

VIDA DE JOHANES GUTEMBERG. Disponível em:
<http://www.infoescola.com/biografias/johannes-gutenberg/>. Acesso em 24/02/2016

VIDA DE LADISLAU LACHOWSKI. Disponível em
http://memoria.bn.br/pdf/171395/per171395_1959_00045.pdf. Acesso em 14/11/2015.

VIDA DE LADISLAU LACHOWSKI. Disponível em
<http://juventuspl.blogspot.com.br/>. Acesso em 14/11/2015

VIDA DE LOUIS PASTEUR. Disponível em:
<http://educacao.uol.com.br/biografias/louis-pasteur.htm>. Acesso em
[24/02/2016](#).

VIDA DE MARIE CURIE. Disponível em:
http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_29/MarieCurie.html Acesso
em 07/02/2016.